

1848
1849
1850
1851
1852
1853
1854
1855
1856
1857
1858
1859
1860
1861
1862
1863
1864
1865
1866
1867
1868
1869
1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

1900

1900

LIÇÕES
DE
HISTORIA DO BRAZIL

PARA UZO
DOS ALUMNOS DO IMPERIAL COLLEGIO,

DE
PEDRO SEGUNDO

POR
JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

PROFESSOR DE CHOROGRAPHIA E HISTORIA DO BRAZIL

NO MESMO COLLEGIO.



RIO DE JANEIRO
TYP. IMPARCIAL, DE J. M. N. GARCIA,
RUA DA CARIOCA N. 34.
1861.

† 277

1870

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1870

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

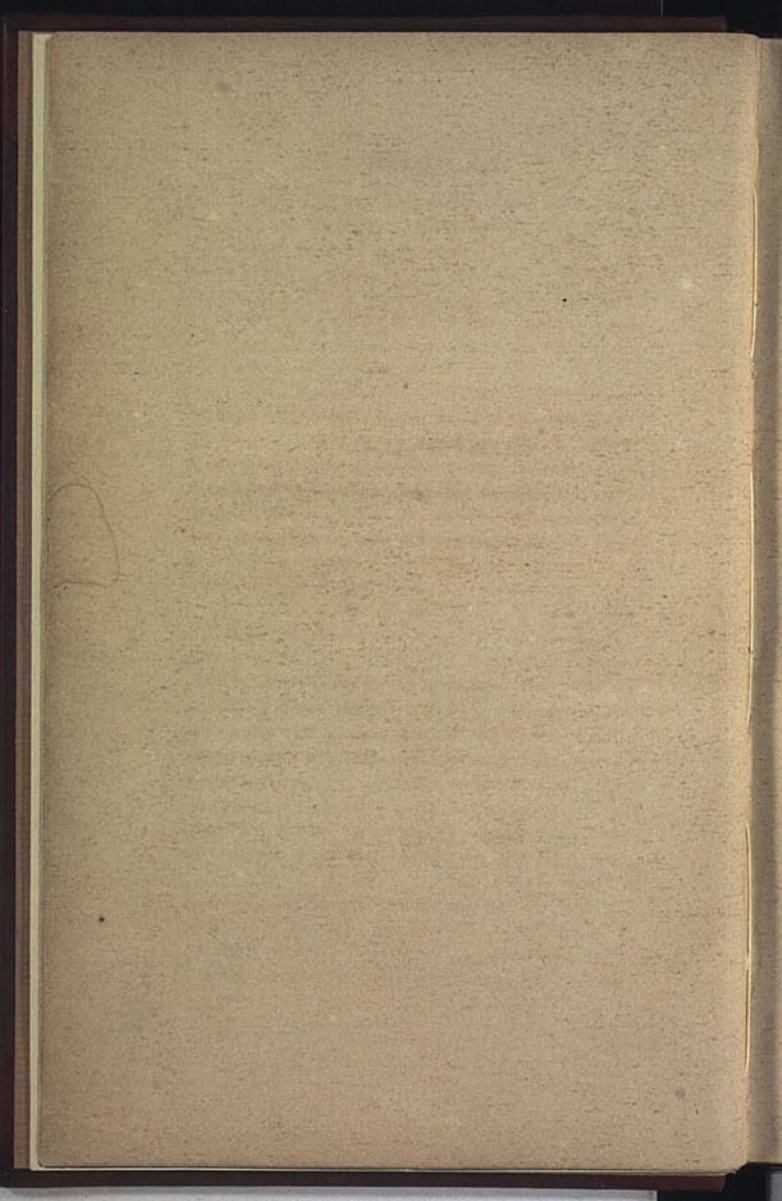
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

108

COMPENDIO

PARA OS ALUNNOS DO QUARTO ANNO.



PREFACIO.

Professando desde alguns annos a Historia do Brazil no Imperial Collegio de Pedro II, reconhecemos no fim de breve experiencia que se fazia sentir a falta de um compendio dessa materia que fosse escripto e methodizado de harmonia com o systema de estudos adoptado naquelle importante estabelecimento, e tambem comprehendemos que á nós como professor da cadeira respectiva, cumpria mais que á outro qualquer procurar satisfazer uma tal necessidade.

Em desempenho do nosso dever mettemos hombros á empreza, tendo sempre de memoria que escreviamos para estudantes, cuja intelligencia já um pouco dezenvolvida não tinha de contentar-se com uma restricta exposição de factos e simples recordação de datas e ainda não bastante esclarecida mal podia elevar-se ás alturas de transcendentis apreciações philosophicas. Marcando á nossos passos um caminho que assim se desviava de dous extremos opostos, não sabemos se alguma vez ou muitas nos apartamos da senda que pretendemos seguir ou se acertadamente attingimos o nosso fim.

A tarefa de que nos encarregamos difficil e espinhoza em muitos sentidos, mostrou-se-nos entretanto menos rude; porque não hesitamos em pôr em abundante tributo a nosso favor algumas obras antigas e modernas sobre a

PREFACIO.

Historia Patria, e mais que muito a Historia Geral do Brazil do Sr. Varnhagen, que especialmente em verificação de factos e de datas é a melhor de quantas até hoje temos estudado. Assim não nos apavõna a pretensão de ter escripto couzas novas; adaptamos apenas ao methodo que empregamos, o que outros escreverão antes e melhor do que nós o poderíamos fazer: sabemos disso, e dizemo-lo o primeiro antes de todos.

Entregando aos nossos juizes este 1º volume que comprehende a parte da Historia do Brazil designada para o estudo dos alumnos do 4.º anno do Imperial Collegio de Pedro II, esperamos a sua justa decizão sobre o merecimento que por ventura elle possa ter para ou abandonar um empenho que se conhecerá superior ás nossas forças, ou proseguir nelle com dobrada animação, se o principio da obra fizer acreditar que vale a pena leva-la ao cabo.



LIÇÃO I.^a

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.

No começo do decimo quinto século um acontecimento de evidente importancia veio dar novo fundamento á gloria de Portugal, reino de muito estreitos limites, que se desmembrara da Hespanha, e cujo povo já se fazia notavel por seo espirito marcial e por sua constancia e bravura.

D. João, o mestre de Aviz, filho natural de D. Pedro o Justiceiro, tinha, por mórte de seo irmão D. Fernando, em 1385, sido proclamado rei de Portugal pelas côrtes ou estados geraes do reino, e havia firmado inhabalavelmente o seo throno na famosa batalha de Aljubarrota, triumphando de D. João 1.^o de Castella, que lh'o disputava. 1385.

O novo rei de Portugal via-se rodeado de filhos ardentes e bellicosos, e tambem entrava nos calculos de sua politica o não dar tempo a arrefecer os impetos guerreiros do seo povo : a paz fatigava o monarcha, os principes e os vassallos, e em falta de aggressão que repellir D. João attendeo aos infantes que lhe propunhão a conquista de Ceuta.

Ceuta fôra chamada a chave da christandade e

o terror das Hespanhas : era uma das mais ricas cidades da Mauritania : outr'ora arrojava de seu seio enxames de mouros e de arabes, que ião campear na península iberica, e ainda no século decimo quinto mandava repetidas vezes soccorros aos mouros de Granada : além disso os navios de Portugal e da Hespanha, que passavão o estreito, erão obrigados, ancorando em Ceuta, a pagar um tributo, a menos que quizessem ser tratados como inimigos,

D. João 1.º não recebêra offensas dos mouros d'África; em nome porém da religião tomou as armas, e seguido de seus filhos foi com uma poderosa armada atacar a opulenta cidade : os alfanges mauritanos não puderão resistir ás pesadas espadas portuguezas; Ceuta cahio, e o anno de 1415 em que este acontecimento teve lugar, ficou marcado nos fastos das glorias lusitanas.

A conquista de Ceuta não foi provavelmente o principio da execução de um vasto plano de emprezas maritimas, que devião acabar por abrir um caminho para as Indias, dobrando-se a extrema meridional da Africa; foi porém um incentivo poderoso para se chegar pouco a pouco á esse grande resultado com que aliás é bem de crer, não se calculára; foi o primeiro anel de uma cadeia immensa de tentativas e de empenhos audaciosos arriscados, e bem succedidos.

Entre os illustres filhos de D. João 1.º distinguia-se por seos estudos de astronomia e de cos-

mographia, por seo decidido gosto pela navegação, e emfim por sua vontade forte e animo ousado, o infante D. Henrique, duque de Vizeu. Tinha elle tomado parte muito gloriosa na expedição e conquista de Ceuta, e já antes de 1415 começara a esforçar-se por dar impulso em Portugal ás em-
prezas maritimas, pois que em 1412, e quando apenas contava dezoito annos de idade, mandára
alguns navios ao descobrimento da costa africana, e a dobrar o cabo de *Não*, de que se dizia: « Quem
passar o cabo de *Não*, voltará ou não. »

Mas deixando Ceuta e tornando á Portugal, sentira o inclito infante mais vivo e impetuoso o seu ardor pelas viagens e descobertas maritimas: na cidade africana houvera dos mouros informações preciosas e incitadoras; e com as noticias, que estes lhe derão, dos desertos do Sahara e das terras habitadas pelos Azenegues acendêrão-se em seo animo exaltado esperanças, que tinhão de ficar muito á quem da realidade em relação a importancia dos subsequentes descobrimentos. Todo occupado em dar execussão a seos grandiosos projectos, o principe empregou as proprias riquezas e as avultadas rendas da ordem de Christo de que era grão mestre em fundar no Algarve na praia de Sagres, e junto ao cabo de S. Vicente a Tercena Naval e ahí a celebre escola de Sagres, cujo nome e bella memoria se prendem a todos os brilhantes feitos dos navegantes portuguezes daquella época.

Dessa escola, da intelligencia esclarecida e da animação calorosa do infante D. Henrique proveio uma série de viagens e de descobertas marítimas, que acabáráo por facilitar a realisação de outras verdadeiramente admiraveis e estrondosas. O príncipe fazia construir navios, confiava-os aos pilotos os mais habéis, que sabia chamar a seo serviço, passava a estes as suas idéas, illuminava-os com sabias instruções, e cada tentativa bem succedida vinha dar ainda mais fervor ao empenho de effectuar outras.

Foi assim que desde os annos de 1417 a 1418 e d'ahi por diante consecutivamente Bartholomeo Perestrello, João Gonçalves e Tristão Vaz, Gil Eannes, Gonçalo Velho Cabral, Nuno Tristão, Diniz Fernandes, Cadamosto, e outros navegantes conseguirão descobrir grande parte da costa occidental da Africa, dobrar seos cabos, e chegar a o conhecimento e conquista de um grande numero de ilhas, cuja existencia era completamente ignorada.

No reinado de D. João 1.^o, no de D. Duarte, e nos vinte e dous primeiros annos do de Affonso 5.^o prezidio sempre, e encorajou estas empresas o inclito infante D. Henrique, até que a morte veio rouba-lo a Portugal no dia 13 de Novembro de 1460; o impulso porém esta dado, e o ardor dos portuguezes pelas descobertas e conquistas de novas terras ficou-lhes como uma herança gloriosa legada pelo grande príncipe.

Immensa e decisiva influencia exerceo o magna-

13 de
Novembro
de 1460.

nimo infante sobre o futuro de Portugal, que incontestavelmente lhe deve a origem da sua prosperidade, e do poder que teve no mundo. Foi elle sem duvida que deo occasião á viagem promissora e esperançosa de Bartholomeu Dias, que depois se determinou, e aos triumphos de Vasco da Gama que ainda mais tarde conseguiu dobrar o cabo tormentorio e chegar ás Indias: é deste principe enfim que os portuguezes do seculo decimo sexto poderião dizer, o que dizia Philippe 2.^o de Fernando de Aragão: « É a elle que nós devemos tudo. »

Mas é preciso convir que o genio e a constancia do infante D. Henrique tiverão um poderoso auxiliar, e elementos de triumpho, que os tempos atrazados não lhes darião, e que no entanto havião concorrido para que elles actuassem naquella época. A pheniz da civilização renascia das cinzas, a que a tinham reduzido as devastações dos barbaros: o espirito humano já se denunciava forte para encetar a obra da regeneração da Europa; as cruzadas tinham provocado notaveis melhoramentos na navegação: a bussola permittio a os navegantes penetrar nos dezertos do oceano; e o exemplo dos catalães, e dos italianos de Veneza e de Florença, e o reconhecimento e conquista das Canarias pelos hespanhões em 1402 excitirão a emulação dos portuguezes despertada por um homem, que foi a todos os respeitos inclito, egregio, e capaz e digno de guia-los pelo caminho da gloria.

Tinha porem o infante D. Henrique desde o começo das suas emprezas o pensamento de executar a circumnavegação da Africa e de chegar por esse caminho ás Indias?.. é difficil ou impossivel assegurar-lo. É certo que as noticias confusas das viagens de Hannon, e ainda as mais antigas das dos phinicios do tempo de Necháó, que aliás passavão então por fabulosas, podião suscitar no animo do principe aquella idéa ousada e romanesca; se porém ao dar principio ás suas expedições não levava ainda em mente um plano tão vasto e admiravel, ha fórtes razões para crer que annos depois nutrio a esperança de effectua-lo.

1456. No anno de 1456 o papa Calixto 3.º concedeo pela bulla « inter cœteras quæ nobis » a o principe D. Henrique, como gram mestre da ordem de Christo as terras que fosse descobrindo *até as Indias* « ultram illam meridionalem plagam usque ad Indos adquisitis et acquerendis » e d'aqui naturalmente se deduz que já brilhava no espirito do grande infante o pensamento de chegar *até as Indias*, projecto magestoso sem duvida; mas que não estava a cima do seo genio, embora não lhe fosse dado realisa-lo.

A morte privára o infante D. Henrique de colher todos os louros e proveitos que lhe garantia a bulla de Calixto 3.º e que elle ambicionava por amor da patria; mas o seo potente influxo continuava a impellir os navios portuguezes para o sul e para a circumnavegação da Africa.

Toda a costa occidental dessa parte do mundo conhecido estava descoberta desde o cabo Bojador quasi até a serra Leôa : as expedições se succederão com prospero resultado nos ultimos annos do reinado de Affonso 5.º e no de D. João 2.º que começou em 1481, se renovarão com ardente empenho. Em 1486 sahio do Tejo Bartholomeo Dias encarregado do descobrimento do grande cabo, que termina a Africa ao sul. O habil piloto logrou dobra-lo sem que com tudo disso se percebesse, por te-lo rodeado muito ao largo : depois de longa derrota os clamores da gente dos navios obrigarão Bartholomeo Dias a retroceder, e de volta avistou elle o dezejado *cabo*, a que chamou das *Tormentas* pelas que nelle experimentára, e foi chegar a Portugal em Dezembro de 1487. D. João 2.º quasi presagiando o futuro, quiz que o cabo se chamasse da *Bôa Esperança*, nome que ainda hoje conserva.

1486.

Quando porém Bartholomeo Dias conseguiu dobrar, embora sem o sentir, o cabo tormentoso, já um homem extraordinario occupava a attenção das côrtes da peninsula iberica com um projecto ainda mais audacioso, do que esse, em que se empenhavam os portuguezes.

Christovão Colombo, genovez, profundo conhecedor de quanto naquella época se podia saber de navegação, astronomia e cosmographia, andava offerecendo-se para descobrir e patentear terras desconhecidas da Asia, seguindo caminho opposto à

aquelle, que tratavão de abrir os navegantes de Portugal.

Colombo conhecia as theorias da antiga escola italiana relativas à esphericidade do mundo e à existencia dos antipodas, doutrina que anathematizada em certo tempo, tornava-se de dia em dia mais commum: ora se a terra era espherica, poder-se-ia passar de um meridiano a outro ou seguindo a direcção do oriente, ou a direcção opposta: consequentemente regiões desconhecidas da Asia tinham de ser encontradas por aquelle que as fosse buscar, navegando para o occidente. Era sobre este raciocinio de extrema simplicidade que se apoiava Colombo: seos calculos bazeavão-se pois em um erro que posteriormente se reconheceo; mas á esse erro feliz, á reflexão profunda de Colombo, e á sua constancia e animo imperturbavel deve-se á descoberta do novo mundo.

Além da luz brilhante que em seu espirito cultivado acendia a sciencia, além do apoio que dera ás suas idéas o mais habil geometra da época, Paulo Toscanelli, de Florença, á quem consultára, Colombo sentia-se impressionado por noticias vagas e informações de certos casos que se haviam observado, e que coincidião com a sua crença. Os habitantes das Canarias afirmavão que descobrião muitas vezes ao occidente uma grande ilha montanhosa, e que embora alguns navegadores, que tinham ido procurar encontra-la, o houvessem feito infructuosamente, não menos continuavão a acreditar

na sua existencia. O nome de ilha de S. Brandão chegou a ser dado a essa illusão de optica. Pilotos que haviam avançado além dos Açores fallavam em terras desconhecidas: uns tinham visto fluctuar sobre as ondas troncos de arvores estranhas á vegetação do occidente da Europa; outros pretendião ter observado pedaços de madeira esculpida mas não com instrumentos de ferro; á alguns emfim tinham apparecido cadaveres de homens brancos ou cõr de cõbre, que denunciavão outras raças que não as occidentaes, asiaticas, ou africanas.

Havia talvez mais imaginação que verdade em taes noticias; mas todos esses misteriosos testemunhos da existencia das terras, com que Colombo sonhava, erão novos argumentos de que elle se servia para recommendar os seos projectos; õs meios porém de po-los em execussão lhe faltavão: diz-se que os fõra pedir á sua patria, e á Inglaterra; mas a Italia se achava dividida em pequenos e fracos Estados sempre revoltos, e obrigados a defender sua independencia ameaçada por condittieri ambiciosos, e as duas republicas maritimas aspiravão antes á conservar o monopolio dos mares, onde já o exercião, do que a ir procurar novos domínios a travez de perigos que não podião medir. A Inglaterra devorada pela guerra civil das *duas rozas* podia sómente cuidar no restabelecimento de sua paz interna, e em curar suas profundas feridas. Nem mesmo recorreria Colombo confiadamente á França, que passára do dominio de um rei todo po-

sitivo e avaro para o de um príncipe aventureiro, que se arrojava á conquistas tão faceis de realizar como difíceis de conservar.

Restavão á Colombo Portugal e a Hespanha. Portugal foi o paiz, á que em penultimo lugar veio Colombo propôr a realisação do seo magestoso pensamento. D. João 2.^o fez examinar pelos seus sabios, e pelos seus ministros, os planos do piloto genovez. Martin Behaim de Nuremberg, como o homem que representava as idéas mais avançadas, que então se possuíão sôbre geographia, foi um dos que reputarão quimericas ás pretensões de Colombo. Entretanto assegura-se que alguns conselheiros menos conscienciosos movêrão o rei a reter com falsas esperanças o homem que d'elle confiára seus planos, emquanto se mandassem habeis navegantes adiantar-se para o occidente, afim de ver se descubrião as terras sonhadas por aquelle que consideravão visionario. Colombo indignado escapou-se de Portugal, e procurou a Hespanha, como seo ultimo recurso.

1485. Em 1485 entrou elle nos dominios de Fernando de Aragão e Isabel de Castella, e ahi, depois de lutar com embaraços de toda especie, ora porque a guerra contra os mouros occupava exclusivamente todos os cuidados dos soberanos; ora por que tambem nos conselhos d'estes reputarão-se vão e loucos os seus intentos, acabou emfim, e quando já tocava ao desespero, por conseguir graças principalmente á intervenção da rainha, um

fraco auxilio, mercê do qual armou trez caravellas no porto de Palos, e tomou por companheiros na famosa empreza os irmãos Martin Alonso Pinçon, e Vicente Yanez Pinçon, que de muito soccorro lhe tinham sido, e que receberão o commando de dous dos pequenos vasos.

A fraca expedição composta dos trez navios *Santa Maria, Pinta e Nina* sahio ao mar no dia 3 de Agosto de 1492, e depois de dous mezes e nove dias de navegação trabalhosa e anhelante, em que o animo, a confiança, e a paciencia chegarão a faltar a quasi todos os companheiros de Colombo foi soltado o grito animador, que annunciava a terra promettida pelo genio.

3 de
Agosto de
1492.

A America, que assim veio a chamar-se o novo mundo, foi por este sublime arrojado de um homem superior, descoberta no dia 12 de Outubro de 1492, sendo o primeiro ponto em que desembarcárão os navegadores uma ilha, a que Colombo deu o nome de S. Salvador, e que os naturaes chamavão Guanahani.

12 de
Outubro
de 1492.

A noticia d'este importantissimo descobrimento chegou á Europa em 1493 trazida pelo proprio Colombo que tocando em Lisbôa antes de aportar em Palos testemunhou o arrependimento de D. João 2.º e o despeito de seos ministros, como logo depois o enthusiasmo da Hespanha.

1493.

Tinha sido porém o novo mundo sempre desconhecido aos homens, ou tiverão d'elle outr'ora conhecimento os antigos?... a Atlantide de Platão, os

continentes que situados para as bandas do occidente demoravão defronte da entrada do Mediterraneo, de que falla Strabão (*); as ilhas afortunadas dos antigos, que talvez não fossem as Canarias, terião alguma couza de commum com as ilhas e o continente da America?... é o que não se conseguiu ainda esclarecer. Fez a America parte da Asia ou era unida a ella, e um cataclysmo veio separa-las um dia, substituindo á algum isthmo o estreito de Bhering?... é uma hypothese que se comprehende, mas não um facto que se possa assegurar.

Em relação á primeira d'essas duas questões o que se offerece com fundamento mais seguro, e grão de certeza é que no fim do seculo decimo os escandinavos que tinhão passado á Islandia, descobrirão a Groenlandia e a frequentarão durante tres seculos: attribue-se á Eric-Randa e ao anno 982 este descobrimento, que aliás ficou perdido, ou foi desprezado pelos escandinavos. A Europa nem tomou nota, nem se aproveitou d'esse achado maritimo de Eric, e effectivamente a gloria de descobridor do novo mundo pertence á Christovão Colombo, bastando-lhe em materia de injustiças n'este mundo, as immerecidas e indignas perseguições que soffreo, e a desdita que ainda perseguio sua me-

(*) « É muito possível; diz Strabão, que seguindo a traves do oceano Atlantico o paralelo de Thine (ou de Athenas segundo uma correção proposta pelo ultimo editor) se encontre ainda nesta zona temperada, um ou muitos mundos povoados por homens de raças diferentes da nossa. » — Humboldt — Cosmos — Tom. — 2.º — pag. 159.

moria, pois que não o seu nome, e sim o de Americo Vesputio, aliás alheio a esta verdadeira usurpação, ficou ligado ao novo continente.

Mas enquanto D. João 2.^o maldizia da sua incredulidade, o rei da Hespanha já zeloso de suas recentes e incalculaveis possessões do outro lado do Atlantico, tratava de assegurar o dominio d'ellas, e como n'aquelles tempos o arbitro supremo dos reis christãos era o chefe da christandade, ao papa recorreo para esse fim. Alexandre 6.^o foi prompto em acceder a um tal pedido; e as concessões á Hespanha estendêrão-se á todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir, que ficassem á leste de uma linha meridiana imaginada á cem legoas das ilhas dos Açores, e de Cabo Verde.

O rei de Portugal acudio aos seus interesses e direitos feridos pela bulla de Alexandre 6.^o, que annullava disposições que lhe erão muito favoraveis, e que tinham sido tomadas a favor de Portugal por outros papas como Nicoláo 5.^o, e Calixto 3.^o, e Sixto 4.^o que as confirmára a elle D. João 2.^o. Depois de fazer chegar suas queixas á o proprio Alexandre 6.^o, e de repeti-las aos soberanos christãos, o monarcha portuguez preparou-se para sustentar seus direitos pelas armas, e fez aprestar com esse fim uma armada, para o commando da qual chegou a ser nomeado D. Francisco de Almeida.

Felizmente a guerra não rompeo : os reis de Hespanha e de Portugal chegarão a um accordo, que pelo menos adiou suas duvidas e desintelligen-

cias : Pero Dias e o celebre chronista Ruy de Pina por parte do ultimo, e Garcia de Carvajal, e Pedro d' Ayala em nome do primeiro entrão em ajustes, que se concluirão pela convenção de Tordesilhas celebrada a 7 de Junho de 1494, conforme a qual se determinou que contando trezentas e sessenta legoas desde as ilhas de Cabo Verde para o occidente e tirando por esse ponto uma linha imaginaria que passasse pelos polos da terra, e dividisse o globo em dous hemispherios, ficasse o occidental pertencendo aos reis catholicos. e o oriental aos portuguezes, para nelles continuarem livremente os seus descobrimentos. A convenção de Tordesilhas era portanto apenas uma modificação da bulla de Alexandre 6.º, e nem foi, nem poderia ser bastante positiva para impedir futuras complicações, e para resistir à força dos interesses das duas potencias, e a natureza dos proprios descobrimentos, que devião não tarde torna-la inadmissivel.

7 de
Junho de
1494.

25 de
Outubro
de 1495.

Destruídos os germens da guerra, nem por isso se descuidou D. João 2.º de activar os aprestos da armada, que já destinava a outro fim mais util, que não lhe foi dado attingir, por que morreo a 25 de Outubro de 1495.

D. Manoel, o successor de D. João 2.º, que o fizera ainda bem moço tomar por diviza a *esphera do mundo* : apenas vio prompta a armada, confiou o commando della à Vasco da Gama, e fe-lo partir em demanda das Indias a 8 de Julho de 1497. Vasco da Gama completou a obra de Bartholomeo

Dias, e mais feliz que este, avistou o cabo da Boa Esperança, e dobrou-o a 22 de Novembro; marcou a sua derrota com numerosos descobrimentos, correu a costa oriental da Africa, triumphou de todos os perigos, chegou a Calicut, onde o Samorim o recebeu com benevolencia, e depois armou-lhe ciladas, que a constancia dos portuguezes annullou; fez ouvir com respeito no Indo o nome de Portugal, e em fim lançada a primeira pedra do monumento do imperio lusitano nas Indias, voltou outra vez a travez de temiveis obstaculos, e a 29 de Julho ou de Agosto de 1499 entrou no Tejo, e saudou Lisboa, que o applaudio arrebatada.

Os titulos e honras de conde da Vidigueira, e de almirante dos mares orientaes, e a mais alta consideração do soberano fôrão as recompensas de Vasco da Gama. Tambem os seus serviços erão incontestavelmente de uma importancia consideravel: além dos descobrimentos effectuados e da gloria e prestigio que delles resultava para Portugal, o caminho que ficava aberto para as Indias offerecia incalculaveis vantagens commerciaes e ia dar impulso vehemente á navegação e industria dos portuguezes.

O seculo decimo quinto acabava com estrondo, e parecia querer assim annunciar a nova época de progresso e de civilização, que apenas começava. Fôra um seculo preparador da regeneração da Europa, e tinha acendido enches de luz para guiar o espirito humano nos trabalhos de uma obra verdadeiramente providencial.

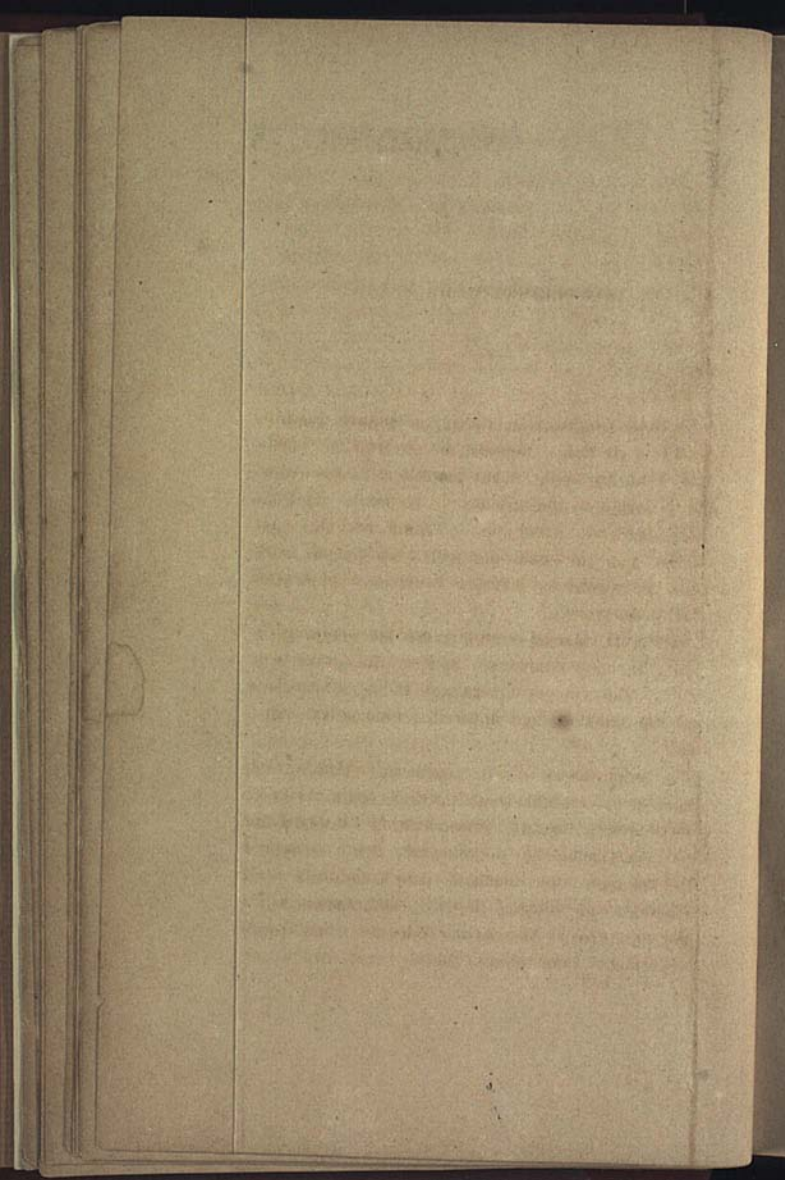
A queda do baixo imperio e a invasão dos musulmanos espalhava pelo sul da Europa a civilização grega, que fugia do imperio, que baqueava em Constantinopla; o emprego da polvora modificava a arte da guerra e nos campos de batalha igualava as forças dos cavalleiros e dos peões; a bussola patenteava aos navegantes toda a vastidão dos oceanos; a invenção da imprensa realisava a transmissibilidade illimitada dos pensamentos, e preparava o enobrecimento e liberdade dos povos: o ultimo decenio emfim desse portentoso seculo abria novos horizontes ao commercio, á industria, e á civilização, creava novos interesses, e novas aspirações, e tudo isso se combinava para mudar a face do mundo.

Ainda porém não haviam chegado ao seo termo as consequencias das grandes emprezas do infante D. Henrique. O descobrimento realisado por Colombo, e a viagem de Vasco da Gama vão produzir brilhantes e inesperados resultados.

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO I.^a

Considerações Preliminares.

| PERSONAGENS : | ATTRIBUTOS : | FEITOS E ACONTECIMENTOS : | DATAS. |
|---|--|---|---------------------------|
| D. JOÃO I. ^o — O Mestre d'Aviz. | Rei de Portugal. | Succede a seu irmão D. Fernando no throno de Portugal | 1385 |
| | | Firma o seu throno triumphando em Aljubarrota. | 1385 |
| | | Conquista Ceuta | 1415 |
| | | Morre | 1433 |
| HENRIQUE DE PORTUGAL — O Navegador. | } Quarto filho de D. João I. ^o , Grão Mestre da Ordem de Christo. | Manda dobrar o cabo de <i>Não</i> | 1412 |
| | | Manda muitos navegantes que descobrem grande parte da costa occidental da Africa, e muitas ilhas. | 1417, e 1418 a . . . 1433 |
| CALIXTO III. ^o | Papa. | Morre | 13 de Novembro de 1460 |
| | | Faz pela bulla <i>inter ceteras quas nobis concessão</i> das terras que descobrisse <i>ad Indas</i> ao infante D. Henrique, como grão mestre da ordem de Christo. | 1436 |
| | | Sobe ao throno de Portugal. | 1481 |
| | | Manda Bartholomeo Dias ao descobrimento do grande cabo que termina a Africa ao sul. | 1486 |
| D. JOÃO II. ^o — O Principe perfeito ou o grande. | Rei de Portugal. | Manda aprestar uma armada com o fim de guerrear a Hespanha por cauza das concessões que esta obtivera de Alexandre 6. ^o depois do descobrimento realisado por Colombo. | 1493 |
| | | Chega a um accordo com a Hespanha pela convenção de Tordezilhas. | 1494 |
| | | Morre | 1495 |
| D. MANOEL — O Afortunado. | Rei de Portugal. | Sobe ao throno de Portugal. | 1495 |
| | | Manda na armada que o seu antecessor apparelliara, Vasco da Gama ao descobrimento das Indias. | 1497 |
| BARTHOLOMEO DIAS. | Navegador portuguez. | Dobra o cabo, á que chama das Tormentas. | 1486 |
| | | Volta e chega á Portugal, e D. João 2. ^o muda o nome das Tormentas dado ao cabo pelo da Boa Esperança. | 1487 |
| CHRISTOVÃO COLOMBO. | Navegador genovez. | Sabe do porto de Palos ao descobrimento das terras, cuja existencia assegurava | 3 de Agosto de . . . 1492 |
| | | Descobre o novo mundo | 12 de Outubro de . . 1492 |
| | | Chega á Europa, e espalha-se a noticia do descobrimento, que effectuára | 1493 |
| VASCO DA GAMA. | Almirante portuguez. | Sabe de Lisboa ao descobrimento das Indias. | 8 de Julho de . . . 1497 |
| | | Chega a Portugal com a noticia de seus triumphos. | 1499 |



LIÇÃO II.^a

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

O feliz resultado da viagem e empreza confiada a Vasco da Gama impunha ao governo de Portugal a obrigação de novos empenhos : estava aberta a navegação do oriente, e os mares da India offerecião aos navegantes o commercio da especiaría, que até então era feito pelo Egipto, e de que as republicas italianas exercião o monopolio no Mediterraneo.

ElRei D. Manoel tratou como lhe cumpria, de assegurar esse commercio ao seu paiz, e de plantar a influencia portugueza nas Indias, e para um tal fim mandou logo apparelhar uma outra esquadra.

A importancia d'esta expedição reclamava um homem de capacidade e prestigio para dirigi-la. Pedr'Alvares Cabral, descendente de nobre estirpe, governador da provincia da Beira, e senhor de Belmonte, foi escolhido para commandar essa esquadra, que constou de treze embarcações, sendo dez caravellas, e trez navios redondos, concorrendo negociantes com alguns d'esse vazos. Mil e qui-

nhentos soldados além da gente de marinha formava a guarnição da esquadra.

Uma pequena solemnidade marcou a partida d'aquelles que devião continuar a obra começada pelo Gama: na vespera do dia designado para ella ElRei D. Manoel seguido da sua côrte, e de numerozo concurso de povo dirigio-se para a Igreja do mosteiro de Belém, defronte da qual a frota se achava fundeada. D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, celebrou pontifical e recitou um sermão allusivo ao caso: concluida a solemnidade religiosa o bispo tomou do altar um estandarte com as armas de Portugal, e depois de abençoa-lo, o entregou ao rei, que em presença de todos o passou ás mãos de Cabral, a quem tivera sempre ao lado na real tribuna. O estandarte foi levado em procissão até a praia, onde o rei se despedio de Cabral e dos outros capitães, que lhe beijarão, a mão, e que se embarcárão no meio das acclamações do povo e das salvas de artilharia.

9 de
Março de
1500.

No dia seguinte, 9 de Março de 1500 que foi uma segunda feira, a esquadra desceo o Tejo demandando o oceano: no fim de treze dias chegou a Cabo Verde, tendo passado á vista das Canarias a 14 do mez: sem que houvesse occorrido temporal, e sem cauza apreciavel tinha-se desgarrado o navio de Vasco de Athaide, que aliás arribou a Lisbôa maltratado: Cabral depois de esperar inutilmente por essa caravella, que lhe faltava, e perdida a esperanza de encontra-la continuou a sua derrota.

Segundo as instrucções escriptas que recebêra d'ElRei D. Manoel, Pedr'Alvares Cabral devia na altura de Guiné afastar-se, quanto pudesse das costas d'África para evitar as calmarias, que são ali frequentes e terriveis. A experiencia dos navegantes que já tinham devassado esses mares, legára aos novos pilotos essa proficua lição; mas nem aquelles, nem Cabral, nem ainda muitos outros depois d'elle tinham idéa das correntes oceanicas. A recommendação de D. Manoel, e a ignorancia que havia sobre aquelle phenomeno do oceano actuário á um tempo, e em quanto uma fazia Cabral voluntariamente afastar-se da Africa, o outro o impellia, sem que elle o sentisse, para um ponto, e para terras que não conhecia e que não procurava.

Arredando-se pois determinadamente da costa africana, e involuntariamente descaindo muito para o occidente Pedr'Alvares Cabral no fim de quarenta e quatro dias de viagem sentio-se surprehendido vendo passaros e ervas, que annunciavão proxima alguma terra, de que elle não tinha idéa, e nem algum dos seos. Foi isto no dia 21 de Abril e ao amanhecer do seguinte, 22, quarta feira do oitavario da Pascoa mostrou-se-lhe á leste um alto monte, que em attenção á festa que se solemnisava á bordo e no mundo christão se ficou desde logo chamando monte Pascoal, que foi o ponto da nova terra que effectivamente primeiro avistárão os portuguezes.

21 e 22
de
Abril
de 1500.

Um tão inexperado acontecimento encheria de jubilo a quaesquer navegantes em todas as circumstancias, quanto mais á portuguezes em uma época em que tão enthusiasmados andavão com os seus descobrimentos, e já muito zelozos dos hespanhões pelos de Colombo. Mandou Cabral immediatamente fazer signal aos outros navios para que aproassem á terra que avistavão, e foi com todos elles surgir ao pôr do sol em desenove braças cerca de seis legoas distantes d'ella.

Aos 23 de Abril navegou Cabral para a terra, a que deo o nome de Vera Cruz, e indo em direitura a um rio que depois se chamou rio do Frade, foi este examinado pelo piloto ou capitão Nicoláo Coelho, e como se reconhecesse que lhe faltava capacidade para receber ainda os menores navios, e não sendo o vento favoravel para se navegar para o sul, ordenou Cabral que se navegasse para o norte, passando Affonso Lopes, seo piloto, á uma das caravellas mais pequenas afim de ir costeando a terra para dar aviso, logo que encontrasse a primeira abrigada, como de feito annunciou pelo correr do dia 24 de Abril um porto com excellentes condições.

No dia seguinte entrou a armada de Cabral na enseada que Affonso Lopes annunciára, e que tão bom abrigo offereceo, que lhe foi dado o nome de Porto Seguro. Já antes quando Nicoláo Coelho fôra examinar o rio, que veio a chamar-se do Frade, tinhão os portuguezes visto e fallado aos

25 de
Abril de
1500.

naturaes da terra; mas não puderão entender-se com elles nem pela mimica, e menos pela palavra, colhendo apenas de seo aspecto e de seos modos evidentes mostras de sua selvaticueza. Affonso Lopes na occasião em que sondava o porto, colheo de uma almadia dous moços indigenas que n'ella andavão, e levando-os em seo batel, apresentou-os a Cabral que os tratou com estudado carinho, e aos quaes mandou largar na praia, no seguinte dia, tendo-os presenteado com carapuças, rosarios de contas brancas, e cascaveis, a que os selvagens mostravão dar o maior apreço, e fasendo-os emfim acompanhar por Affonso Ribeiro, que tinha vindo degradado, e que devia ficar na terra à trez dias descoberta.

A 26 de Abril que foi Domingo de Pascoela mandou Cabral armar um pavilhão em um ilheo que encontrou na enseada, e levantado ali um altar, celebrou Fr. Henrique o santo sacrificio da missa acompanhado de muitos outros padres, seguindo-se um sermão pregado pelo mesmo frade. Logo depois fôrão reunir-se na capitania mór todos os capitães, e ahi ouvido o seo conselho, assentou Pedr^o Alvares Cabral em mandar á ElRei D. Manoel a nova do inesperado descobrimento pelo navio de mantimentos, de que era capitão Gaspar de Lemos, assim como em deixar em Porto Seguro dous degradados, que poderião ser para o diante de muita utilidade aos portuguezes.

Do dia 25 á 30 de Abril occupou-se a gente da

armada em fazer aguada e lenha para as náos, sendo n'esse trabalho ajudada pelos selvagens, que já menos desconfiados que a principio, não temião aproximar-se dos portuguezes, e até os recebião na sua aldeia situada legoa e meia d'aquelle porto: com effeito tres degradados, e com elles Diogo Dias, por ser homem ledo e brincão e com quem os pobres gentios gostavão de folgar, fôrão por vezes a aldeia por ordem de Cabral, e lá tudo virão e observarão, e só lhes foi impedido passar as noutes.

A 27 de Abril o machado fizera pela primeira vez retumbar nas florestas virgens da nova terra o êcho dos seos golpes, derribando uma arvore, que teve de transformar-se em lenho sagrado, e na manhã do dia 1.º de Maio a cruz feita d'esse madeiro foi levantada no continente com as armas e a diviza de ElRei de Portugal; armou-se ao pé d'ella um altar e pela segunda vez celebrou missa e pregou Fr. Henrique, assistindo a toda esta solemnidade um grande numero de selvagens, que procuravão imitar os portuguezes em todos os seos signaes de externo culto. Á uma hora da tarde beijarão todos os navegantes a cruz, e retirarão-se para as náos.

Na noute d'esse dia fugirão de bordo dous grumetes, que com os dous degradados ficarão em Porto Seguro, continuando a esquadra a sua derróta para a India na manhã de 2 de Maio.

Gaspar de Lemos separou-se da esquadra, e

1.º de
Maio de
1500.

conforme lhe estava determinado, navegou de volta para Portugal; e pois que a costa da nova terra servia ao rumo que elle devia seguir, é bem provavel que a não tivesse perdido de vista, ou que muitas vezes a avistasse até o cabo de S. Roque, tanto mais que talvez ou por verosimil recommendação de Cabral devesse, ou de motu proprio quizesse conhecer até onde aquella terra se estendia para o norte. É ainda positivo que Gaspar de Lemos aportou em algum outro ponto do Brazil, porque chegando á Portugal apresentou a ElRei D. Manoel dous selvagens que levâra, e não consta que de Cabral houvesse recebido tal incumbencia, nem que tivesse tomado selvagem algum em Porto Seguro.

Pedr^o Alvares Cabral acabava pois de plantar a cruz sagrada, divino signal do Crhistianismo, e de assentar o padrão das armas portuguezas na terra que elle chamou de Vera Cruz; mas cumpre dizer que por certo não lhe pertencem as honras da prioridade n'este descobrimento. Antes de Cabral não menos de trez navegadores sahidos de Hespanha já tinham consecutivamente no espaço de alguns mezes tocado em alguns pontos d'esta parte do continente americano, acrescendo que n'estes houvera o proposito de fazer novos descobrimentos, e que Cabral deveo a sua fortuna á lição da experiencia, que o obrigou a afastar-se das costas d'Africa, e ás correntes oceanicas que o arrastarão para o occidente.

Defeito em fins de Junho de 1499 Alonso de

1499. Hojeda acompanhado de Americo Vespuccio e de João de la Cosa achou-se em cinco grãos ao sul da equinocial em frente de uma terra álagada, muito provavelmente sobre uma das bocas do rio das Piranhas ou do Apody.

Vicente Yanes Pinçon um dos irmãos Pinçon que acompanháão Colombo, sahio de Palos de Moguer com quatro caravellas á 18 de Novembro de 1499 e navegando para sudoeste na altura de oito grãos de latitude meridional avistou aos 25 de Janeiro de 1500 a ponta da terra que denominou cabo de Santa Maria de la Consolation, e que é com toda a probabilidade o que actualmente se chama de S.

25 de
Janeiro
de 1500.

Agostinho : desembarcou com o escrivam da caravella e com alguns companheiros, e tomou posse da terra em nome de ElRei de Hespanha; seguio Pinçon até o que chamou *Mar Doce*, que se estende de trinta a quarenta legoas pelo Atlantico desde a foz do Amazonas; teve mesmo que pagar um tributo de sangue neste descobrimento; porque desembarcando junto a um grande rio para o lado do Maranhão achou-se a braços com selvagens, e no conflicto houve mortos de parte a parte.

Fevereiro
ou
Marco de
1500.

No mesmo anno de 1499 emfim, porém no mez de Dezembro sahio tambem de Palos de Moguer Diogo de Lepe e com duas caravellas aportou cou mais ou menos um mez depois de Pinçon no mesmo ponto em que este se achára, e teve por sua vez de lutar com o gentio do Maranhão.

Entretanto o nenhum fructo colhido d'estas ex

pedições em relação ao Brazil, os vestígios de taes descobrimentos quasi perdidos, e o facto de haver com differença apenas de mezes ou de semanas tocado tambem Cabral na nova terra, erguido nella as armas e divisa d'ElRei de Portugal, e de ter este annuciado solemnemente á Europa o feliz acontecimento que acabava de dilatar o seo imperio, conservarão ao almirante portuguez as honras de descobridor do Brazil; a historia imparcial porém tomando em devida conta os trabalhos e serviços dos trez navegadores hespanhóes, como do portuguez, deve attribuir este descobrimento, ou pelo menos a mor parte da gloria que d'elle resulta ainda mais a Colombo, do que a nenhum outro; porque depois do seu triumpho em S. Salvador, ou Guanahani, depois de conhecidos alguns pontos do continente americano, o conhecimento de todo elle era uma consequencia infallivel, e apenas uma questão de tempo.

Discordão notavelmente os autores, principalmente os antigos, a respeito do dia em que Pedr'Alvares Cabral descobrio o Brazil; mas a combinação da carta de Pero Vás Caminha, que era o escrivam da armada, com a relação do *piloto portuguez*, que hia como aquelle na frota, e o accordo em que estão ambos declarando que o descobrimento tivera lugar na quarta feira oitavario da Pascoa, e o facto de ter sido a quarta feira oitavario da Pascoa em 1500 o dia 22 de Abril, põe fóra de duvida o acerto de Caminha que marca essa data, e o engano

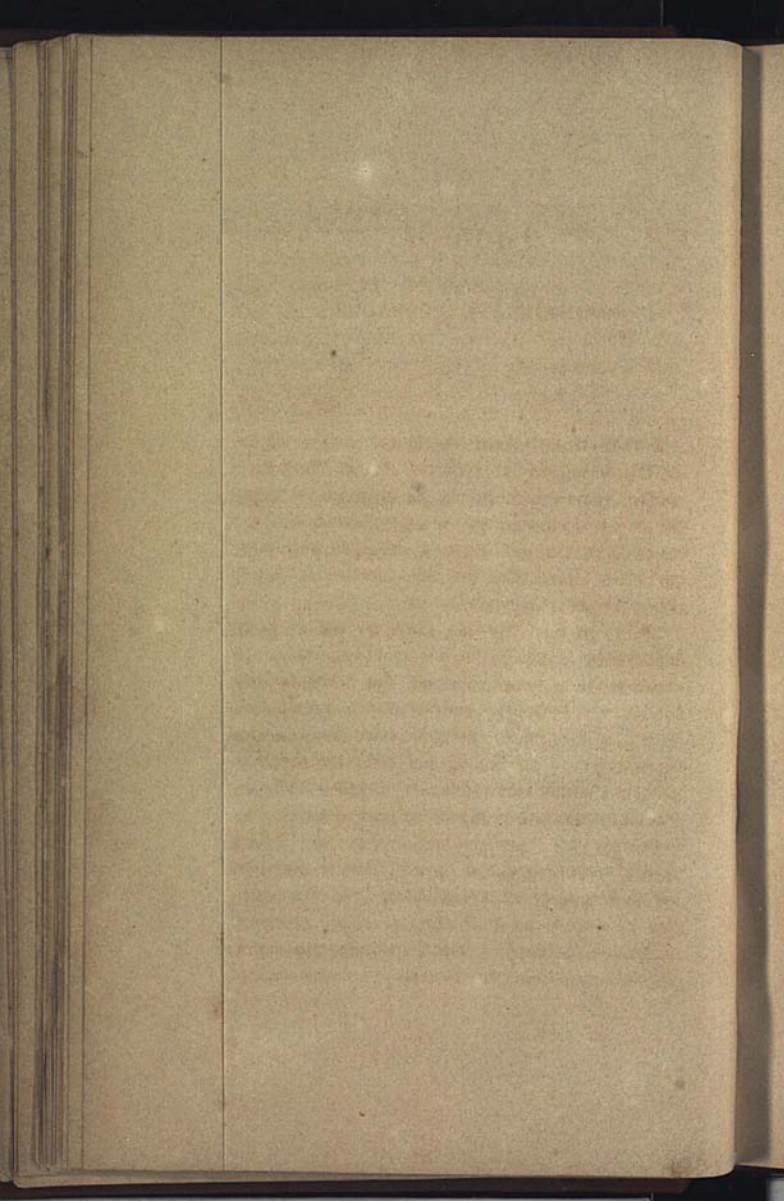
em que cahio o piloto que designa o dia 24 do mesmo mez. As discordancias em que se achão diversos escriptores, que apontão outros dias, estão fóra de questão.

Pedr'Alvares Cabral e os que com elle navegavão, reputarão a terra, a que inexperadamente chegarão, uma grande ilha, e por isso o almirante a chamou ilha de Vera Cruz, nome que deo em recordação da festa que logo no mez seguinte havia de celebrar a Igreja; esse nome se mudou dentro em pouco no de Terra da Santa Cruz, e emfim se trocou pelo de Brazil, alguns annos depois, em consequencia da grande abundancia da madeira preciosa, que assim se chama, e que bem depressa se começou a tirar do paiz : por brasileiros se designou á principio aquelles que se davão ao trafico dessa madeira; finalmente porém brasileiros ficarão sendo chamados todos os habitantes e naturaes da terra, que perdeu d'esse modo o nome da Santa Cruz.

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO II.^a

Descobrimto do Brazil.

| PERSONAGENS : | ATTRIBUTOS : | FEITOS E ACONTECIMENTOS : | DATAS. |
|-------------------------|---|--|---|
| D. MANOEL—O Afortunado. | Rei de Portugal. | { Manda Pedr' Alvares Cabral em uma expedição ás Indias. | 1500 |
| PEDR'ALVARES CABRAL. | { Governador da provincia da Beira e Senhor de Belmonte. | { Sahe, commandando uma esquadra, para as Indias. Descobre uma terra que chamou ilha da Vera Cruz—(o Brazil.) Entra em Porto Seguro. Levanta uma cruz e o padrao das armas portuguezas em Porto Seguro. Continúa a derrota para as Indias. | 9 de Março de . . . 1500 22 de Abril de. . . 1500 25 de Abril de. . . 1500 1.º de Maio de. . . 1500 2 de Maio de . . . 1500 |
| D. DIOGO ORTIZ. | Bispo de Ceuta. | { Officia celebrando pontifical no mosteiro de Belém em Lisboa e prega um sermão alluzivo á expedição de Cabral. | 8 de Março de. . . 1500 |
| FR. HENRIQUE. | Frade Franciscano. | { Celebra em um ilhéu de Porto Seguro o santo sacrificio da missa, que é a primeira que tem lugar no Brazil. Celebra no continente em Porto Seguro a segunda missa. | 26 de Abril de. . . 1500 1.º de Maio de. . . 1500 |
| GASPAR DE LEMOS. | { Capitão de um dos navios da esquadra commandada por Cabral. | { Por determinação de Cabral volta para Portugal á dar parte do descobrimento. | 2 de Maio de. . . 1500 |
| ALONSO DE HOJEDA. | Navegador hespanhol. | Descobre parte do norte do Brazil. | Junho de 1499 |
| VICENTE YANES PINÇON. | Navegador hespanhol. | { Sahe de Palos com quatro caravellas. Descobre o norte do Brazil. | 18 de Novembro de . 1499 25 de Janeiro de . . 1500 |
| DIOGO DE LEPE. | Navegador hespanhol. | { Sahe de Palos com duas caravellas. Descobre o norte do Brazil. | Dezembro de. . . . 1499 Fevereiro ou Março de 1500 |
| NICOLÃO COELHO. | Capitão e piloto portuguez. | Examina e sonda o rio que depois se chamou de Frade. | 23 de Abril de. . . 1500 |
| AFFONSO LOPES. | Piloto portuguez, que foi no navio de Cabral. | { Descobre e annuncia á Cabral uma abrigada, a que este chamou Porto Seguro. | 24 de Abril de . . . 1500 |



LIÇÃO III.^a

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES.

A chegada de Gaspar de Lemos com a noticia do descobrimento da supposta ilha de Vera Cruz encheo, como era de prever, de alegria e de orgulho o rei afortunado que se empenhou desde logo em assegurar á sua corôa a posse de uma terra que pelas informações dos seus descobridores não pouco se recommendava.

Em Julho de 1500 deo ElRei D. Manoel parte de tão feliz acontecimento aos soberanos da Europa annunciando a nova conquista, que a Providencia concedêra á Portugal; embora porém authenticando-a por esse modo parecesse dar-lhe a devida importancia, só no fim de um anno fez partir os primeiros navios para explora-la, seguindo-se depois á esses alguns outros mandados para o mesmo fim.

Duvidas profundas que nas sombras que deixão, apenas permitem que o investigador se guie pela luz incerta de fracas probabilidades, não consentem que se avance juizo seguro sobre as primeiras explorações do Brazil; cumpre, portanto, ainda mesmo acompanhando os autores que mais credito

merecem, confessar sempre as incertezas que obscurecem esta parte da historia do Brazil.

Duas esquadilhas destinadas á explorar a nova terra descoberta por Cabral sahirão de Portugal nos annos de 1501 e 1503: a primeira constou de trez e a segunda de seis caravellas; mas não se póde dizer ao certo quem fosse o capitão ou chefe de qualquer dellas. Pretendem uns que o fosse de ambas o piloto florentino Americo Vespuccio; dizem outros que fôra Gonçalo Coelho o da expedição de 1501, e Christovão Jacques o da seguinte: Humboldt suppõe Gonçalo Coelho o chefe da segunda, e Americo Vespuccio o da primeira, e ainda ha, quem attribua a direcção da de 1503 á Fernão de Noronha: no meio desta diversidade de opiniões o que parece mais certo é que Americo Vespuccio, que acabava de deixar o serviço da Hespanha, e que era reconhecidamente cosmographo e piloto habil, tivesse vindo em ambas as expedições, sem que por isso fosse o capitão de nenhuma dellas.

1501. A primeira dessas duas esquadilhas exploradoras foi em Maio ou Junho de 1501 encontrada junto ao Cabo Verde no porto de Bezenegue por Pedr'Alvares Cabral que voltava da India, e seguiu até avistar terra perto do cabo de S. Roque; explorou a costa d'ahi para o sul, e segundo o Sr. Warnaghen que se funda no *Diario* de Pero Lopes e na declaração de Alonso de Santa Cruz, que foi thesoureiro da armada de Caboto, deve-se attri-

huir a essa primeira esquadilha a exploração, e ao seo chefe os nomes não só do mencionado cabo descoberto no dia 16 de Agosto, como também dos seguintes lugares em virtude dos dias em que com o calendario romano á vista fôrão á elles chegando os navegadores, a saber : cabo de S. Agostinho, rio de S. Francisco, cabo de S. Thomé, Rio de Janeiro, Angra dos Reis, S. Sebastião, e S. Vicente. Em Cananéa foi deixado por esta expedição para cumprir degredo um bacharel cujo nome ficou esquecido, e que trinta annos depois ainda ali se encontrou.

Esta exploração foi sufficiente para tornar manifesto o erro de Cabral e dos seus companheiros, reconhecendo que a terra que se supposéra uma grande ilha, devia fazer parte de um immenso continente.

A segunda expedição exploradora veio chegar á uma ilha que é provalvemente a que depois se chamou de Fernão de Noronha, e então recebeu o nome de S. João, seguiu para o sul, descobriu um grande porto, que ficou desde logo sendo chamado Bahia de Todos os Santos e emfim ancorando em Porto-Seguro fundou uma feitoria denominada *Santa Cruz* não longe dessa enseada que abrigára Pedr'Alvares Cabral : a esquadilha que se compunha de seis navios, estava reduzida á dous, que voltárão para Portugal carregados de madeira. Americo Vesputio na carta em que dá conta desta viagem pretende ter feito uma entra- 1503.

da pelo sertão até á distancia de quarenta legoas do litoral. Tambem se sustenta com fundamento que o nome de Santa Cruz dado á feitoria se estendeo á toda a terra descoberta, que assim trocou por esse o de Vera Cruz, que lhe poséra Cabral.

Affonso de Albuquerque no mesmo anno de 1503. D. Francisco de Almeida em 1505, Tristão da Cunha em 1506, o almirante Vasco da Gama, e é de suppôr que tambem João da Nova costeáráo a terra de Santa Cruz, ou nella tocáráo indo para a India; não erão porém exploradores, e apenas se aproximáráo ou fôrão refrescar em algum dos portos della, que segundo as proprias palavras d'ElRei D. Manoel offerecia excellente abrigo aos que navegavão para as Indias.

Duas circumstancias actuáráo para que bem depressa começasse a ser mais frequentado e conhecido o litoral do paiz descoberto pelos portuguezes em 1500: foi uma dellas essa visita que de passagem fazião á seos pórtos alguns dos navios, que para as Indias se dirigião: e a segunda e principal a abundancia da madeira preciosa chamada *brazil*, que excitou a cubiça de numerosos emprehendedores que cedo principiáráo a mandar navios, que se carregavão desse lenho. Os armadores francezes apparecêráo desde logo, e o contrabando do páo brazil foi tendo lugar em diversos pontos do litoral da terra de Santa Cruz, e frequentemente em Cabo-Frio, onde os francezes tratáráo de relacionar-se com o gentio: dentro em pouco o novo paiz perdeo

o nome, que lhe dera um sentimento religioso dos seus descobridores, e tornou-se conhecido pelo de terra do Brazil, e enfim simplesmente pelo de Brazil, como em outro lugar já ficou dito.

Durante não poucos annos limitárão-se a aquellas duas expedições de 1501 e 1503 as explorações mandadas fazer por ElRei de Portugal no litoral do Brazil : os portuguezes não davão ainda toda a merecida importancia á descoberta de Cabral, e talvez que apenas por cautelozza prevenção o seo governo solicitasse e obtivesse do papa o reconhecimento dos seus direitos e do tratado de Tordezilhas pela bulla de 24 de Janeiro de 1506. A viagem da não Bretoa ao Brazil em 1511 não foi por certo uma exploração que se effectuou; teve sómente por fim um empenho commercial, pois que se destinou a o *resgate* do pão brasil em Cabo-Frio.

24 de
Janeiro de
1506.

Entretanto alguns dos navios, que navegavão para as Indias, e outros que vinhão occupar-se do contrabando da madeira precioza, que tam abundante era na terra, a que chegou a impôr o seo nome, tiverão de pagar o seo tributo ás tempestades, e á falta de conhecimento completo da costa do Brazil : naufragios occorrêrão, e por elles se explica o facto de se encontrar depois em diversos pontos um ou outro portuguez vivendo com o gentio, como Diogo Alvares na Bahiá de Todos os Santos, e João Ramalho em S. Paulo. Os nomes destes dous naufragos vão ligar-se a acontecimentos subseqüentes e importantes, e merecem por tanto menção especial.

Diz-se que Diogo Alvares naufragára na Bahia de Todos os Santos, na costa da ilha de Itaparica em 1510, data cuja authenticidade não se pôde assegurar. Quasi todos os companheiros que com ^{1510.} elle tinham escapado ao mar fôrão devorados pelos Tupinambás, gentio que dominava naquelle sitio; Diogo Alvares porém que com alguns outros havia sido reservado para mais tardo sacrificio, servindo-se em certa occazião de um mosquete, que trouxera do navio naufragado, atirou sobre uma ave, que cahio morta, e ao estampido do tiro vio os selvagens surprehendidos e aterrados correrem bradando: « Caramurú! Caramurú! » que conforme o pensar de alguns quer dizer « homem de fogo », e segundo o de outros significa « dragão sahido do mar »: desde essa hora o naufrago que devia ser victima, tornou-se o arbitro da horda selvagem: acompanhando seos guerreiros á peleja, espantou com o seo mosquete os inimigos, robusteceu a sua influencia, tomou por mulher a gentia Paraguassú, filha de um dos maioraes, e estabelleceu-se no lugar, onde foi depois fundada a *Villa Velha*.

A poezia tem enchido de fabulas e de imaginarios episodios a vida de Diogo Alvares; pretendêrão porém alguns historiadores que é certo o haver se aproveitado o celebre Caramurú de um navio francez, que aportára á Bahia, para passar á França com sua mulher, que ali recebeo o baptismo tendo por madrinha a rainha Catharina de Medicis, que lhe deo o nome de Catharina.

A chronologia depõe ainda contra esse pretendido facto. Catharina de Medicis foi rainha de França sómente do anno de 1547 em diante, e nesse anno e em todos os seguintes até á sua morte Diogo Alvares esteve sempre na Bahia. É verdade que aquella princeza era já em 1533 espoza de Henrique, depois rei de França; não é porém de crer que escapassem a D. João 3.^o que tinha os olhos no Brazil, essas relações de um portuguez com a córte franceza, junto a qual os seus diplomatas velavão receiosos de tentativas contra os dominios de Portugal na America. Além disso antes daquella data Christovão Jacques, como se verá opportunamente, esteve na Bahia em 1527; Martin Affonso de Souza em 1530, e então se encontrou com Diogo Alvares; não é acreditavel por tanto que a supposta viagem á França se houvesse effectuado.

A historia de João Ramalho é pouco mais ou menos semelhante: naufragou, e conseguiu salvar-se do naufragio; como o Caramurú relacionou-se com os selvagens que habitavão as terras, que depois formárão em parte a capitania de Martin Affonso de Souza; exerceo sobre elles o poder que lhe devia proporcionar a superioridade do homem civilizado e tomou por mulher uma filha de Tybirecá, chefe dos goyanazes, que vai prestar bons serviços aos portuguezes. Marca-se a data de 1512 ao naufragio de João Ramalho, e á sua acolheita ás terras de S. Paulo.

Emquanto pois sómente arrojado pelas tempestades vinha algum naufrago portuguez habitar no Brazil, que assim se abandonava ao acaso, despertava junto de Portugal uma outra potencia aos avisos de navegadores, que tendo já conhecimento de que a parte meridional do continente que tinha de chamar-se americano, bastante decahia para o occidente, pretendião, que ali demoravão terras que devião pertencer-lhe conforme as estipulações do tratado de Tordezilhas : a Hespanha não ficou indifferente á uma tal supposição, e apressou-se a mandar expedições, que tambem por sua vez vierão entrar em alguns portos do Brazil, quando hião zelar interesses muito oppostos aos de Portugal.

1508. Em 1508 João Dias de Solis e Vicente Yanes Pinçon sahem da Hespanha em dous navios, e vem chegar até o rio que depois se chamou da Prata, e que os selvagens chamávão Paraguay : pareceo-hes que por aquelle immenso rio se poderia passar ao oriente e mares das Indias, e voltarão para a
1515. Europa com essa idéa animadora. Em 1515 ainda o mesmo Solis viaja de novo para as terras do occidente : aproxima-se da costa do Brazil, entra, segundo querem alguns, na bahia de Nictheroy, e continuando a sua derrota, dobra o cabo de S. Maria, penetra no rio da Prata, e um dia que desembarca em uma de suas margens, vê selvagens que, simulando temôr, procurão attrahi-lo para longe dos seos companheiros, segue-os imprudente

e fazendo-lhes signaes de amizade, e morre assassinado ás mãos do gentio, deixando o seo nome ao rio, que dentro em poucos annos teve de perder esse mesmo legado.

Fernando de Magalhães e Ruy Falleiro, portuguezes que haviam passado ao serviço de Castella, sahem a 21 de Setembro de 1519 com uma esquadrilla de cinco navios para fazer o primeiro giro do globo : chegam ao Brazil, e entram no porto do Rio do Janeiro; e como isso tivesse lugar no dia 13 de Dezembro, dão-lhe o nome de S. Luzia, provavelmente porque ignoravão, que por outro já era conhecido dos portuguezes desde o anno de 1501 : á 27 daquelle mesmo mez continuão a sua viagem, que tão fatal havia de ser ao illustre navegador, que a dirigia.

13 de
Dezembro
de 1519.

Depois de João Dias de Solis, Sebastião Cabot em 1525 e Diogo Garcia em 1526 vezitão o sul do Brazil, desembarcão e demoram-se na ilha dos Patos, hoje de S. Catharina, onde o segundo desses pilotos recebe dos selvagens justamente queixosos noticias do primeiro, que lhes levára á força quatro filhos dos seus maioraes : entram e sobem o rio de Solis, que fica desde então sendo chamado da Prata por encontrarem os dous navegantes, pedaços desse metal nas mãos dos gentios, quando ambos voltavão já reunidos do porto de S. Anna, onde Garcia fôra encontrar Cabot.

1525
e
1526.

O que podia tornar-se uma calamidade veio a ser uma cauza de beneficio para a America portugueza:

a necessidade de acudir ao perigo inspirou zelo e cuidados ao governo de Lisboa. A Hespanha se mostrava cubiçosa ao sul do Brazil; a França também podia estar annunciando-se na frequencia dos seus armadores, que vinhão fazer o contrabando do páo brazil em diversos pontos da costa da terra de Cabral; e Francisco 1.^o já tinha dito espiritualmente, que *desejára que lhe mostrassem a verba do testamento de Adão, que repartia o novo mundo entre os seus dous irmãos os reis de Hespanha e de Portugal.*

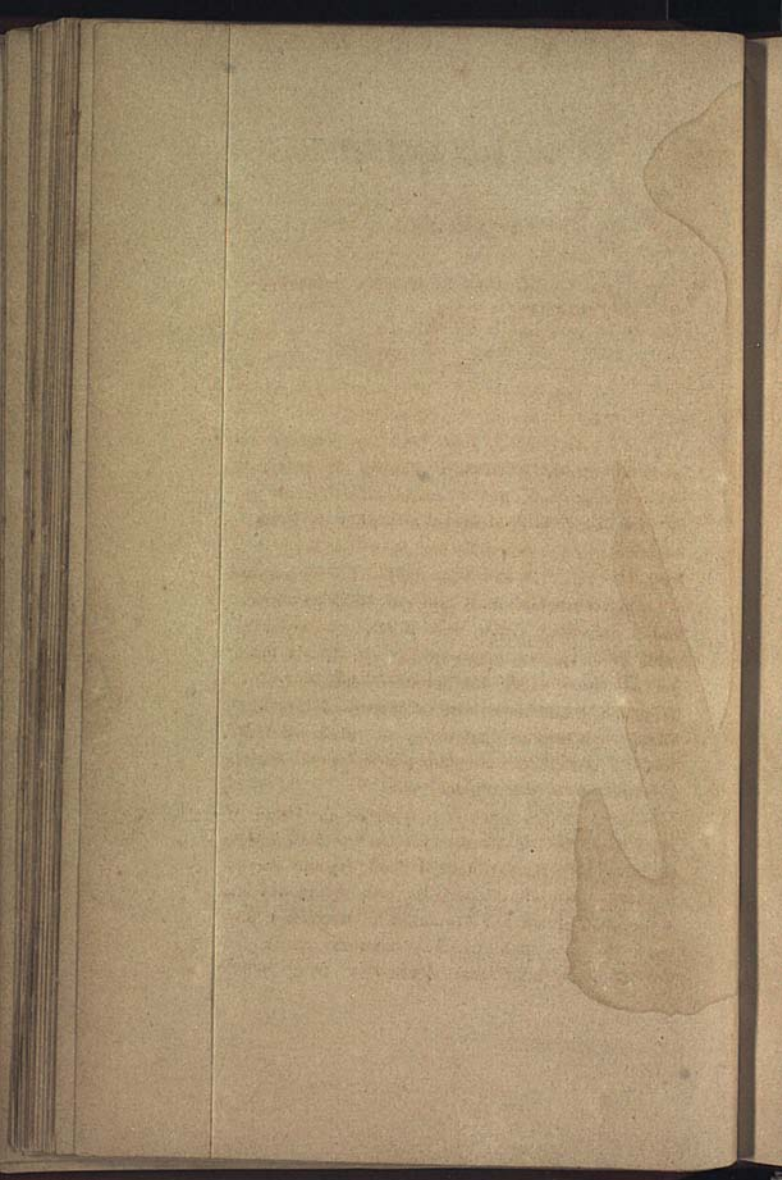
Já era tempo de se attender ao Brazil.



QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO III.^a

Primeiras Explorações.

| PERSONAGENS : | ATTRIBUTOS : | FEITOS E ACONTECIMENTOS : | DATAS. |
|---|---|--|----------------------------|
| D. MANOEL—o Afortunado. | Rei de Portugal. | { Communica aos soberanos da Europa o descobrimento do Brazil (ainda Ilha de Vera Cruz). | Julho de 1500 |
| | | { Manda fazer as primeiras explorações do Brazil. | 1501 e 1503 |
| JULIO II. ^o | Papa. | { Reconhece os direitos de ElRei de Portugal sobre a terra descoberta por Cabral e revalida o tratado de Tordezilhas por uma bulla. | 24 de Janeiro de. . . 1506 |
| GONÇALO COELHO. ou AMERICO VESPUCCIO. | Capitão portuguez. Navegador florentino ao serviço de Portugal. | { Explora a costa do Brazil do cabo de S. Roque para o sul, e descobre e dá os nomes, que tem os seguintes lugares : cabo de S. Agostinho, rio de S. Francisco, cabo de S. Thomé, Rio de Janeiro, Angra dos Reis, S. Sebastião, e S. Vicente. | 1501 |
| GONÇALO COELHO. ou CHRISTOVÃO JACQUES. ou FERNÃO de NORONHA. o AMERICO VESPUCCIO. | Capitão Portuguez. Capitão Portuguez. Capitão Portuguez. Navegador florentino. | { Descobre a ilha de S. João depois chamada de Fernão de Noronha, perde quatro navios, que ou naufragarão ou se separarão; descobre a Bahia de Todos os Santos, entra em Porto Seguro, funda ali perto uma colonia que chama de Santa Cruz, nome que substitue ao de Ilha de Vera Cruz, estendendo-se á toda terra, e volta para Portugal. | 1503 |
| DIOGO ALVARES. | Portuguez. | { Naufraga e salva-se na ilha de Itaparica na Bahia. | 1510 |
| JOÃO RAMALHO. | Portuguez. | { Naufraga e salva-se na costa do Brazil em algum ponto da futura capitania de S. Vicente. | 1512 |
| JOÃO DIAS de SOLIS. | Navegador hespanhol. | { Parte de Hespanha com dous navios, chega á costa do Brazil, e navegando para o sul entra no rio que depois se chamou da Prata. | 1508 |
| | | { Faz nova viagem ao Brazil, entra no Rio de Janeiro, dirige-se ao sul, sóbe o Prata, e em uma de suas margens morre ás mãos do gentio. | 1515 |
| VICENTE YANES PINÇON. | Navegador hespanhol. | { Acompanha Solis em sua viagem ao sul do Brazil. | 1508 |
| FERNANDO de MAGALHÃES, RUY FALLEIRO. | { Navegadores portuguezes ao serviço de Hespanha. | { Chegão ao Brazil, entrão no porto do Rio de Janeiro, a que dão o nome de Bahia de S. Luzia. | (13 de Dezembro) 1519 |
| | | { Seguem para o sul para continuar em sua empreza do giro do globo. | (27 de Dezembro) 1519 |
| SEBASTIÃO CABOT. | Navegador. | { Visita o sul do Brazil, desembarca na ilha dos Patos (S. Catharina) e sóbe o rio que então se vem á chamar da Prata. | 1525 |
| DIOGO GARCIA. | Navegador hespanhol. | { O mesmo. | 1526 |



LIÇÃO IV.^a

CHRISTOVÃO JACQUES, E MARTIN AFFONSO
DE SOUZA.

As duas viagens de João Dias de Solis ao sul do Brazil tinham provocado queixas da parte do governo portuguez, que se mostrou receioso de ver os castelhanos se estabelecerem no Rio da Prata, e em territorio que suppunha pertencer-lhe : a côrte de Hespanha procurou satisfazer quanto lhe foi possível á taes reclamações ; pois que em 1525 recommendou a Sebastião Cabot, seo piloto mór, que hia como já se viu, em uma expedição ao Rio da Prata, que não fosse além dos limites e demarcações da Hespanha, e que respeitasse os dominios de Portugal. Vagas como erão as disposições do tratado de Tordesilhas, semelhante recommendação pouco deveria tranquillisar o governo queixoso.

E cinco annos antes da expedição de Cabot já as duas côrtes de Hespanha e de Portugal tinham reconhecido a insufficiencia daquelle tratado com as duvidas entre ellas suscitadas pela descoberta das Molucas effectuada por Fernando de Magalhães, pretendendo cada uma das duas potencias ver dentro do seo hemispherio essas ilhas.

Mais ainda talvez do que os hespanhóes os francezes armadores de Honfleur e de Dieppe incommodavão o governo portuguez frequentando as costas do Brazil, e chegando a estabelecer feitorias para o trafico da madeira, que esse nome recorda. Em

1516. **1516** ElRei D. Manoel fez representar por seos agentes diplomaticos á côrte de França contra semelhantes abuzos; esta porém ou não teve poder bastante para cohibi-los, ou entrou nos seos calculos não faze-lo

À simples queixas, e reclamações limitavão-se pois os cuidados, que com o Brazil despendia o governo de Portugal; e erro era esse que bem podia vir a custar-lhe a perda de bôa parte dos seos dominios da America, se ainda a tempo não fosse corrigido por mais cautelosa politica.

13 de
Dezembro
de 1521.

Aos 13 de Dezembro de **1521** desceo ao tumulo ElRei D. Manoel o Afortunado, succedendo-lhe no throno da monarchia lusitana seo filho D. João 3.^o nascido em Lisbôa em **1502**, e este novo soberano vai olhar com mais desvelo e amor para as suas possessões do outro lado do Atlantico, e tomar providencias efficazes para conservar á sua corôa o dominio do Brazil.

O zelo que D. João 3.^o terá de mostrar pelas suas terras do novo mundo fará sem duvida sobresahir a esterilidade do governo do seo antecessor em medidas a ellas relativas; cumpre porém reconhecer que certas circumstancias actuárão poderosamente para determinar essa inacção de ElRei

D. Manoel, que por isso deve ser julgado com menos severidade, embora não se lhe possa de todo escurer o erro.

Na época em que o Brazil foi descoberto, tinham os portuguezes apenas acabado de dobrar o cabo da Bôa Esperança, e todos os empenhos do seu governo erão poucos para aproveitar os grandes resultados que promettia tão famoso acontecimento. Pela porta que Vasco da Gama deixára aberta para se chegar á India, bem poderião apressar-se a ir passar esquadras de outras nações com um fim que por certo devia contrariar os interesses lusitanos; cumpria portanto a D. Manoel ter os olhos fitos na Asia, e esta reclamava d'elle em proveito e honra de Portugal expedições repetidas e numerosas, o emprego de forças poderosas, e de avultadissimas despesas, e a prezença de seos mais adestrados, e valentes capitães.

A navegação tinha que vencer naquelles tempos difficuldades, que depois o progresso dos conhecimentos humanos, e uma longa experiencia fôrão pouco e pouco remmovendo; Portugal audaz e poderoso não tinha com tudo sobras de recursos: abundava em herões; mas ainda assim estes não parecerão bastantes para tão colossaes empresas em trez partes do mundo, e D. Manoel recebeu talvez que não pudesse a um tempo manter os seos domínios na Africa, avassallar as Indias na Asia, e colonisar o Brasil na America.

Pôde-se observar certamente que emquanto á

ElRei D. Manoel faltavão meios para colonisar o Brazil, sobravão estes á companhias e negociantes principalmente francezes que mandavão grande numero de navios fazer na America portugueza o contrabando do pão brasil : mas entre colonisação e infestação de costas de um paiz ha uma distancia immensa : as emprezas daquelles armadores visavão interesses de actualidade, e, pelo menos então, em geral não tratavão de fundar estabelecimentos permanentes no Brazil; pois que uma ou outra feitoria encontrada parecia ter sómente por fim o facilitar aquelle contrabando; os trabalhos porém de colonisação importavão uma questão complexa e de futuro, leva de gente e de familias para uma terra apenas descoberta, despezas enormes e sujeitas a mil eventualidades, e emfim providencias multiplicadas, difficilimas, onerosas, e no entanto indispensaveis para não se perder homens, tempo e dinheiro.

Em conclusão ElRei D. Manoel descuidou-se não pouco dos dominios que a fortuna lhe dera na America : se a colonisação d'elles não era ainda possível, não se podião dispensar explorações mais completas de suas costas, e mais zelo em deffendelas dos perigosos intrusos que as infestavão; deve-se porém levar em conta á esse principe as exigencias da época, em que reinou, e as suas guerras e conquistas do velho mundo, que o preocupavão.

Mas um novo rei e esse mais desvelado pelo Brazil occupava desde 1521 o throno de Portugal. D. João 3.^o para observar as tentativas e projectos que

pudessem preparar sobre os domínios portuguezes no novo mundo os armadores ou mesmo o governo de França e de Hespanha, tinha os olhos nessas duas nações : assim foi que em 11 de Fevereiro de 1526 o seo embaixador João da Silveira participou que em França se equipavão dez navios com destino á costa do Brazil : não era mais uma simples empreza de contrabando, de que se tratava ; pois que o diplomata portuguez annunciava que essa esquadra hia disposta a apresiar os navios que encontrasse. O aviso era importante, e D. João 3.º para escarmentar os incommodos armadores fez apparellhar uma não e cinco caravellas; que naquelle mesmo anno de 1526 partirão para o Brazil, tendo por commandante Christovão Jacques, o mesmó de quem se diz ter dirigido a exploração de 1503.

11 de
Fevereiro
de 1526.

1526.

A commissão dada a Christovão Jacques era antes bellicosa, do que exploradora, e elle a desempenhou cabalmente : chegou no fim do anno, em que partira, á costa do paiz que buscava : fundeou no canal que separa a ilha de Itamaracá do continente, paragem que era muito frequentada pelos traficantes francezes, e deo logo principio a uma feitoria. que ficou de feito assentada á margem do rio Iguaraçú.

Navegando em seguida para o sul, Christovão Jacques foi até o Rio da Prata; outra vez, e de volta para o norte passou de novo por Pernambuco, despachou para Portugal a sua não carregada de pão brazil, e continuando a sua derrota, encontrou

na Bahia de Todos os Santos. (ou no mar e perto d'este porto, ou no seo reconcavo na fóz do rio Paraguaçu,) trez embarcações francezas que metteo á pique aprisionando toda a sua numerosa tripolação e emfim depois de ter tocado em outros pontos do litoral brasileiro, voltou para Portugal em 1528 ou 1529, havendo o governo dado por concluida a sua commissão.

1528
ou
1529.

Fôra trabalho ingrato querer harmonisar as opiniões diversas de alguns autores relativamente á successão chronologica d'esses feitos de Christovão Jacques; não é porem indifferente o saber que tambem á esta expedição se attribue a descoberta da Bahia de Todos os Santos, pretendendo-se que o porto a que chegou a esquadilha de 1503, era situado mais ao norte; falta porém fundamento á este juizo que talvez se possa explicar pela confuzão das datas de 1503 com a de 1526 á 1529, refferindo-se á expedição d'estes ultimos annos que foi commandada por Christovão Jacques uma descoberta realisada na segunda exploração do Brazil, que certos escriptores reputá igualmente dirigida pelo mesmo capitão. Em todo caso é certo que depois de 1503 e antes de 1528 já na Bahia de Todos os Santos tinham entrado, além de navios francezes, a não Bretôa vinda de Portugal, e embarcações provenientes da Hespanha.

De volta á Lisboa Christovão Jacques pedio mas não pôde obter de ElRei, uma porção de terras no Brazil para estabelecer ahi uma colonia sua : sem duvida razões particulares houve, que

determinassem semelhante negativa; pois que o governo portuguez começou quasi immediatamente a dar principio á colonisação desse mesmo paiz.

Esquadilhas, como a de Christovão Jacques, mais ou menos consideraveis fazendo a guarda da costa do Brazil, além de impõem ao thesouro real um sacrificio oneroso e incessante, não poderiam impedir sempre e efficazmente a concurrencia dos navios estrangeiros que vinhão fazer o trafico do páo brazil, e da pimenta, ou ainda visando qualquer outro fim; e além disso mais cedo ou mais tarde poderia a cubiça de alguma nação demonstrar-se em algum ataque bem franco, e crear difficuldades e opposições ao dominio portuguez nessa parte da America.

Estas e outras considerações fizeram com que D. João 3.^o mandasse armar uma esquadra composta de duas náos, um galeão, e duas caravellas com destino ao Brazil, cuja colonisação se deveria encetar. Nesses navios embarcárão-se cerca de quatro centas pessoas, contando-se no numero dellas familias inteiras. Empreza tão momentosa sómente á um homem digno de alta confiança podia ser commettida: Martin Affonso de Souza, que embora tivesse apenas trinta annos, já fazia parte dos conselhos do rei, foi o escolhido para executa-la. Os poderes de que veio munido este notavel capitão fôrão extraordinarios, e tanto lhe erão dados para o mar, como para reger a colonia, que estava incumbido de fundar: trazia autorisação para tomar posse

de todo o territorio que se estendesse até a linha meridiana demarcadora; para fazer lavrar autos, pôr os marcos necessarios, e dar terra de sesmaria, a quem a pedisse; para crear tabelliães, officiaes de justiça, e outros cargos; a sua alçada emfim com méro e mixto no civil e no crime hia até morte natural inclusivé, excepto para os fidalgos, que, se delinquissem, devião ser enviados para Portugal.

Entre tanto as sesmarias serião dadas por uma vida sómente: uma tal disposição amesquinhava a idéa de D. João 3.º: paiz tão longinquo e tão rude, como ainda era o Brazil, não attrahiria colonos com insentivos fracos e insufficientes, que nem ao menos encorajavão os pais a trabalhar, e arrostar privações e perigos com a esperança de favorecer e felicitar os filhos: não havia em summa no complexo daquellas medidas um systema regular e fructuozo de colonisação; havia porém o ponto embrionario della, e isso já era muito para o Brazil nessa época,

Aos 31 de Janeiro de 1531 Martin Affonso de Souza, a quem por cartas regias datadas de 20 de Novembro do anno anterior D. João 3.º confiára tão importante commissão, avistou com a sua armada o cabo de S. Agostinho, e logo teve contas que ajustar com francezes, pois que lhes tomou uma não, e em seguida mais duas; dirigio-se á feitoria de Pernambuco, que lhe ficava proxima, e dos trez navios aprezados queimou um por inca-

paz, mandou outro para Portugal com a noticia do feito, e levou comsigo o terceiro seguindo á costa do sul em direcção ao Rio da Prata : de caminho entrou na Bahia de Todos os Santos, onde se apresentárão a recebe-lo Diogo Alvares, o Caramurú, e sua mulher Paraguassú, e por intermedio destes os principaes do gentio. Martin Affonso deixou na Bahia dous homens, e diversas sementes de plantas uteis, e foi entrar no Rio de Janeiro em Abril, demorando-se ahí até Agosto, e aproveitando o tempo da demora em uma exploração do interior do paiz, que mandou fazer por alguns dos seos, e na construcção de dous bergantins : terminados estes trabalhos, tomou mantimentos para um anno, e foi ancorar em Cananéa á 12 de Agosto, apparecendo-lhe neste lugar um bacharel portugez, um certo Francisco Chaves, e alguns Castelhanos.

Como tinha vindo parar á Cananéa Francisco Chaves é o que não se acha averiguado, sendo porém certo que foi esse homem cauza da maior desgraça propria e da de muitos outros; porque á força de assegurar a existencia de muito ouro em sitio, á que se propôz a conduzir os portuguezes, deo-lhe Martin Affonso oitenta companheiros, com os quaes o infeliz aventureiro internou-se pelo sertão, não voltando mais nunca nem elle, nem um só dos oitenta, pois que todos morrerão, e fôrão provavelmente devorados pelo gentio.

Largando a sua esquadra de Cananéa adiantava-

se Martin Affonso de Souza para o Rio da Prata, quando sobreveio uma tempestade que fez dar á costa a não capitania junto ao riacho de Chuy, morrendo sete pessoas neste desastre. Parece que o capitão levava a idéa de colonisar o Rio da Prata, e que, ouvindo então o seo conselho, mudou de intento, e voltou do sul, ordenando porém a seo irmão Pero Lopes que o acompanhava, que fosse tomar posse daquelle rio, e levantar os padrões.

1532. Em 1532 ancorou Martin Affonso de Souza em S. Vicente, e impressionado pela amenidade do clima, condições favoraveis do sitio, e pelo acolhimento que recebeu dos selvagens que cedêrão de suas tenções hostis por intervenção de João Ramalho, genro de Tabyreçá, que era um dos maioraes, resolveo-se a fundar ahi a primeira colonia regular do Brazil; mas vencidos os primeiros trabalhos que requeria o estabelecimento da colonia, não se contentou com essa unica obra, e deixando-se guiar por informações de João Ramalho, avançou para o interior, transpoz-se além da serra Parana-Piacába (*logar d'onde se avista o mar*) e proseguindo até o valle de Piratininga, nelle assentou os fundamentos da sua segunda colonia, e concedeo algumas sesmarias, dando o commando militar de Piratininga a João Ramalho com o titulo de Guarda-mór.

Não é inútil recordar aqui a conquista que então se preparou ao christianismo e á cauza da civilisação pelo facto da alliança de Tabyreçá, que vai no baptismo tomar o nome de Martin Affonso, e pres-

tar dentro de poucos annos relevantes serviços aos portuguezes.

Em quanto Martin Affonso de Souza dava assim principio em S. Vicente á colonização do Brazil, Pero Lopes de Souza, seo irmão, executava as ordens que recebêra, subindo pelo Paraná, muito além da fóz do Uruguay, e fazendo as necessarias explorações; e quando voltava a dar conta do que effectuára, levou-o provavelmente a fortuna á Pernambuco, onde foi achar a feitoria de Iguaçu em poder de setenta francezes, que tendo ali aportado em uma não, tomáráo sem difficuldade o estabelecimento portuguez, mandando de volta o seo navio para a Europa com uma carga de pão brazil. Pero Lopes atacou, como era de crer, os francezes, e conseguiu vence-los, e quasi ao mesmo tempo a não que estes inimigos trouxera cahia em poder da esquadra portugueza quando já de França se aproximava.

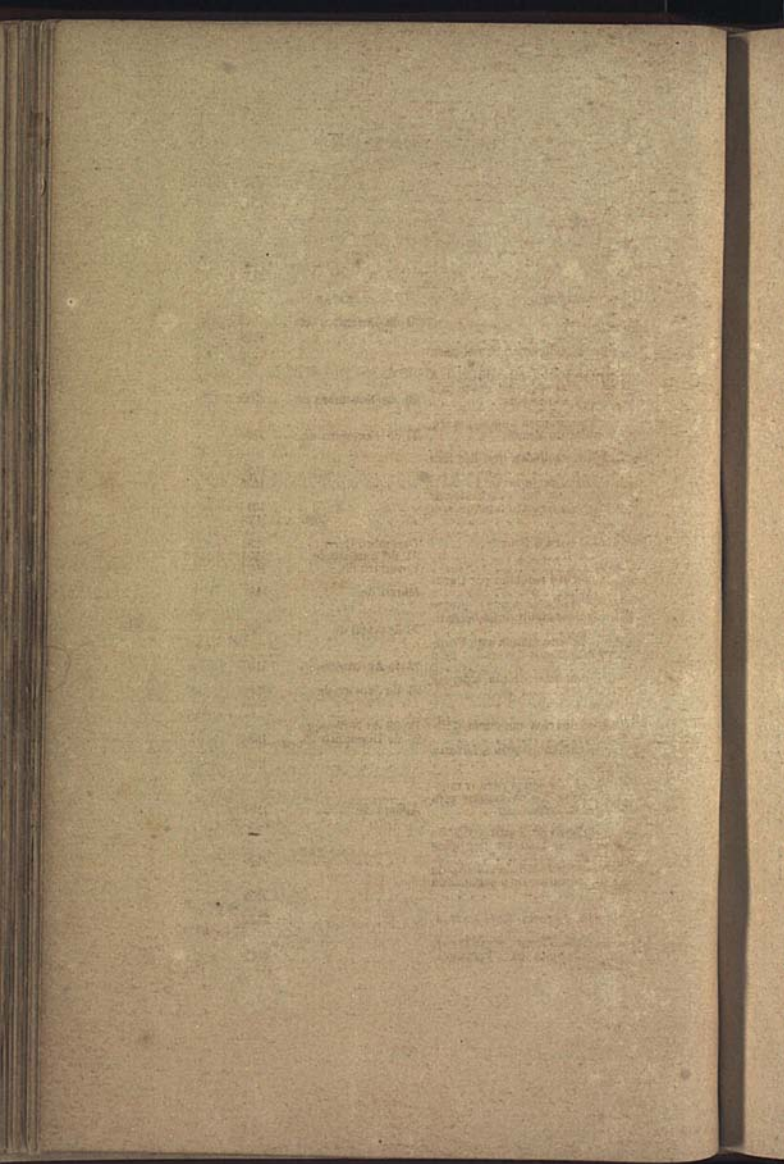
Em 1533 Martin Affonso de Sousa tornou para Portugal, deixando a direcção e governo da colonia de S. Vicente entregues a Gonçalo Monteiro: elle tinha repartido a gente que em sua expedição viera pelas duas colonias que acabava de fundar, e onde deixou officiaes nomeados, tudo em ordem de justiça, e garantidas, quanto o podião ser, as duas condições indispensaveis á qualquer sociedade, a segurança pessoal, e a de propriedade.

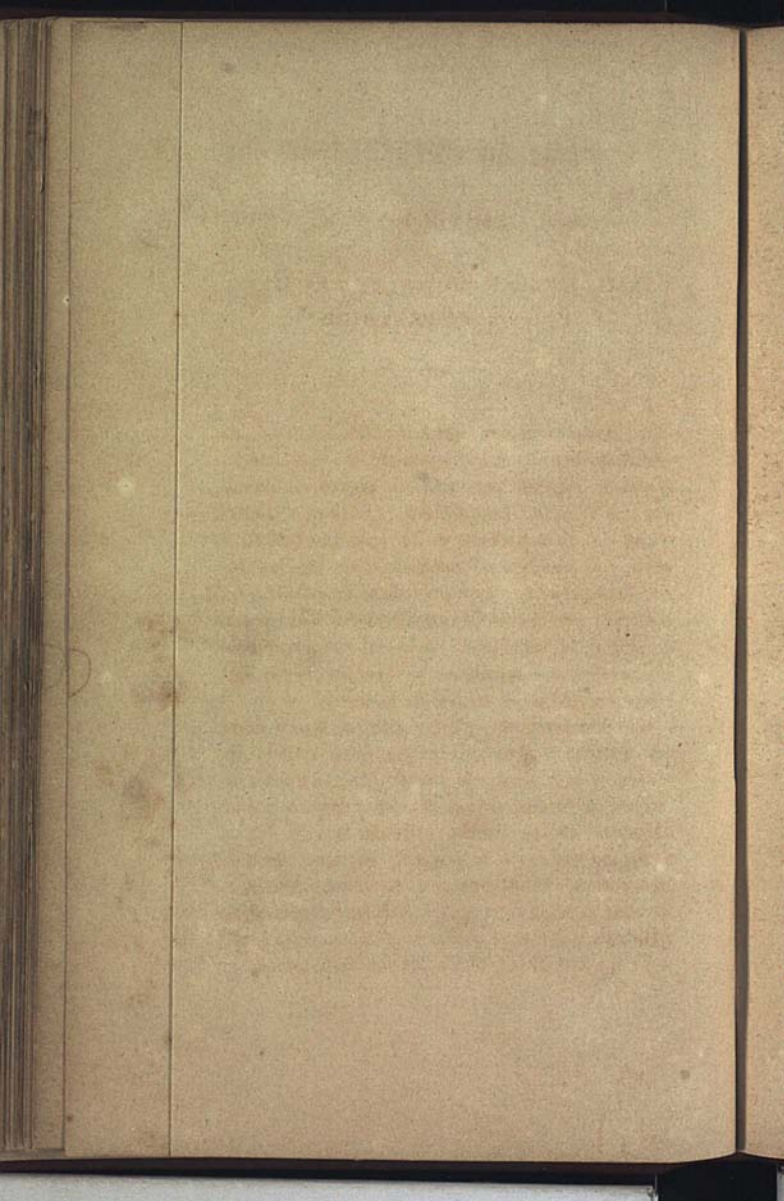
O Brazil conservará com a mais justa gratidão a memoria de Martin Affonso de Souza, seo primeiro colonizador.

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO IV.

Christovão Jacques e Martin Affonso de Souza.

| PERSONAGENS : | ATTRIBUTOS : | FEITOS E ACONTECIMENTOS : | DATAS. |
|----------------------------|--|---|---|
| D. MANOEL — O AFORTUNADO. | Rei de Portugal. | Morre. | 19 de Dezembro de . . . 1521 |
| D. JOÃO III.º — O PIEDOSO. | Rei de Portugal. | Sobe ao throno de Portugal | 1521 |
| JOÃO DA SILVEIRA. | Embaixador de Portugal em França. | Manda Christovão Jacques em uma expedição ao Brazil para contrariar empresas de francezes etc. | 1526 |
| CHRISTOVÃO JACQUES. | Capitão portuguez. | Dá a Martin Affonso de Souza cartas reais autorisando-o a conceder sesmarias no Brazil e para fundar colonias neste paiz o manda á elle com uma esquadra de cinco navios. | 20 de Novembro de . . . 1530 |
| MARTIN AFFONSO DE SOUZA. | Fidalgo da Casa Real, e do Conselho— Alcaide-mór de Bragança — Senhor do Prado etc. | Participa a D. João 3.º que em França se prepara uma esquadra, que os seus armadores destinão á costa do Brazil. | 11 de Fevereiro de . . . 1536 |
| PERO LOPES DE SOUZA. | Fidalgo portuguez, irmão de Martin Affonso de Souza. | Navega para o Brazil commandando a esquadra que lhe fôra confiada. | 1536 |
| FRANCISCO CHAVES. | Naufrago ou aventureiro encontrado em Cananéa. | Chega á Pernambuco e funda a feitoria de Iguarassú | 1536 |
| JOÃO RAMALHO. | Portuguez que naufragára, e se salvára em algum ponto da costa de S. Paulo. | Vai até o Rio da Prata, volta, encontra na Bahia de Todos os Santos tres navios francezes, que combate e mette á pique. | 1527 |
| TABYREÇÁ. | Um dos maiores da tribu que habitava em Piratininga. | Volta para Portugal. | 1528 ou 1529 |
| GONÇALO MONTEIRO. | Colonio portuguez. | Sabe com a sua esquadra de Portugal para o Brazil. | Dezembro de 1530 |
| | | Chega ao cabo de S. Agostinho. | 31 de Janeiro de 1531 |
| | | Combate e aprezta tres mãos francezas. | Fevereiro de 1531 |
| | | Entra na Bahia de Todos os Santos, onde é recebido por Camamurá e pelos chefes do gentio. | Março de 1531 |
| | | Entra na Bahia do Rio de Janeiro: (nella se demora quatro mezes, manda explorar o interior, e faz construir dous bergantins.) | 30 de Abril de 1531 |
| | | Ancóra em Cananéa, (onde em busca de ouro manda com Francisco Chaves oitenta homens, que fôrão todos devorados pelo gentio.) | 1531 |
| | | Entra no porto de S. Vicente (e ali funda uma colonia, e depois outra no valle de Piratininga.) | 12 de Agosto de 1531 |
| | | Volta para Portugal. | 21 de Janeiro de 1532 |
| | | Sobe o Paraná, explora-o, e toma posse dos rios em nome d'El-Rei de Portugal. | De 22 de Novembro a 26 de Dezembro 1531 |
| | | Ataca e vence setenta francezes que tinham tomado a feitoria de Iguarassú. | 1532 |
| | | Em Cananéa offerece-se a Martin Affonso de Souza para ir mostrar, onde ha ouro, e vai morrer ás mãos dos selvagens com oitenta homens que o acompanhão nessa expedição. | Agosto de 1531 |
| | | Vem a S. Vicente encontrar Martin Affonso de Souza, e dispõe os selvagens á favor dos portuguezes, que hão ser por elles hostilizados. | 1532 |
| | | Concorre com suas informações para a fundação da colonia de Piratininga, e recebe com o titulo de Guarda-mór o commando militar della. | 1532 |
| | | Liga-se aos portuguezes em S. Vicente, e presta-lhes serviços. | 1532 |
| | | Toma a direcção e governo da colonia de S. Vicente como lugar-tenente de Martin Affonso de Souza, que volta para Portugal. | 1533 |





LIÇÃO V.^a

O BRAZIL EM GERAL : POVOS QUE O HABITAVÃO NA ÉPOCA DO SEU DESCOBRIMENTO.

Os descobridores e primeiros exploradores do Brazil podião apenas conjecturar a sua importancia e riqueza por aquelles pontos do litoral, em que tocavão, pelo aspecto magestoso e imponente de suas florestas e de suas montanhas, e pelos rios caudaes e immensos que hião encontrando á pagar ao oceano o tributo de suas agoas; a medida porém que os conquistadores fôrão pouco a pouco se adiantando pelo interior, thesouros inexperados e incalculaveis se apresentárão á seus olhos em todos os reinos da natureza.

O vasto territorio que na America veio a caber em partilha á Portugal occupa quasi metade da peninsula meridional do mundo de Colombo e se estende do Oriente para o Occidente desde o oceano Atlantico até os Andes, e desde quasi o rio da Prata, ao Sul, até o Oyapock, ao Norte. No seo solo correm os maiores rios do mundo, levantão-se altas e admiraveis serras, dilatão-se extensos e fertilissimos valles, e campos desmedidos e fecundos : em seo litoral vem o oceano abrir numerosas

e placidas bahias, que offerecem abrigo seguro aos navegantes; e um grande numero de ilhas, algumas das quaes muito importantes, engrandece ainda mais esta feliz região.

Em tão grande extensão de paiz o clima deve forçosamente variar não pouco, e assim tambem varião as producções.

O reino mineral disputa em riqueza com o vegetal e animal: naquelle encontramos todas as pedras preciosas, que o luxo e a ostentação admirão e procurão, e todos os productos, que a industria explora e aproveita com tanto beneficio para a humanidade.

A phytologia brasileira apresenta um numero consideravel de vegetaes estimados, e que se aproveitão em applicações diversas: uns porque são arvores ou arbustos fructiferos, que dão alimento ao homem: outros que offerecem as melhores, mais duradouras, e mais bellas madeiras para toda a especie de construcção e de trabalho de marcenaria: outros que outorgão as resinas e tintas mais preciosas, e que emfim utilisão à medicina, às artes, e à industria.

Nos animaes é grande ainda a variedade das especies; não tendo porém o Brazil entre elles aquellas feras gigantescas e formidaveis, que fazem o terror dos desertos da Asia e da Africa, vê com tudo abundando demasiadamente no seo solo a classe dos reptis, muitos dos quaes são dos mais venenosos, que se conhecem.

A ornithologia prima pela multiplicidade e pela belleza das aves que povôão os bosques, os rios, e os lagos do Brazil; e na escala desses animaes que tem o dominio dos ares, ostenta desde a aguia das Guyanas (*harpia do Brazil*) até o beija-flôr, que é o typo da graça e da delicadeza.

A uberidade do sólo brasileiro é geralmente reconhecida, e apreciada: quasi todos os vegetaes e plantas que de outros paizes, alguns até de bem diverso clima, tem sido para elle trazidos, adoptarão o novo como se fôra o proprio sólo, e não poucos melhor e mais favoravelmente medrarão.

As enseadas e os mares abundão de peixe, e nestes se encontra desde a balêa até ás mais pequenas especies: e os rios são igualmente tão piscosos, que chegão a prestar a alimentação ordinaria ás familias mais pobres que habitão em suas margens no interior do paiz.

Ha mais de trez seculos que teve lugar o descobrimento do Brazil, ha perto de meio seculo que a terra da Santa Cruz regenerou-se e escreveu o seo nome na lista das nações do mundo, e suas variadas fontes de riqueza, e seos numerosos productos naturaes não estão ainda reconhecidos e explorados, e menos ainda aproveitados, senão em uma parte, que pouco e pouco se vai engrandecendo, e que mal deixa calcular o todo dos prodigiosos thesouros, que Deos semeou nella com mão bemfazeja e prodiga.

No meio porém de toda esta brilhante e opu-

lenta natureza, de todas estas proporções gigantescas, que tanto excitarão a ambição européa, cumpre reconhecer que aos olhos dos descobridores e conquistadores do Brazil o que se apresentou menos digno de admiração, mais pequeno, mais mesquinho foi o homem que habitava, e senhoreava esta vasta região.

PARTE PRIMEIRA

DO GENTIO DO BRAZIL EM GERAL.

O gentio do Brazil, como o encontrarão os portuguezes, apenas pôde ser julgado e representado na historia por deducções nem sempre muito seguras tiradas da comparação e critica de informações de escriptores e chronistas que são muitos, mas que se contradizem nos pontos mais importantes. Alguns poetisarão a vida e os costumes do selvagem, e com o encanto do romanesco o elevarão muito acima da esphera em que elle estava: muitos quasi que o confundirão com os animaes, quasi que lhe negarão todas as faculdades, e sómente, como a os brutos, lhe concedêrão notavel apuramento do instincto. A verdade não pôde estar em nenhum destes extremos, e para acertar ou pelo menos escapar mais vezes ao erro, o estudo e a critica dos escriptos antigos dão em resultado uma apreciação, que se afasta de ambos esses extremos.

Debaixo do ponto de vista physico eis aqui o selvagem, como pouco mais ou menos o descrevem Spix e Martius. Sua estatura é pequena, não tendo o homem mais de quatro a cinco pés (alle-mães) e a mulher não excedendo a quatro pés de altura. A compleição é forte e robusta. Tem o craneo e os ossos da face largos e salientes; a fronte baixa; as temporas proeminentes, o rosto largo e angular; as oréllhas pequenas; os olhos tambem pequenos, pretos e tomando uma direcção obliqua, com o angulo externo voltado para o nariz; as sobrancelhas delgadas e arqueando-se fortemente; o nariz pequeno, ligeiramente comprimido na parte superior e achatado na inferior; as ventas grandes; os dentes brancos; os labios espessos; o pescoço curto e grosso; o peito largo; as barrigas das pernas finas; os braços redondos e musculosos; os pés estreitos na parte posterior, e largos na anterior; a pelle fina, macia, lusente, e de uma côr de còbre carregado; os cabellos longos e espessos. O homem apresenta ordinariamente pouca barba, bem que não sejam raras as excepções desta regra.

Estes caractéres physicos, que em geral ajustão á todo o gentio do Brazil, parecem indicar que a sua raça provém do mesmo tronco da mongolica; esta questão porém está ainda por decidir, e se mostra sempre duplamente duvidosa: em relação á sciencia até mesmo a pluralidade das raças tem sido negada: em relação ao facto nada ha de positivo

que demonstre e explique a origem asiática da raça americana. Um dilúvio, um cataclisma separando da Asia a America, uma emigração ha seculos passados realizada, são tudo hypotheses; mas de hypotheses não passarão ainda.

E cumpre tambem notar que esses mesmos caracteres physicos em parte se ressentião dos uzos e costumes dos selvagens, uzos e costumes que variavão muito conforme as hordas ou cabildas em que erão estudados, e que sómente pôdem ser succintamente descriptos em sua maxima generalidade, que não poderá ser desmentida por modificações excepçionaes.

Era costume geral dos selvagens o andarem em completa nudez: apenas uma ou outra horda habitante das terras mais frias uzava cobrir-se com pelles de animaes; nos dias porém de suas festas, e solemnidades, e, conforme pretendem alguns, em seos combates ornavão-se com as mais brilhantes e vistosas plumas, que para esse fim tinhão de reserva: cingião então as cabeças com cocares de pennas amarellas e vermelhas, a que chamavão *acanguape*: deixavão cahir das cinturas uma tanga de plumas que erão quasi sempre de ema, e a que davão o nome de *enduape*: nos joelhos trazião muitas vezes ornamentos identicos, e ainda nas costas mantos curtos tambem de pennas ajustadas com arte, que erão chamados *açoyabas*: prendião enfim junto dos tornozelos atilhos em que enfiavão certos fructos, que ao menor movimento

soavão á semelhança de cascaveis. É inutil dizer que estes ornamentos erão mais communs ou mais primorosos nos chefes das hordas.

Pelo costume de andarem nus expondo o corpo sem defeza á influencia dos raios ardentes do sol os selaygens ficavão com a côr, já naturalmente cobreada, ainda muito mais baça, e ao sol que os crestava juntavão o uzo de diversas tintas e especialmente de urucú e de sapucaia com que pintavão o corpo. Traçavão nas faces, nos braços e tambem no peito imagens extravagantes ou emblemas de suas victorias, e de cruezas que erão para elles titulos de gloria. Muitas vezes derramavão tintas de vegetaes apropriados em sarjaduras feitas com dentes de animaes e particularmente de cutia, e perpetuavão assim a lembrança das façanhas que erão representadas por figuras que desse modo ficavão impressas em seos corpos.

Além destes ornamentos outros mais singulares ainda uzavão muitas tribus do gentio do Brazil: furavão os beiços, e quasi sempre de preferencia o inferior, e no buraco introduzião pedras, ossos, pedaços de páo, ou de resina, tendo até uma delias recebido o nome de tribu dos botocudos dado pelos conquistadores, que a alcunhárão pelo botoque de que uzava, e que na lingoa tupy se chamava — *metara* —. Não se limitava aos beiços essa móda horrivel e repugnante, que se observava igualmente nas orêlhas, nas ventas, e nas faces dos selvagens de algumas tribus; o enfeite porém que mais lhes

agradava era o *aiucará* especie de collar feito de ossos pequenos e dentes dos inimigos sacrificados por aquelle que o trazia. No *aiucará* estava escripta uma historia de combates, de triumphos, de vingança e de sangue.

Em todos estes ornamentos, alguns dos quaes erão verdadeiras desfigurações, presentia-se que em cada indio se encontrava um guerreiro, e que para esta raça indomita a primeira virtude era a bravura.

O nome de *caboclos* com que os portuguezes designarão em geral a todos os gentios, indica o uzo tambem quasi geral entre estes de trazer os cabellos rapados até acima das orêlhas. Uma tribu que uzava de cercilho, foi por isso chamada dos *coroados*.

As armas de que os gentios se servião, denunciavão o seo atrazo e a sua rudeza : a excepção da *lança*, que não era commum, do *escudo* que era de um couro duro, limitavão-se ás seguintes : o *arco e fléxa* — a *maça* — e a *zarabatana*. O arco era quasi sempre de um páo, que por isso ficou sendo chamádo páo d'arco : suas cordas erão de tucúm, as fléchas de ubá ou de upi, e levavão nas pontas óssos ou dentes de animaes, além de algumas pennas prezas com fio de algodão : algumas erão ervadas com venenos conhecidos pelos guerreiros. O arco chamava-se *urapará*, as fléxas *hui* : o primeiro excedia as vezes á altura de um homem; as segundas variavão de tamanho, e quasi sempre,

quando arrojadas, se tornavão fataes, porque a pontaria do gentio nunca deixava de ser segura.

A maça, que se denominava *tangapema*, ou *tacape* era o que diz o seu nome portuguez : arma destinada aos combates corpo á corpo, e manejada pelo vigoroso braço do selvagem, de ordinario derribava uma victima em cada golpe.

A *zarabatana* era principalmente uzada nas margens do Amazonas e do Rio Negro por algumas tribus que ali habitavão.

Nos cazos de uma luta no mar ou em rio importante ou em qualquer empreza e trabalho nos rios e no oceano, de cujas praias aliás muito pouco se afastava, tinha o gentio a *igara* canôa construida de ordinario de um unico tóro de arvore, ou a *ubú* outra especie de canôa feita de cortiça de arvores : e tam grandes as vezes empregava, que em algumas embarcavão até quarenta pessoas ; servindo-se para dirigir e impellir estas rudes porém tam velozes como seguras embarcações de um leme e do remo que em sua lingoa chama-vão o primeiro *yacumá*, e o segundo *apecuitá*.

Tirando ós meios principaes de sua nutrição da caça e da pêsca erão os gentios natural e incontestavelmente habéis caçadores e pescadores : contra o peixe uzavão das rêdes de tucúm, e de outros tecidos, muitas vezes das fléxas, e não poucas do envenenamento pelo emprego do timbó e de diversos vegetaes veneficos que lançavão nos rios : na caça attrahião as aves arremedando seos cantos.

e as matavão à tiros de fléxas, ou as apanhavam em laços de cordas : aos quadrúpedes mais fortes e aos mais ferozes armavam mundéos, armadilhas que opportunamente deixavam cahir grossos troncos sobre os animaes que por baixo passavam.

Para as suas solemnidades, suas festas, e danças a que chamavam *poracés* tinham entre alguns outros os seguintes e principaes instrumentos : o *maracá* cabaço cheio de pedras e óssos, que se agitava, e que exercia sobre a imaginação desses rudes filhos do deserto uma influencia poderosa, por que era precisamente o maracá o seo instrumento religioso; o *uapy*, que lhes servia de tambôr; o *memby*, feito de osso, o *toré* de taquára, e emfim o *uatapy*. Na guerra e no meio do alarido e do horror da peleja soava a sua trombeta, que era a *inubia* ou *erubia*, que não passava de uma especie de bozina.

Era geral o uzo dos banhos em todas as tribus: uma vez ao dia pelo menos, muitas vezes no meio de suas marchas, regularmente ao voltar da caça, ou dos trabalhos, e excursões os gentios atiravam-se ao rio, e banhavam-se aprazivelmente.

Em todos estes uzos e costumes a mulher apenas se distinguia do homem em insignificantes modificações, e naquelles que eram extranhos ás occupações proprias do seo sexo, ou que lhe eram exclusivamente destinadas. Trazia pouco mais ou menos os mesmos ornatos e enfeites; eram-lhe porém peculiares e muito estimados os ramões de contas

de diversas côres, de que fazia collares e pulseiras: aquella que tinha por marido um guerreiro, e que o havia acompanhado aos combates, tinha o direito de ornar o seo collo com o terrivel *ayucará*, que aliás podia ir pouco e pouco estendendo suas proporções (como uma historia. em que se multiplicão os episodios), á medida que novos inimigos hião sendo sacrificados pelo marido. Tambem a mulher cingia a cintura e a frente com plumas brilhantes, grudando-as á cabeça com icica, e diversas rezinas: do mesmo modo uzava enfeitar os punhos e os joelhos com pennas, e ainda uzava desfigurar-se como o homem, furando os beiços e as orêlhas; parece porém que em algumas hordas a mulher não condemnava seo rosto a este barbaro uzo, assim como asseverão viajantes, que em certas tribus ella poupava o cabello, e não o rapava, como fazião os homens.

Todos estes uzos e côstumes denuncião um povo na sua infancia, homens rudes e selvagens, alheios á civilização; mas de nenhum modo apenas um grão acima do bruto, e incapazes de alguns nobres e generosos sentimentos.

Vivendo vida de guerras e combates, que erão tanto mais encarniçados e horriveis, quanto menos recente era a inimisade entre as hordas belligerantes, o gentio do Brazil habituou-se á vingança, e quando a exercia, requintava na crueldade, levando-a até a antropophagia; (que aliás, em algumas tribus não se observava) mas por maior que fosse o gosto

que achasse nesses horrorosos banquetes, jamais devorou um cadaver, que não fosse de inimigo. Era antropophago por vingança.

A guerra que tão cruel o tornava, deo ao mesmo tempo e pela necessidade da cautela e da defeza notavel sagacidade ao gentio, e lhe apurou os sentidos por tal modo, que pelo fâro reconhecia a aproximação do inimigo : penetrando nas mais densas florestas, nunca se perdia, e ás vezes, se o suppunha necessario, deixava no caminho que levava ramos quebrados, que servião para dirigi-lo na volta.

Em cazo de retirada depois de um combate, ou de marcha para algum ponto os selvagens de certas hordas caminhavão um a um, e as vezes de costas, e cada qual assentava os pés nas pizadas do que marchava na frente, afim de illudir por essa maneira os inimigos, ou esconder-lhe o numero, e a direcção que levavão.

Quasi sempre desconfiado ao primeiro accesso de um desconhecido, o gentio logo depois mostrava-se facil ao trato, e com uma segurança, que lhe foi fatal em suas relações com os conquistadores; uma vez porém que o desengano ou a suspeita delle se apoderava, não havia laços, nem considerações, nem ajustes, que respeitasse.

Exercia a hospitalidade como os arabes: o hospede, ainda mesmo quando pertencia á uma horda inimiga, era sempre tratado com attenção e favor, e se acontecia ser um amigo não havia obsequio

que se poupasse, nem gozo que não se lhe facilitasse, e offerecesse.

Finalmente agreste, simples, inculto e barbaro em seus uzos e costumes, zeloso mais que tudo de sua independencia, audaz e bravo nos combates, cruelissimo na vingança, astucioso, sagaz e desconfiado pela necessidade, com todos os defeitos e vicios do selvagem, com alguns sentimentos nobres e generosos, indolente na paz, e impávido e grande em face da morte dada pelo inimigo, eis o que era o gentio do Brazil debaixo de um ponto de vista geral.

PARTE SEGUNDA

O GENTIO DO BRAZIL EM RELAÇÃO Á FAMILIA.

Embora não os respeitassem bastante, é inegavel que o gentio do Brazil tinha laços de familia. A autoridade do pay era reconhecida pelos filhos, e pelos pretendentes á posse das filhas. Em regra geral, a que aliás alguns escriptores pretendem estabelecer excepções, que no entanto não determinão um costume, erão observados nos cazamentos os trez grãos principaes de consanguinidade: nenhum tomava por mulher nem sua may, nem sua irmã, nem sua filha; o tio porém podia despozar a sobrinha. Uma outra prova da existencia e tal qual consideração dos laços de familia está no facto da importancia que gozava em sua horda aquelle que grande numero de filhos contava. Se a influen-

cia paterna não se fizesse sentir sobre a família, pouco ou nada valeria ao velho selvagem a sua numerosa próle.

Além d'estas considerações testemunhão ainda certos costumes do gentio do Brazil, como se vai ver, uma clara attenção ás relações de parentesco, não podendo prejudicar esta asserção outros que vem por sua vez attestar a selvaticueza d'esse povo.

O gentio era polygamo : o homem tomava para si tantas mulheres quantas lhe agradavão e queria ; no entanto a sua primeira mulher exercia sobre todas as outras uma especie de dominio, e diz-se que entre ellas era raro apparecer as desavenças que inspira o ciúme, assim como louva-se a fidelidade que essas mulheres guardavão ao homem, a quem pertencião.

O casamento do selvagem nada offerencia de ceremonioso : o pretendente pedia a mulher dezejada ao pay, que ou lh'a entregava logo, ou punha em tributo o empenho do amante, fazendo-o primeiro trabalhar por tempo indeterminado em suas roças : alcançado enfim o beneplacito paterno, a mulher passava do poder do pay ao do marido.

Entretanto não se realizava nunca um d'esses casamentos antes de ter a mulher tocado a época de sua puberdade : se as vezes se dava o caso de tomar um homem para sua futura mulher uma menina, levava-a sim consigo ; mas nem por isso respeitava menos aquella condição da natureza.

As jovens selvagens costumavam trazer apertadas as pernas abaixo dos joelhos com umas ligas a que chamavam *tapacurá*; logo porém que pertencião a um homem rompião esses signaes que attestavão a sua pureza.

O homem guardava a mulher sómente o tempo que lhe aprazia: a repudiada livre de um senhor passava em breve ao dominio de outro até que enfim mais tarde a esperavão os trabalhos e occupações reservados ás velhas.

A mulher que sobrevivia ao marido, ficava pertencendo ao irmão deste e em todos os cazos a sua condição era sempre menos a de uma companheira do que a de uma simples escrava. Nem mesmo a sublime funcção da maternidade a elevava aos olhos do selvagem: o filho era apenas o *seo parido* « *membira* » como o chamava, enquanto o homem o designava por « *taira* » què quer dizer *procedente do seo sangue*. A mãy era extranha ás condições de seo filho, que pelo contrario via-se sujeito á de seo pay, escravo se elle era escravo e mesmo destinado a ser devorado, se fôra seo progenitor um inimigo da horda em cujo seio infelizmente nascêra.

E até chegava o homem a uzurpar á mulher as proprias emoções e soffrimentos do parto, pois em quanto esta mal acabava de dar á luz ao filho hia atirar-se com elle ao rio, onde longamente se banhava, o pay ficava recolhido e deitado na rêde, e ahi se demorava dias inteiros recebendo as visitas dos parentes e amigos.

O filho era amamentado durante dous, trez e quatro annos: de ordinario a amamentação terminava, quando a mãy outra vez concebia: ao entrar na segunda infancia, o menino seguia o pay, que o adestrava em todos os exercicios convenientes e indispensaveis á vida que o esperava: a carreira, o salto, a natação, o tiro da fléxa, o manejo da ta-cape formavão o que se poderia chamar a sua educação. A menina ficava á cargo de sua mãy, e com ella aprendia os mystéres que se incumbião á mulher n'aquella vida selvagem. Filho ou filha emquanto pequeno era nas longas viagens carregado ás costas de sua mãy. Ao menino ou á menina dava o pay logo que o via nascer o nome de uma arvore, de um peixe, de uma ave, ou de uma féra, e por conta do filho ficava o tomar ainda outro nome, o seo nome de guerreiro, conquistando-o em algum combate, em que mostrasse bravura.

E ainda nos trabalhos e occupações da vida era a partilha da mulher a mais onerosa. Os homens roçavão os matos, e empregavão-se na péscia e na caça: as mulheres fasião as plantações, e procedião ás colheitas que constavão especialmente de mandiôca, e do aypim: preparavão as bebidas fermentadas que erão de fructos e de raizes; a farinha de mandiôca; o peixe e a caça, que moqueávão, e reduzião a pó para melhor conserva-los; fabricavão os utensilios domesticos, que constavão de canastras de junco, *patiguá*; de talhas, *iguaçabas*, de vasos de barro, de cuias que ornavão com esmero bordan-

do-as de mil maneiras, de balaios e cestinhos de palha emfim, a que chamavão *pacarazes*; tecião as rôdes, *ini ou maçuira*; as cordas, *mussuranas*, que erão de algodão, de casca de guaxima, e de embiras diversas. E quando dava-se o empenho de uma guerra, ou de qualquer expedição por mais longinqua que fosse, ás mulheres ainda pertencia o carregar os utensilios necessarios, e os alimentos.

Todos esses trabalhos cabião indistinctamente ás mulheres de todas as edades; mas especialmente competia ás velhas a preparação das farinhas, e das bebidas fermentadas, e ainda mais a dos venenos, em que se mostravão habéis; acontecendo porém as vezes morrêrem por descuidosas, imprudentes ou mal sabidas no desempenho de tão perigoza tarefa.

Em suas molestias erão os selvagens tratados com o natural desvelo pelos parentes e amigos; diz-se porém que tribu havia, em que ao desesperar-se da cura do doente, era uzo dar-lhe a morte para poupa-lo a mais longos tormentos, e que em outras abandonava-se deffinitivamente o moribundo: é provavel que n'este ultimo cazo tenha-se confundido o completo esgotamento de todos os meios curativos, de que dispunhão os gentios, com um abandono dasapiedado.

Ao selvagem que morria, choravão as mulheres, parentes e amigos, que junto do cadaver vinhão recordar seos feitos e proesas, ou exhalar a dôr em lamentações: ao irmão, ou parente mais proximo do finado cumpria abrir-lhe a cóva, e enterra-

lo : na cova a que chamavão *tibi*, e que era feita dentro do rancho, ou no cemiterio, *tibicoara*, nas hordas que costumavão tê-lo, depunhão-se a rêde e as armas do finado, alimentos e bebidas, e sobre ella emfim acendia-se fogo durante alguns dias. Algumas tribus encerravão os seos mortos em talhas de barro, *iguacabas*, que erão depois enterradas. Quando morria uma mulher, era ao marido que competia prestar-lhe aquelles ultimos officios.

PARTE TERCEIRA

O GENTIO DO BRAZIL EM SUAS RELAÇÕES SOCIAES.

Os primeiros colonisadores devêrão á memoria das tribus do gentio, com que se relacionárão e ao estudo do viver e do movimento dessas e de muitas outras que não se dobrárão ao seo dominio, a idéa de uma transmigração d'esses povos; e as mais seguras probabilidades indicão, que as hordas selvagens tinhão tomado uma direcção de norte para sul e vinhão trazendo de vencida umas ás outras, combatendo-se incessantemente, e proseguindo sempre.

Mas apezar d'essa guerra interminavel, com que se dilaceravão as numerosas cabildas, adivinha-se que erão quasi todas ramos de um unico tronco: muitos dialectos de uma mesma lingoa, que se chamou geral, erão fallados por um grande numero das hordas encontradas no litoral, e ainda no interior

do paiz : além d'isso a similitude mais ou menos completa dos costumes, o mesmo horisonte limitado de idéas, a mesma indole, os mesmos vicios, e as mesmas virtudes indicão que todas ellas formavão uma só nação ; não formavão porém um só corpo, ou se hostilizavão como inimigas incarnicadas ; porque o atrazo immenso que mostravão em civilisação, condemnava-as a viver sem um governo sufficientemente regular e sem fôrtes laços sociaes ; porque não tinham uma religião, senão a unica verdadeira, ao menos alguma fundada em principios, que sendo por todas ellas acatados, fosse um nexo que as ligasse, e as fizesse fraternisar ; porque não havia interesses geraes, nem dependencia mutua ; porque cada qual podia viver por si e sem precisar de outrem, visto que o rio e a floresta lhe dava o peixe, a caça, e os fructos, as aves lhe davão penas, as arvores o arco, a flexa e a tacape : não havia commercio, nem industria, não havia permutas, nem relações ; o isolamento de cada uma tribu era portanto a consequencia necessaria dos seus costumes.

Tudo pois desligava os ramos d'esse tronco unico: a união de algumas centenas de individuos formando uma só horda ou cabilda era determinada talvez ainda menos pela necessidade de se deffenderem dos inimigos, do que pelos laços de parentesco que reunia em um estreito circulo algumas familias.

Demais não sendo agricolas senão tanto quanto o exigia o cuidado da propria alimentação, não

tendo commercio, nem interesse algum que as prendesse ao sólo, em que temporariamente habitavão; quando escasseava a caça e o pescado, as cabildas mudavão de sitio, e hião procurar outro mais abundante em raizes, e fructos, e onde mais facilmente encontrassem o que já lhes faltava no lugar que deixavão; fossem embora estas mudanças aconselhadas tambem por um preceito hygienico, que a experiencia tivesse ensinado; certo é que ellas se realisavão, que as cabildas visinhas vião-se de subito separadas por grandes distancias, e que era assim muito difficil relacionarem-se intimamente umas com as outras.

Esta desunião, a rudeza dos selvagens, e as inspirações da vingança entretinhão lutas e combates interminaveis, pois que uns aos outros se succedião; e por essa mesma vida nomade, por essas mesmas guerras devastadoras, pelos costumes rudissimos, que tinhão, póde-se bem explicar a mingoa de sua população, que tanto se fez notar.

A dar-se credito ás informações de diversos chronistas, e historiadores, subirião a mais de quatro centas as tribus de gentio, que os colonisadores encontrãõ no Brazil: nasceo esta exaggeração do engano em que muitos incorrêrão confundindo com a existencia de tribus distinctas os nomes e alcunhas que recebião algumas, conforme se denominavão a si mesmas, ou erão por seos inimigos denominadas: entretanto erão realmente numerosas; quasi todas porém pertencião a nação *tupi*.

que quer dizer « tio » ou *guarani*, « guerreiro, ou bravo ».

Pretende-se que as tribus estranhas ao grande tronco *guarani*, erão de uma outra nação igualmente numerosa e muito mais feroz, que tinha o nome de *Tapuya*, e era a dominadora de grande parte do paiz, e das margens do Amazonas.

Nas denominações com que as tribus se fazião conhecer, presidia sempre a idéa do terror que pretendião inspirar ou do orgulho e jactancia das qualidades, de que mais se ensoberbecião : nas alcunhas sentia-se naturalmente a injuria e o insulto lançados pelo inimigo.

Cada uma tribu subdividia-se ou podia subdividir-se em hordas ou cabildas, e a horda ou cabilda compunha-se de algumas centenas de individuos habitando em uma só aldêa ou *taba*.

Quatro ou seis palhoças, *ocas*, levantadas e dispostas de modo a formar uma praça, *ocara*, no meio dellas, espaçosa bastante para conter toda a cabilda, e amigos de alguma visinha; cada um desses ranchos ou palhoças tendo de uma a trez sahidas, e todas sómente para a *ocara* e no seo interior sem a menor subdivisão, e servindo de abrigo á muitos selvagens aparentados ou não; vivendo porém em perfeita fraternidade; na extensão da *oca* esteios, a que se prendião as rêdes em que elles dormião; no meio della o fogo que incessantemente ardia, e que, se alguma vez se apagava, era renovado por meio do atrito prolongado de dous

pãos; ao longo e junto das parêdes giráos, onde guardavão utensilios, e comida; todo o espaço comprehendido por esses ranchos deffendido por uma cerca de pão, que á curta distancia o circulava e cujas hastes, e particularmente as da entrada principal ostentavão o repulsivo e horrivel ornato de caveiras dos inimigos mortos e devorados: eis em ligeiro quadro a *taba* do gentio do Brasil.

Algumas hordas não tinham mais do que uma unica palhoça, e n'essa vivião todos os da cabilda: outras não possuião, nem levantavão jamais aldêa, dormindo em rêdes suspensas aos ramos de arvores ou em grutas e cavernas: mas desde que havia *taba* não faltava a trincheira, ou cerca de pão, *cahiçara*.

Não havia verdadeira sociedade politica em nenhuma cabilda: o costume tomava o lugar da lei: o numero limitado dos membros de cada horda, a rudeza e o amor extremo da mais complêta independencia, que caracterisavão o gentio, sua vida fraternal na *taba*, a realisacão facil dos parcos desejos de cada um, e nenhuma especie de cubiça e de ambição determinavão a não existencia de um governo regular. Naturalmente havia sempre um chefe, um maioral, o *morubixaba*, que influa sobre todos, que commandava na guerra, á quem mais que á qualquer outro se attendia e obedecia na paz, e que apenas gozava insignificantes regalias exclusivas. O *morubixaba* era escolhido por todos os guerreiros, que preferião para seo chefe aquelle dos seos que mais notavel se fazia pela força.

pela intrepidez, e pela astucia; de ordinario porém o filho do morubixaba succedia á seo pay n'esse grão com assentimento da cabilda: um dos signaes de consideração dada á esses maioraes era, que ao mesmo tempo que toda uma cabilda, nas horas da refeição, comia em commum, pondo-se todos de cócoras no chão, o morubixaba comia á parte, e recostado.

Mas fôra um erro acreditar, que esses chefes exercião poder absoluto: pelo contrario, quando se tratava de assumptos graves, como da declaração ou empenho de guerra, de alguma transmigração, da mórte de algum prisioneiro, ou da paz, reunia-se a cabilda inteira na *ocara*, discutia-se a materia, ouvião-se longos discursos, e a resolução era tomada pelo voto de todos.

Em uma sociedade assim organizada, ou antes com tanta falta de organização, difficilmente se admittiria no seo seio o reconhecimento de crimes, de culpados, e a sua punição por um poder superior; tambem o roubo era desconhecido nas cabildas, e nem podia havê-lo, sendo tudo commum: o crime unico era o homicidio, e o seo castigo a mórte do assassino: os parentes d'este o entregavão aos da victima, que saciavão n'elle a sua vingança.

Os gentios do Brazil não tinham religião fundada em principios: entretanto a idéa de um ente supremo n'elles se denunciava pelo medo, que lhes cauzava o trovão, a que chamavão *tupa-cinunga*

dando ao relampago o nome de *tupa-beraba*, e ao complexo d'estes phenomenos o de *tupá*; mas a palavra *tupá*, *tupana*, que póde ou deve significar *senhor ou vibrador do raio*, e o facto de terem os cathecumenos dos Jesuitas designado com essa palavra, em sua lingoa, a hostia consagrada, indica bem que elles comprehendião a existencia de um ser supremo, embora não soubessem apreciar todos os seus divinos attributos.

Nem admira que essa idéa tivessem os gentios, quando acreditavão nos genios bons e máos, como nos *ca-pora* o mão genio ou fantasma das florestas, *anhangá* e *jeropary* da noute, *curipira* das montanhas, *macachera* dos caminhos, *marangiguana* das brenhas, e tinhão ainda o prejuizo dos agouros sinistros, sendo para elles ave mal agoureira a coruja, a que chamavão *oiti-bó*.

É licito tambem suppôr que não era absolutamente estranha aos selvagens a idéa da eternidade, ou pelo menos de uma outra vida; pois acreditavão muitos que os guerreiros valentes que morrião, passavão a habitar as *montanhas azues*, e talvez que com esta crença tivesse alguma relação o costume de enterrar os seus finados, com as armas e as rêdes, e com alimentos e bebidas para alguns dias.

A isto porém não se póde dar as honras de uma religião, e não a tendo, mal se consideraria sacerdotes entre os selvagens certos pretendidos feiticeiros denominados *pajés*. Charlatães ou maniacos, infelizes com a pretensão de adivinhos os pajés

vivião longe das tabas em *tujupares* nos desertos, ou em escuras grutas : o mysterio augmentava a sua influencia : ao annuncio da visita de um pajé á uma taba, limpava-se e ornava-se o caminho, e preparavão-se festas : á voz do pajé seguia prompta obediencia, e se elle predizia a mórte de um selvagem, este, assegura-se, deitava-se na rêde, e contando como certo o passamento, não comia, nem bebia, e de feito realisava-se a previsão. Conta-se ainda que para chegar a ser pajé, passava o pretendente pelas mais difficeis, horriveis, e ás vezes fataes provas. O pajé era o cantor, o medico, o augure, e no entender de alguns, o sacerdote do gentio.

Á estas idéas e prejuizos e á alguns conhecimentos em agricultura que possuia o gentio vinha ainda ligar-se uma tradição que corria entre elle, quando os portuguezes começão a avassallar a terra. Dizia-se que um homem chegado de longe e de fóra, e a quem chamavão *Sumé* ensinára a plantar a mandiôca, e espalhára alguns preceitos de agricultura : offendida pela ingratição de certos selvagens essa personagem desaparecêra tão mysteriosamente como viera, prometendo comtudo voltar um dia. Se não é possível regeitar esta tradição nem por isso é facil o explica-la.

Apezar dos serviços prestados por este mysterioso civilizador, não se mostravão adiantados em industria, artes, e ainda menos em sciencias os selvagens do Brazil, Sua lingoa, á que aliás faltavão as letras

F, L, e R forte, era tão póbre como o devia ser a vista do estreito circulo das idéas do gentio: em numeração algumas tribus não passavão além de cinco determinadamente, e de cinco por diante o collectivo muito, *tuba*, resumia ou explicava tudo. Conhecião a influencia bôa ou má das diversas phases da lua sobre a pêsca, as plantações, e o córte das madeiras, e d'esse mesmo planeta se servião para marcar o tempo, amontoando pedras, ou dando córtes em cascas de arvores, correspondendo o seo numero ao das luas que hião passando: em suas longas viagens atravez de immensos desertos chegavão certos ao ponto buscado, guiando-se pela posição de certas estrellas; em medicina tiravão grande recurso da dieta, da sangria que fazião com os dentes de alguns peixes, e da applicação de hervas, de fructos, e de raizes, de cujas propriedades tinhão conhecimento. Para cortar empregavão pedras afiadas. Conseguião acender fogo pela maneira que já se disse, e erão habéis nas manufacturas de todos os seus utensilios, e de suas armas, e na preparação de diversos venenos.

E não admira que tão atrasados estivessem em civilisação, quando além de outras considerações já expostas, andavão tantas vezes occupados na guerra, que era o seo mais importante e grave myster. Em regra geral a guerra se fazia sem prévia declaração consistindo em ataques inesperados. Contra a aldêa atacada arrojavão os inimigos settas que, para incendia-la, levavão porções de algodão inflammado.

O ataque era dado ao toque das *inubias* e do *maracá*, e ao som dos gritos mais horribes: o arco e flexa servião á distancia; logo porém seguia-se a luta corpo a corpo, e então chegava o ensejo de se manejar a tacape, levando as vezes os combatentes a sua furia até o ponto de empregar os dentes e as unhas uns contra os outros. Se a victoria se decidia pelos atacados uma retirada prompta era o recurso dos atacantes; se porém erão estes os vencedores, raza e saqueada ficava a *taba* dos vencidos, e destruidas as suas roças.

Terriveis como os que se davão em terra, erão os combates no mar e nos grandes rios: atado á prôa da *igára* soava o *maracá* animando os guerreiros, que nesse novo campo de batalha além de todas as outras armas, tinhão ainda para ferir-se e matar-se os remos ou *apecuitás*.

No meio ou no fim de um combate o infeliz que vencido se reconhecia, e mais não podia lutar, e bater-se, largava as armas, levantava os braços e punha as mãos na cabeça entregando-se ao vencedor. Não havia tambem maior gloria para um guerreiro, do que fazer um prizioneiro.

Em seguida ás victorias vinhão as festas mais estimadas do gentio, aquellas em que devião ser devorados os prizioneiros, festas que duravão muitos dias, e para as quaes erão convidadas as hordas amigas; antes porém do dia do horrivel sacrificio tratavão os vencedores com o maior desvelo os prizioneiros, procuravão engorda-los, e davão-lhes

até por mulheres as mais bellas moças da cabilda ou aquellas que mais do gosto delles parecião.

Chegada a hora fatal vinha o prisioneiro rodeado por toda a cabilda e convidados e ao som do *uapy* era amarrado com a mussurana e conduzido ao meio da praça, *ocara*; em torno delle dançãvã as mulheres até que apparecia o executor com todos os ornatos de gala, e empunhando a *ivarapema*, especie de tacape enfeitada e destinada á estes sacrificios. A victima ouvia então do seo algoz invectivas e apostrophes, e enfim a dolorosa descripção dos martirios, porque hia passar; impavida porém respondia com a injuria á injuria, fazia menção dos seus inimigos, que por sua vez tinha devorado, e provocava a vingança e a morte; á um golpe enfim da *ivarapema* cahia por terra, e era logo feita em pedaços pelas velhas, seguindo-se á esta tremenda scena de canibalismo outra não menos horrivel de antropophagia, e dias inteiros de festas, e danças e de embriaguez.

Mas nem em todas as tribus era o prisioneiro sacrificado assim atado com a *mussurana*. Em algumas pelo contrario deixava-se livre a victima, dava-se-lhe uma tacape, e o direito da deffeza propria, e o sacrificio era sempre o resultado de uma luta que o desespero tornava enraivada.

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO V.

— PARTE PRIMEIRA —

§ gentio do Brazil em geral.

| CARACTÉRES PHYSICOS : | COSTUMES : | USOS E ORNATOS : | ARMAS : | INSTRUMENTOS DE MUSICA : | CARACTER, VIRTUDES E VICIOS. |
|--|---|--|--|--|--|
| <p>Estatura, em geral, a do homem de quatro á cinco pés (allemaes); a da mulher não excedendo á quatro pés.—Grane e ossos da face largos e salientes:—fronte baixa—temporas proeminentes:—rosto largo e angular:—orelhas pequenas:—olhos pequenos com direção obliqua, tendo o angulo externo voltado para o nariz:—sobrancelhas delgadas e arqueadas:—nariz pequeno ligeiramente comprimido em cima, e achatado em baixo:—ventas grandes:—dentes brancos:—labios espessos:—pescoço curto e grosso:—peito largo:—barrigas das pernas finas:—braços redondos e musculosos:—pés estreitos atraz, e largos na parte anterior:—pelle fina, macia e luzento, e cor de cobre:—cabellos longos e espessos:—pouca barba no homem, bem que haja exceções a esta regra.</p> <p>A raça é uma e unica e se assemelha á mongolica; mas é duvidoso, se provém do mesmo tronco.</p> | <p>Os gentios do Brazil andavão regularmente em completa nudez.</p> <p>Em quasi todas as tribus erão antropophagos, devorando os seus prisioneiros.</p> <p>Tiravão a sua alimentação da caça, da pesca, de fructos, e de inhames.—Na pesca empregavão setas, rédes, e vegetaes veneficos lançados e deixados n'agua: na caça as flexas, os laços de corda, e os mundées.</p> <p>Era geral o uso dos banhos.</p> <p>Em suas marchas andavão as vezes de costas e cada qual punha o pé na pegada que deixava o que lhe hia diante.</p> <p>Tinlão para suas guerras e empresas no mar, e nos rios, canoás, á que chamavão <i>igara</i>—e—<i>ubá</i>.</p> <p>Aprazião-se muito com as suas danças, á que chamavão <i>povacés</i>.</p> | <p>Uzavão diversos ornatos em suas solemnidades, e festas.</p> <p>Na cabeça trazião um cocar de pennas amarellas e vermelhas, que se chamava <i>acavayave</i>, e tambem <i>Kavitar</i>: na cintura uma langa ou fraldão de pennas, que nos homens se chamava <i>evduayve</i>, e nas mulheres—<i>avosoya</i>—nos joelhos ornatos identicos—pendente dos hombros um manto de pennas—<i>agoyaba</i>—nos tornozellos sobre os pés atilhos inflando fructos que soavão como caseaveis. No pescoço uma especie de collar de ossos pequenos e dentes dos inimigos <i>avacára</i>: nos beiços, nas ventas, nas orelhas, e nas faces fazião buracos e nestes introduziao botoques (<i>metara</i>) de póo, pedra, osso, barro, ou resina. As mulheres uzavão collares e pulseiras de contas de diversas cores.—</p> <p>Pintavão o rosto com diversas tintas, e fazião no peito e braços sarjaduras, e nestas derramavão tintas, que representavão imagens etc.—Cortavão os cabellos.—Nos paizes frios trazião pelles de animaes sobre o corpo.</p> | <p>Arco (<i>urapará</i>) da altura de um homem e mais: flexas (<i>hwí</i>) que tinlão nas pontas ossos e dentes afiadados, e erão as vezes hervadas.</p> <p>Maça—(<i>tacape</i>)—de póo muito duro.</p> <p><i>Acavayema</i> que era a maça destinada para o sacrificio dos prisioneiros.</p> <p>Lanças de póo com a ponta afiada.</p> <p>Escudos, que erão de couro etc.</p> <p><i>Zarabatana</i> uzada principalmente por algumas tribus do Amazonas.</p> | <p><i>Maracá</i>: cabaço cheio de pedrinhas suspenso em um cabo enfeitado de pennas: era o seo instrumento religioso.</p> <p><i>Ywabia, irubia, ou jwabia</i>, o seo instrumento marcial, era uma especie de buzina.</p> <p><i>Uapy</i> que era o seo tambor.</p> <p><i>Mewby</i> especie de gaita que fazião do femur de algum inimigo sacrificado.</p> <p><i>Tové</i> outro instrumento que fazião de taquirá.</p> <p><i>Vatapy</i>, que era uma especie de buzio.</p> | <p>A vingança era a sua paixão dominante, e mostravão-se nella muito cruéis.</p> <p>Erão de extraordinaria sagacidade.</p> <p>Mostravão-se quase sempre muito desconfiados.</p> <p>Não respeitavão ajustes nem contractos, desde que leves suspeitas delles se apoderavão.</p> <p>Erão notavelmente hospitaleiros.</p> <p>Erão simples, muito rudes, e extremamente zelozos de sua independencia.</p> <p>Mostravão-se sempre bravos no combate e impassiveis diante da morte.</p> <p>Não tinlão nem ambição nem cubia.</p> |

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO V.ª

— PARTE SEGUNDA —

¶ gentio do Brazil em relação á familia.

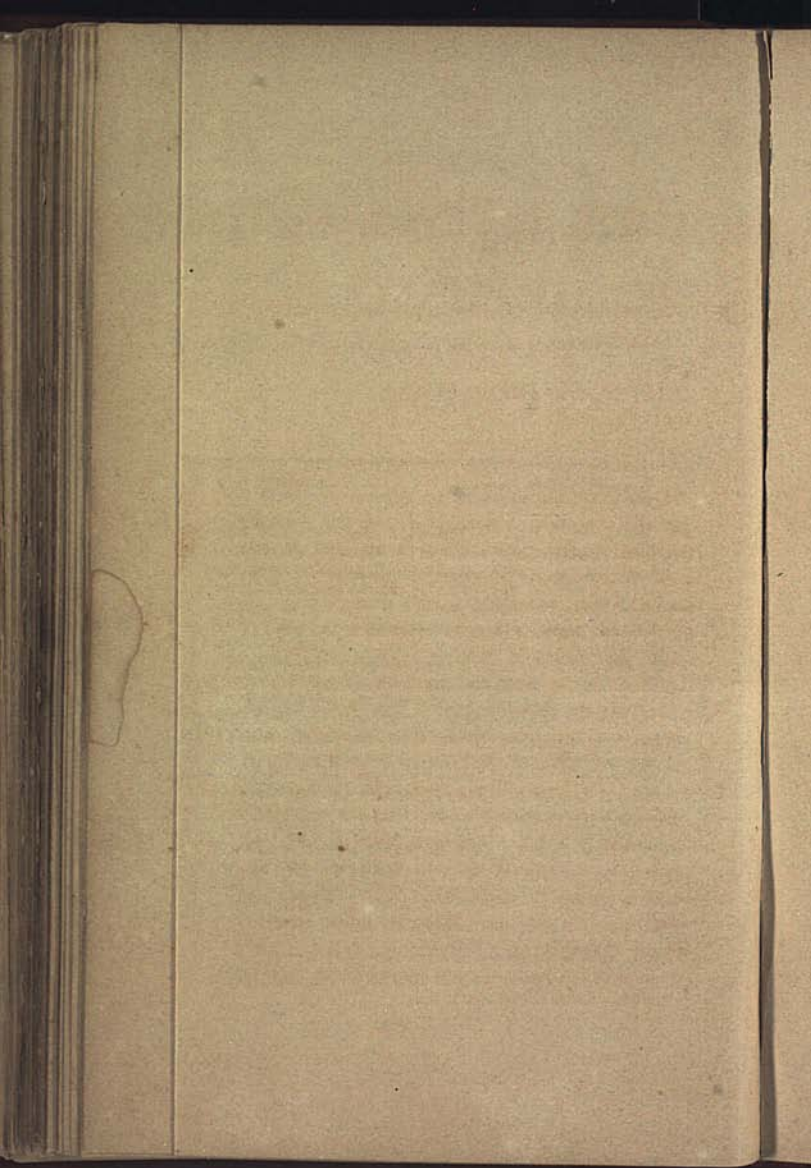
| COSTUMES : | CASAMENTOS : | FILHOS : | TRABALHOS E OCCUPAÇÕES : | TRATAMENTOS NAS MOLESTIAS E FUNERAES. |
|--|---|--|--|---|
| <p>A autoridade dos pays era respeitada.</p> <p>Aquelle que muitos filhos tinha gozava de muita importancia na sua horda.</p> <p>As indias emquanto donzellas costumãvao trazer apertadas as pernas á cima dos joelhos com umas ligas, a que chamãvao <i>ayacacá</i>.</p> <p>O homem, quando alguma de suas mulheres dava á luz algum filho, ficava recolhido e deitado por dias em sua rede, onde, como doente, recebia as visitas dos parentes e amigos.</p> | <p>O gentio era polygamo : o homem tomava quantas mulheres queria ; mas nestas uniões respeitavã-se geralmente os trez grãos principaes de parentesco, não se observando o casamento com a mãy, irmã, ou filha.</p> <p>O tio podia casar-se com a sobrinha.</p> <p>A primeira mulher gozava de predomínio sobre as outras mulheres do mesmo homem, e todas guardavão á este fidelidade.</p> <p>O pretendente á uma mulher hia pedi-la ao pay, que ou lh'a concedia logo, ou lhe impunha serviços mais ou menos longos em troço da posse da filha.</p> <p>Não precedia á estes casamentos solemnidade alguma.</p> <p>A mulher não se casava antes da época da puerdade. Se um homem tomava para sua futura mulher uma menina, creava-a primeiro até aquella época.</p> <p>O homem repudiava a mulher, quando queria, e a repudiada ficava livre para tomar outro marido.</p> <p>A mulher á quem morria o marido, cazava-se com o irmão d'elle.</p> | <p>A mãy apenas dava á luz o filho hia banhar-se com elle no rio.</p> <p>O filho era chamado pela mãy <i>vambiva</i>, seo parido ; e pelo pay <i>taiva</i>, procedente de seo sangue, e era estranho ás condições maternas, sendo sujeito ás do pay, escravo se este era escravo, e até destinado a ser devorado, se fora seo pay um inimigo da horda, em cujo seio nascia.</p> <p>O filho era amamentado até que nova concepção de de sua mãy determinava o fim da amamentação, que ás vezes, sem esse termo, se prolongava por trez e quatro annos.</p> <p>Ao entrar na segunda infancia os meninos seguão seus pays, que os adestravão no jogo de suas armas e na carreira, no salto, na natação, na pesca e na caça : as filhas ficavão com as mãys, e aprendião os mysteres incumbidos ás mulheres.</p> <p>Filho ou filha logo depois de naseer, recebião do pay um nome que era o de alguma arvore, peixe, ave, fêra etc. Era depois que tomavão o seo nome de guerra os mancebos que se extremavão na peleja.</p> | <p>Os homens roçavão os matos, preparavão a terra para as plantações, e se occupavão da pesca e da caça.</p> <p>As mulheres fazião as plantações, e procedião ás colheitas : moqueavão o peixe e a caça, e os reduzião a pó para melhor conserva-los ; fabricavão os utensilios domesticos que geralmente constavão de canastras de junco, patiguá, talhas, <i>iguacabas</i>, vasos de barro, cuias, balaios, e cestinhos de palha, <i>pacarazes</i>; tecião as redes, <i>ivi</i>, ou <i>maqúira</i>, e as cordas, <i>massuranas</i>.</p> <p>As mulheres velhas preparavão as farinhas, as bebidas fermentadas, e os venenos.</p> <p>Em caso de guerra ou de alguma expedição as mulheres carregavão os utensilios necessarios, e os alimentos ; e as mãys levavão ainda ás costas os filhos pequenos.</p> | <p>Os doentes erãotratados com desvelo pela familia e pelos amigos ; diz-se porém que em algumas tribus poupavão-se mais longos tormentos ao doente sem esperança de cura, matando-o logo, e que em outras abandonava-se definitivamente o moribundo.</p> <p>As mulheres, parentes, e amigos de um finado vinhão chorar junto ao cadaver, e ali recordavão seus feitos e proezas em fallas sentimentaes.</p> <p>Ao irmão ou parente mais proximo de um finado cumpria abrir-lhe a cova e enterra-lo. Este piedoso officio era prestado á mulher pelo marido.</p> <p>Na cova, <i>ivi</i>, que era dentro do proprio rancho depunha-se a rede, as armas do finado, e alimentos e bebidas ; e sobre ella acendia-se fogo.</p> <p>Algumas hordas tinham cemitero <i>ibvicoava</i> ; algumas tambem enterravão os seus mortos em talhas de barro, <i>iguacabas</i> que erão depois enterradas.</p> |

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO V.

— PARTE TERCEIRA —

Geſtío do Brazil em suas relações sociaes.

| OBSERVAÇÕES GERAES : | HORDAS : | GOVERNO : | RELIGIÃO : | CIVILIZAÇÃO : | GUERRA E ANTROPOPHAGIA. |
|--|--|---|---|---|--|
| <p>A grande nação <i>tuwy</i>, ou guarani dominava em quasi todo o litoral e em grande parte do interior : a nação <i>tuwya</i> muito mais feróz dominava ainda no interior e ao norte do Brazil.</p> <p>Em uma transmigração as hordas selvagens tinham tomado uma direcção de norte para o sul e vinhão-se atropelando umas ás outras; erão porém quasi todas do mesmo tronco, e muitas dellas fallavam dialectos de uma lingua geral que era a <i>tuwy</i>, ou <i>guayaxá</i>.</p> <p>As diversas tribus não tinham relações, nem commercio, e suas hordas se dilaceravam em guerras interminaveis, e por isso, e por alguns de seus costumes era mingoadá a sua população.</p> <p>Erão numerosas as hordas, e cada uma tomava um nome, que devia indicar o seu poder, e além desse recebia ás vezes algum outro, que era uma alusão injuriosa, que seus inimigos lhe punhão.</p> <p>Cada tribu se subdividia em hordas ou cabidas.</p> | <p>A horda ou cabida compunha-se de algumas centenas de individuos habitando uma só aldeá, <i>taba</i>.</p> <p>Quatro ou seis grandes ranchos, <i>ocax</i>, e as vezes um só, circulando uma praça, <i>ocaxa</i>, para a qual abrião de uma a trez sahidas, e cercadas pelo exterior por uma trincheira de páo, <i>calixaxa</i>, com uma unica entrada, e tendo por ornamento em algumas das hastes da trincheira caveiras de inimigos; cada rancho habitado por muitos indios apparentados ou não, e tendo em sua extensão esteios, á que se prendião as rédes, em que elles dormião; no seu centro fogo sempre aceso, e junto de suas paredes girões, onde se guardavão a comida e os utensilios; tal era a aldeá ou <i>taba</i>.</p> <p>Algumas hordas não tinham <i>taba</i>, e dormião nas florestas em rédes suspensas aos ramos de arvores.</p> | <p>Não havia governo regular.</p> <p>O maior de cada aldeá tinha o nome de <i>morubixaba</i>, e era quem commandava na guerra, e mais influa na paz.</p> <p>Era electivo o <i>morubixaba</i> e escolhido por todos entre os mais intrepidos guerreiros; se porém o <i>morubixaba</i> que morria deixava um filho valente e bravo, esse succedia-lhe sem mais escolha, ou eleição.</p> <p>O <i>morubixaba</i> nem exercia poder absoluto, nem resolvia por si nas grandes questões que interessavão a horda, que aliás reunia-se toda em assembleá na <i>ocaxa</i>, e tomava as precizas resoluções.</p> <p>Não havia legislação : o crime á que se impunha castigo era o homicidio ; o assassino era pelos seus proprios parentes entregue aos do assassinado, que lhe davão a morte.</p> | <p>Não havia religião fundada em principios; acreditavão porém os selvagens em um ser supremo, á que chamavão <i>tuwax</i> ou <i>tuwaxa</i>, o senhor do raio, nome com que os cathecumenos dos Jesuitas designavão depois a hostia consagrada : acreditavão tambem em genios, espiritos, ou phantasmas diversos.</p> <p>Póde-se julgar que elles tinham alguma idéa da eternidade, ou de outra vida; pois que pensavão que os guerreiros valentes passavão depois da morte a habitar as <i>montanhas azues</i>.</p> <p>Os <i>paqés</i>, feiticeiros, augures, e sacerdotes dos selvagens exercião sobre estes a maior e mais sólida influencia.</p> <p>Era tradição entre os gentios que um homem chegado de longe e de fóra, e que no fim de algum tempo desapareceá mysteriosamente, lhes ensinara alguns preceitos de agricultura, e prometterá voltar um dia. A esse homem chamavão <i>Suwé</i>.</p> | <p>Grande era o atrazo em industria, artes e sciencias : o estado do gentio era o da selvaticqueza.</p> <p>A sua lingua, muito pobre, faltavão as letras F L e R forte.</p> <p>Em numeração não hião além de cinco, e d'ahi por diante empregavão o collectivo muito, <i>tabo</i>.</p> <p>Conheciao a béa ou má influencia das diversas phases da lua sobre as plantações, o corte das madeiras etc. e da lua se servião para marcar o tempo fazendo córtes na cortiça de arvores, ou ajuntando pedras : guiavão-se pela posição de certas estrelas em suas viagens longas : em medicina conheciao o pres-timo da dieta, da sangria, e da applicação de muitas herbas, fructos, e raizes. Empregavão pedras afiadass para cortar, e acendião fogo por meio do atrito prolongado de dous páos : erão emfim habéis em obras de oleiro, e na manufactura dos seus utensilios, e das suas armas, e na preparação dos venenos.</p> | <p>Raramente lavã previa declaração de guerra, que de ordinario com's stia em ataques de surpresa. Lançavão contra a aldeá, que atacavão, settas com algodão inflammado para incendia-la. Se os atacantes erão latidos, seguia-se prompta retirada; se vencião, destruião a <i>taba</i>, e as roças, depois de tomar o que podião levar comsigo. Bafião-se no mar e nos rios por meio das <i>axoxas</i>.</p> <p>Os que no combate se reconheciao vencedos, largavão as armas, e levantando os braços, punhão as mãos na cabeça.</p> <p>Seguio-se ás victorias festas horríveis, em que se sacrificavão e se devoravão os prisioneiros, a quem aliás tratavão com o maior desvelo durante alguns dias.</p> <p>Para estas festas que duravão muitos dias, erão convidadas as hordas amigas.</p> <p>Os prisioneiros erão com notaveis e terribes solemnidades sacrificados na <i>ocaxa</i> morrendo ao golpe de uma tacpe espectral, e enfeitada, que se chamava <i>warapema</i>.</p> |



LIÇÃO VI.^a

SYSTEMA DE COLONISAÇÃO DO BRAZIL

EMPREGADO POR D. JOÃO III.^o

(1534 a 1549.)

A empreza confiada a Martin Affonso de Souza e por elle com tanta solícitude e com um resultado tão feliz desempenhada ainda assim não deveria excitar o governo portuguez a dispôr e realizar muitas outras semelhantes para conseguir a colonisação do Brazil, e menos chegaria a acender no animo dos fidalgos e homens ricos de Portugal o desejo de tomar sesmarias na nova colonia.

Á custa do thesouro real e com sacrificios pecuniarios não pequenos tinham sido fundados os dous nucleos coloniaes de S. Vicente e de Piratininga, e não era possivel que o Estado continuasse a carregar com o mesmo onus, tratando de criar e de sustentar novos e iguaes estabelecimentos que, ainda nas hypotheses as mais favoraveis, só bêm tarde pagarião os avultados cabedaes despendidos com elles : por outro lado não havia incentivo algum poderoso para chamar ao Brazil colonos voluntarios. Assim pois era indispensavel que um

outro plano fosse adoptado e posto em execução para que a colonisação da America portugueza chegasse a ser uma realidade.

E ou porque estas considerações já desde algum tempo occupassem o espirito de D. João 3.^o e dos seus principaes conselheiros, ou porque estes mais bem ensinados pela experiencia de uma empreza, embora ainda em acção, reconhecessem os inconvenientes do systema, se systema houve, que se começara a ensaiar, certo é que antes mesmo da volta de Martin Affonso de Souza para Portugal, D. João 3.^o já se achava resolvido a effectuar a colonisação do Brazil, dividindo este paiz em extensas capitánias hereditarias, e concedendo aos donatarios dellas privilegios de uma importancia consideravel, para que assim viesse a ambição e a cubiça auxiliar o seo governo naquella obra de patriotismo; e de feito poz em pratica este plano desde o anno de 1534.

1534. Cada um dos donatarios dessas capitánias recebeu á sua carta de doação, cada uma dessas capitánias o seo foral, e nas disposições de uma e de outro ficarão marcados os direitos e privilegios dos donatarios, os fôros dos colonos, e as reservas das prerogativas e do poder do soberano: fôrão immensos e apenas fracamente limitados os primeiros, sem duvida importantes os segundos, e indubitavelmente bem fracas as ultimas; e nesses direitos, privilegios, fôros e reservas acharão-se determinados todos os fundamentos do primitivo systema de colonisação do Brazil.

O donatario recebia doação irrevogavel e perpetua para elle, seos filhos, nettos, herdeiros e successores assim descendentes como transversaes e os lateraes, das terras de que constava a capitania que lhe era pelo rei concedida e doada, da qual tinha tambem irrevogavel perpetua e hereditaria a jurisdicção civil e crime. Devia observar-se na ordem da successão, que, no mesmo grão, o filho ou herdeiro varão excluísse da herança a filha ou herdeira, ou tivesse sobre ella a primazia, e igualmente que os descendentes legitimos excluíssem os bastardos; e enfim que todos os herdeiros e successores do donatario guardassem o appellido deste, e tomassem as suas armas sob pena de perda da capitania, que passaria em tal cazo ao herdeiro immediato.

E além desses ou por esses tinha o donatario os seguintes direitos e privilegios :

O titulo de capitão e governador da sua capitania.

As alcaidarias môres de todas as villas e povoações da capitania com todas as rendas, direitos, fóros e tributos relativos, podendo delega-las e recebendo homenagem desses seos delegados.

A conservação integral da capitania para seos herdeiros e successores, ainda mesmo no cazo de perde-la o donatario por crime tal que as leis do reino da sua pösse o privassem.

A segurança de não poder entrar nas terras da capitania corregedor, nem alçada nem justiça al-

guma; não podendo ser o governador suspenso da sua governança e jurisdicção, e devendo sómente em caso de erro ou crime ser chamado á presença do rei para fazer ouvir a sua justiça e receber a pena merecida.

O de influir por si ou pelo seo ouvidor na eleição dos juizes e officiaes dos conselhos das villas apurando as pautas, e passando cartas de confirmação a esses juizes e officiaes, os quaes se chamarião *pelo capitão e governador*.

Pôr ouvidor que podia conhecer de acções novas á dez legoas do logar, onde estivesse, e assim tambem nomear efficiaes de justiça e meirinhos.

Fundar povoações e crear villas, e dar sesmarias, segundo as leis do reino, aos que as pedissem, sendo christãos.

Crear e prover por suas cartas os tabelliães do publico e judicial nas villas e povoações onde fossem necessarios, recebendo de cada um delles quinhentos reis de pensão annual.

Conhecer pelo seo ouvidor de apellações e aggravos de todo o territorio da capitania.

Ter alçada sem appellação nem aggravo de dez annos de degredo e até cem cruzados de pena, nas pessoas de maior qualidade; e nas cauzas civis até a quantia de cem mil reis.

Ter nos casos crimes jurisdicção e alçada de morte natural em escravos e gentios, e em peões e christãos e homens livres em todos os casos tanto para absolver como para condemnar sem ap-

pellação nem aggravo, excepto nos quatro casos de — heresia, quando o heretico lhe fosse entregue pelo ecclesiastico, — traição — sodomia — e moéda falsa em que terião alçada em toda a pessoa de qualquer qualidade que fosse para condemnar os culpados á morte, e dar suas sentenças á execução, dando porém appellação e aggravo nesses mesmos quatro cazos e appellando por parte da justiça, quando absolvessem de morte.

Captivar gentios para seo serviço, e mandar vender até um certo numero delles cada anno, livres da ciza que pagavão todos os que entravão em Lisbôa.

O monopolio das barcas de passagem dos rios mais ou menos caudaes, e o das marinhas, moendas de agoa, e quaesquer engenhos, podendo permittir que outros os tivessem, e cobrando delles tributos.

O dizimo do quinto dos metaes e pedras preciosas.

A vintena de todo o pescado.

A vintena do producto do páo brazil que fosse da capitania e em Portugal se vendesse.

A redesima de todas as rendas e direitos pertencentes á Ordem de Crhisto e ao rei.

Emfim a posse de dez á vinte legoas de extensão de terra sobre a costa em quatro ou cinco porções separadas por um intervalo de duas legoas pelo menos, e sem pagar tributo algum além do dizimo.

Além de tudo isso erão as capitánias declaradas couto e homisio e nenhum eriminoso podia ser em qualquer dellas perseguido por acto algum, qualquer

que elle fosse, que em outra parte houvesse praticado com offensa das leis.

Tambem ficava garantida a integridade de cada uma capitania, sendo prohibido parti-la, escamba-la, despedaça-la, e em qualquer outro modo alhea-la por qualquer motivo que fosse. E para assegurar a defeza das colonias que se fundassem, foi imposta aos moradores e povoadores das capitancias a obrigação de servir em tempo de guerra com os capitães e governadores respectivos.

Aos colonos e povoadores das capitancias fôrão conferidos os fóros e regalias que se seguem.

A pösse de sesmarias sem tributo algum, excepto o dizimo.

A izenção perpetua de todos os tributos, direitos de siza, saboarias, impostos sobre o sal e quaesquer outros, salvo aquelles que por bem da doação e foral erão ordenados.

A entrada livre de direitos de mantimentos, armas, polvora, salitre, enxofre, chumbo e quaesquer outros generos, que servissem para a guerra.

A exportação livre de direitos de todos os productos mandados para quasquer terras de Portugal, onde sómente devião pagar a ciza ordinaria, quando se effectuasse a venda.

A franquia de direitos dos artigos importados de Portugal, e em cujas alfandegas já tivessem pago os que devessem, com a excepção unica dos que fossem importados por navios estrangeiros que em tal cazo ficavão sujeitos ao dizimo de entrada.

O commercio livre entre as diversas capitánias.

A garantia contra o possível patronato, e nepotismo dos capitães e governadores relativamente á distribuição de sesmarias, sendo prohibido á estes tomar sesmarias para si, para sua mulher, ou para o filho seo herdeiro ; devendo mais observar-se que se algum outro filho, não herdeiro, obtivesse aquelle favor, e depois acontecesse a herdar a capitania, traspassasse logo á outrem a sua sesmaria, e ficando enfim disposto que á seos filhos e parentes não pudesse o governador dar mais terras, do que dessem aos estranhos.

Como reserva cautelosa foi determinado que os moradores das capitánias que fossem feitores ou socios de pessoas que vissem fóra do reino ou senhorios de Portugal ficassem inhabilitados para tratar ou negociar com os gentios do Brazil.

Pondo um limite apenas sensível a tão importantes privilegios e fóros a corôa guardava para si algumas regalias, que de pouca entidade erão, e que se reduzião :

Ao quinto das pedrarias, pérolas, aljofar, coral e mineraes que por ventura se encontrassem.

Ao monopólio das drogas, especiaria e do pão brazil, do qual aliás poderião ir-se aproveitando o governador e moradores das capitánias, menos para queima-lo.

Á dizima do peixe que não fosse pescado á canna e á dizima de todos os productos, que pertencia ao rei, como grão mestre da Ordem de Christo, e

em troca da qual cumpria-lhe pagar o culto divino, além da redíssima que pertencia aos governadores.

Aos direitos das alfandegas, que erão amesquinhadados pelas isenções e franquias já mencionadas.

À assistencia nas capitánias de officiaes de fazenda de sua nomeação incumbidos de proceder ás cobranças dos direitos pertencentes á corôa.

Do exame e comparação d'esses direitos e privilegios dos donatarios, dos fóros dos colonos, e das regalias reservadas pela corôa resultou evidentemente um systema de colonisação que á todos os olhos parecerá inconveniente e perigoso considerado em abstracto.

Admittida a hypothese da perduração d'esse systema, e do florescimento e prosperidade das capitánias, a consequencia futura da integridade perpétua dellas, da sua extensão territorial, que as tornava em pequenos reinos, do principio da hereditariiedade dos seus governadores, das immensas prerogativas destes, do elemento aristocratico observado, da independencia completa uma das outras capitánias, da falta de um centro commum no Brazil, e das limitadas regalias da corôa sem duvida que seria o feodalismo na America portugueza, e provavelmente a perda desta grandiosa colonia para Portugal, ou entre o rei e os senhores feudaes uma luta, cujo resultado ninguém poderia prevêr.

Entretanto por mais que um tal systema de

colonisação empregado por D. João 3.^o no Brazil desde 1534 se ressinta dos graves senões apontados, e de alguns outros ainda, parece que nenhum outro teria mais aproveitado naquella época; e talvez que a excellencia e proficuidade d'elle consistisse nos proprios defeitos capitães, que alguns annos depois tornâo indispensavel a sua reforma.

Cumpre lembrar outra vez que o thesouro real portuguez não podia comportar as despezas elevadas que requeria o estabelecimento de colonias no Brazil, e devendo portanto o governo appellar para o concurso dos particulares, e chamar para este paiz correntes de emigração, era de necessidade indeclinavel crear incitamentos á ambição, e estímulos á cubiça com a perspectiva de grandes interesses, e isso não se conseguiria por outros meios que não fossem concessões de privilegios extraordinarios.

As Indias fazião mal ao Brazil. O amor da gloria attrahia de preferencia os entusiastas e os bravos para os campos já famosos da Azia, onde aos olhos do mundo as mais admiraveis acções e brilhantes proezas se realisavão; no Brazil algumas hordas de selvagens abrigadas no seio das florestas mal podião acender o ardor d'esses guerreiros sequiosos de batalhas e de louros de victorias deslumbrantes.

E, ainda mais do que a gloria, o interesse material, a ambição das riquezas afastava os portuguezes do Brazil desconhecido, do Brazil apenas descoberto, do Brazil com thezouros problematicos, e onde

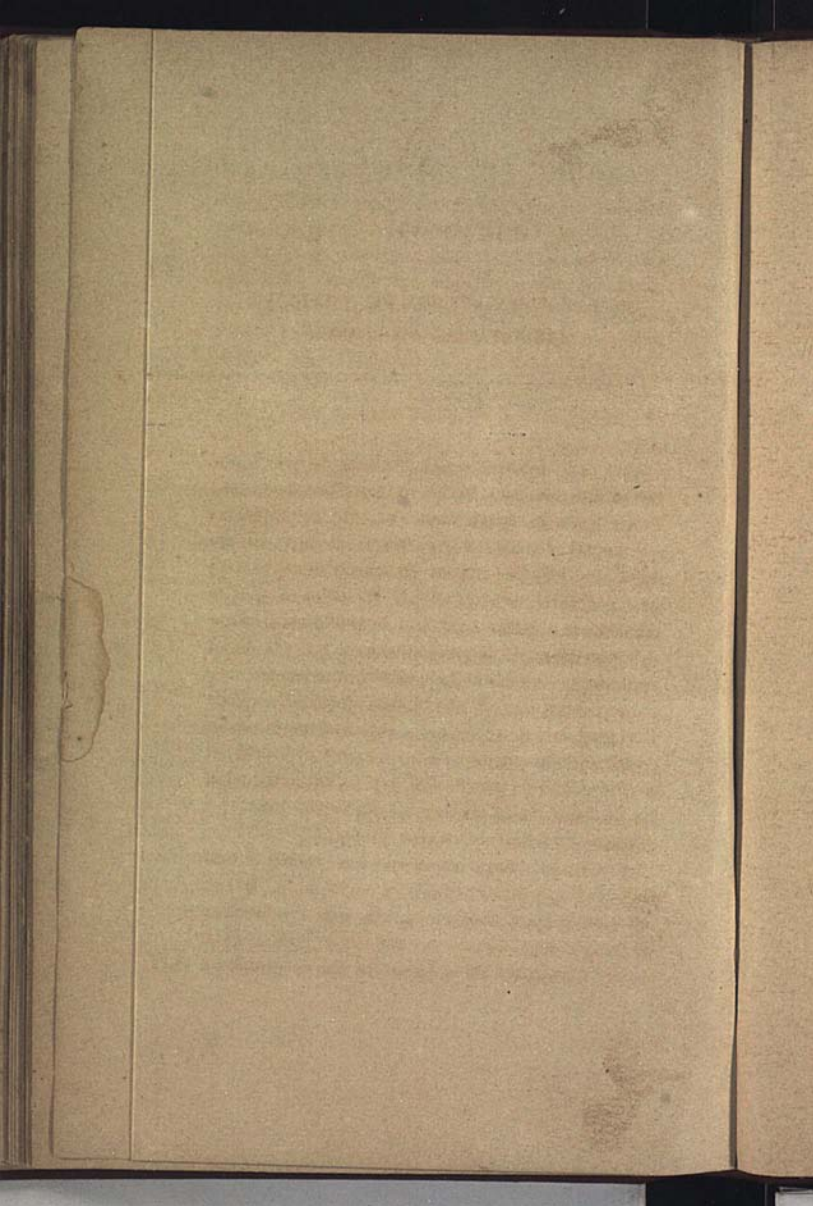
longos trabalhos devião preceder ás primeiras e difficeis colheitas, para leva-los ás Indias tam notaveis por suas preciosidades, e por fontes de riquezas multiplicadas, abundantissimas e á todos patentes e accessiveis.

Era preciso por tanto um esforço poderoso para inclinar para o Brazil uma parte d'essa torrente que se arrojava á Azia : se D. João 3.^o fosse parco, e attendesse muito aos receios do futuro nas concessões que offerecesse aos povoadores da nova colonia, não attingiria certamente o seo fim ; procedeo pois como convinha, e deixou á experiencia, ao tempo e á oportunidade o cuidado de marcar a hora em que prudentes reformas devião melhorar o systema de colonisação que começou a desenvolver e pôr em pratica no Brazil.

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO VI.^a

Systema de colonização do Brazil empregado por D. João 3.^o

| DISPOZIÇÕES DIVERSAS : | DIREITOS E PRIVILEGIOS DOS DONATARIOS : | FOROS DOS COLONOS : | REGALIAS DA CORÔA : | PRINCIPAES DEFEITOS DO SYSTEMA : | RAZÕES QUE ABONARÃO O SYSTEMA. |
|---|---|---|--|--|--|
| <p>Em 1534 D. João 3.^o determinou e começou a dividir o Brazil em capitánias hereditarias.</p> <p>Cada um dos donatarios teve a sua carta de doação e cada capitania o seo foral.</p> <p>As capitánias erão declaradas cento e homisio; e a integridade perpetua dellas foi garantida.</p> <p>Os moradores e povoadores das capitánias erão obrigados em caso de guerra a servir com o capitão e governador dellas.</p> <p>Os moradores das capitánias que fossem feitores ou socios de pessoas que vissem fora do reino e se-nhorios de Portugal, não podião commerciar com os gentios do Brazil.</p> | <p>Perpetuidade da posse e governo da capitania hereditaria.</p> <p>Herança e successão garantidas em todos os grãos e ramos, e condições de parentesco.</p> <p>Titulo de capitão e governador da capitania.</p> <p>As alcadarias mōres das villas com o poder de as delegar.</p> <p>A exclusão de toda justiça estranha ás capitánias.</p> <p>O poder de crear villa, e de nomear ouvidores, tabelliães, e officiaes de justiça.</p> <p>Influir nas eleições dos juizes e mais officiaes dos conselhos das villas.</p> <p>Dar sesmarias.</p> <p>Conhecer de appellações e aggravos de todo o territorio da capitania.</p> <p>Alçada até morte natural para peões, escravos e gentios; para todos em quatro casos principaes: até dez annos de degredo e cem cruzados de pena ás pessoas de maior qualidade. Nas cauzas civis até cem mil réis sem appellação, nem aggravo.</p> <p>Captivar gentios, e vender annualmente um certo numero dellés.</p> <p>O monopolio das barcas de passagem — O dizimo do quinto dos metaes e pedras preciosas — a vintena do pescado e do producto do pão brazil, que se vendesse em Portugal — a redizima das rendas da Ordem de Christo.</p> <p>A posse de dez á vinte legoas de extensão sobre a costa, divididas em quatro ou cinco porções.</p> | <p>A posse de sesmarias sem tributo algum excepto o dizimo.</p> <p>A isenção perpetua de todos os tributos, que não estivessem estatuidos na carta de doação e no foral.</p> <p>Importação livre de direitos de mantimentos, armas, polvora, chumbo, e generos que servissem para a guerra.</p> <p>Exportação livre de direitos de todos os productos do Brazil, que pagarião em Portugal só a cisa ordinaria.</p> <p>Franquia de direitos de importação dos artigos vindos de Portugal, onde já tivessem pago nas Alfandegas os que devessem; com a unica excepção dos generos importados por navios estrangeiros.</p> <p>Commercio livre entre os moradores das diversas capitánias.</p> <p>Garantias de que o governador não daria á seos parentes mais terras de sesmaria, do que desse aos estranhos, e nem as pudesse dar á filho, seo herdeiro, nem á sua mulher, e nem tomar para si.</p> | <p>O quinto dos metaes e pedras preciosas que se encontrassem.</p> <p>Monopolio das drogas, especiaria e do pão brazil.</p> <p>A dizima do peixe, e a de todos os productos.</p> <p>Direitos das Alfandegas.</p> <p>Assistencia nas capitánias dos officiaes de fazenda de sua nomeação para se effectuar a cobrança dos impostos pertencentes a corôa e a Ordem de Christo.</p> | <p>O principio da hereditariade dos governadores, e dominio de uma familia nas capitánias: a grande extensão territorial dellas. O elemento aristocratico. A falta de laço commum, e de centro para as capitánias. A insufficiencia das limitadas regalias da corôa, e, como consequencia de tudo isso, o feudalismo introduzido no Brazil com as capitánias hereditarias.</p> | <p>O Estado não podia comportar as despesas indispensaveis á fundação e conservação de colonias no Brazil.</p> <p>Os portuguezes erão atraídos ás Indias pelo amor da gloria, e pelo interesse material, e sómente á força de privilegios extraordinarios quererião vir colonizar o Brazil, onde as riquezas erão problemáticas, e os trabalhos á vender immensos.</p> <p>Só um esforço poderoso, e concessões deslumbradoras farião dirigir para o Brazil a emigração portuguesa.</p> |



LIÇÃO VII.^a

PRIMEIROS DONATARIOS DE CAPITANIAS HEREDITARIAS NO BRAZIL.

Tam certo era que sem concessões de privilegios extraordinarios não podia o governo portuguez dirigir para o Brazil uma corrente colonisadora, que apesar de toda a importancia das que fez em 1534, D. João 3.^o apenas encontrou doze homens que pudessem merecer a sua confiança e que se animassem a tomar capitancias hereditarias na America portugueza, compromettendo-se em tão difficil empreza, e ainda d'esses doze donatarios nem todos conseguirão, e nem todos procurarão realisar o pensamento do soberano, e os seus compromissos.

Eis aqui os nomes d'esses primeiros donatarios, a situação e extenção das capitancias hereditarias que a elles fôrão doadas, e, em rapido esboço, a fortuna que cada uma d'ellas provou.

1.^o *Martin Affonso de Souza* recebeu em doação as terras que correm desde a barra de S. Vicente até doze legoas mais ao sul da ilha de Cananéa, e para o lado opposto as que se estendem desde o rio Curupacé, até a barra de Macahé cabendo-

Ihe por tanto na grande partilha as duas colonias nascentes que elle proprio fundára em 1532 por ordem de D. João 3.^o Martin Affonso nunca mais tornou ao Brazil e aos cuidados de Gonçalo Monteiro, no litoral, e de João Ramalho, no interior, deixou o desenvolvimento da sua capitania que teve o nome de S. Vicente e que logo começou a prosperar.

É verdade que a povoação de S. Vicente não foi feliz: cinco annos depois da sua fundação soffreo ataques dos colonos já estabellecidos em Iguape, ou de castelhanos vindos das bandas do sul, e, peor do que isso, o damnificamento do seo ancouradouro, que se achou em breves annos entulhado, fê-la decahir, preponderando decididamente sobre ella a povoação de Santos, que se levantou do outro lado da ilha, e que dispunha de um excellente porto; mas em compensação da decadencia de S. Vicente, a capitania, que recebêra da ilha da Madeira a canna do assucar, contava no fim de quatorze annos seis engenhos, e a sua população se elevava a seiscentos colonos; a villa de Piratinga avultára á ponto de conseguirem os seus habitantes um foral proprio em 1558, e no litoral erguião-se aldêas, e animados nucleos coloniaes. Esta capitania comprehendeo cem legoas sobre a costa.

2.^o *Pero Lopes de Souza* teve oitenta legoas em trez porções distinctas: cincoenta legoas que hião do Curupacé até a barra de S. Vicente, e para o

sul de Paranaguá até as immediações da Laguna que chamavão terras de S. Anna, e trinta legoas que se contava do rio Iguarassú para o norte até a bahia da Traição, comprehendendo parte da actual provincia da Parahyba e a ilha de Itamaracá. Como seo irmão, Pero Lopes tambem não voltou ao Brazil, morrendo em 1539 em um naufragio ou na costa da Africa, ou perto da ilha de Madagascar.

Gonçalo Affonso e João Gonçalves fôrão pelo ^{1539.} donatario incumbidos de crear colonias, e de conceder sesmarias em sua capitania. Gonçalo Affonso fundou no primeiro quinhão das cincoenta legoas a colonia que veio a chamar-se de S. Amaro, nome que se estendeo á toda a capitania, na ilha chamada de Guaimbé. João Gonçalves cumprio tarefa igual na terceira porção de trinta legoas, dando algum desenvolvimento á colonia de Itamaracá. As terras que corrião de Paranaguá á Laguna não recebêrão nucleo colonial algum.

A capitania de S. Amaro teve de ressentir-se dos assaltos dos gentios, e não prosperou como a que ficava-lhe vezinha. Em 1542 a viuva de Pero Lopes assignou a nomeação de capitão e lugar tenente de seo filho para essa capitania em favor de Christovão de Aguiar de Altero, a quem succedeo Jorge Ferreira, e, deposto este, o cavalleiro fidalgo Antonio Rodrigues de Almeida.

3.º *Pero de Góes da Silveira* obteve trinta legoas que corrião do limite septemtrional da capitania de S. Vicente até o baixo dos Pargos e com seo

irmão Luiz de Góes e diversos parentes partio-se para o Brazil, e fundou na margem do rio Parahyba em 1540 o seo estabelecimento a que deo o nome de Villa da Rainha e no fertilissimo territorio banhado por aquelle rio plantou a canna de assucar, que levára de S. Vicente. Voltou depois á Portugal em demanda de auxilios deixando o governo da capitania a Jozé Martins; quando porém voltava da Europa esperançoso e animado, encontrou a sua nascente colonia abandonada pelo chefe a quem a confiára e pela maior parte dos colonos: o gentio *goytacaz* que pacifica e amigavelmente havia recebido os colonisadores, revoltára-se offendido por elles, e pagava os aggravos recebidos com uma guerra incessante. Debalde Pero de Góes procurou restabelecer a paz, debalde quiz resistir aos ataques dos selvagens; vendo emfim disimados os seus companheiros, e a si proprio ferido, abandonou a capitania que ficou de todo despovoada, e acolheo-se á do Espirito Santo, retirando-se emfim para Portugal.

1540. 4.º *Vasco Fernandes Coutinho* teve cincoenta legoas contadas do rio Itapemerim ao rio Mucury. Vendeo quanto possuía em Portugal, cedeo ao Estado uma tença que tinha, por serviços prestados na Azia, á troco de um navio e diversos generos, contrahio empréstimos e reunindo não poucos colonos embarcou para o Brazil, e n'elle fundou em 1535 a povoação á que chamou do Espirito Santo, nome por que foi conhecida a sua capitania, chamando os selvagens este estabelecimento *Mboab* para designar

1535.

o lugar habitado por europeos, que elles chamavão *emboabas* ou calçados.

Á principio teve Vasco Fernandes Coutinho de repellir os ataques dos selvagens; mas triumphando destes, em vez de submetê-los com violencia, acertou de os prender com o agrado, e com o trato amigo, e assim até conseguiu que uma hor-da viesse com o seo chefe estabelecer-se sob suas vistas. Entretanto de envolta com os colonos que reunira tinham vindo de Portugal para a sua capitania alguns fidalgos condemnados á degredo como D. Jorge de Menezes e D. Simão de Castel Branco, homens que pela sua arrogancia e insubordinação erão verdadeiros elementos de desordem. A este grave inconveniente acreceu a necessidade de chamar mais gente para a colonia: levado d'esta idéa Vasco Fernandes percorreo os diversos pontos que começavão a colonisar-se no Brazil, e n'elles en-gajou homens que provavelmente se quizerão aproveitar do direito de homisio: já se vê que bem ruim devia ser a colheita de companheiros taes; e para cumulo de infortunio, á Duarte de Lemos que lhe trouxera algum auxilio de S. Vicente, doou elle agradecido a ilha que então se chamava de S. Antonio, e que tomou o nome do seo sesmeiro, o qual recebeu além della a licença para levantar um engenho no continente sob a condição de pagar ao donatario um pão d'assucar de quatro libras por anno.

Ao beneficio seguiu a ingratição: no acto de se

passar a escritura entre o donatario e o sesmeiro, negando o primeiro ao segundo o direito de fazer villa, deo-se este por offendido e d'ahi originou-se uma desavença que tomou proporções bastantemente graves para concorrer para a decadencia da colonia.

As intrigas e a ambição de Duarte de Lemos por um lado, a insubordinação dos fidalgos degradados e a desmoralisação dos colonos por outro e emfim as hostilidades em que de novo se lançarão os selvagens prognosticavão a ruina da capitania: Vasco Fernandes Coutinho velho, pobre, aleijado, recebendo para viver soccoros dos moradores das suas proprias terras, certamente que não tinha mais a força moral necessaria para se fazer obedecer, nem os meios indispensaveis para dar impulso á colonia cuja capital aliás já se havia transferido da terra firme para a ilha de S. Antonio ou de Duarte de Lemos com a invocação de N. S. da Victoria.

Vasco Fernandes Coutinho morreo em tal estado de miseria e tão cercado de privações que foi um presente de caridade e fructo de esmola o lençol em que amortalhado desceo o seo cadaver á terra.

5.º *Pero de Campos Tourinho* recebeu de ElRei a doação de cincoenta legoas que se devião contar do Mucury para o norte; não tendo sido porém marcado precisamente o seo limite septentrional. *Tourinho* reduzio á dinheiro tudo quanto em Portugal possuia, preparou-se com todos os meios necessarios para o bom exito de sua empreza, e fazendo-se acompanhar de muitos dos seus pa-

rentes e de um grande numero de emigrantes, mais que nenhum outro (exceptuando Duarte Coelho) prendeo-se por fortes laços á sua capitania; porque com toda essa gente trouxe tambem para o Brazil sua mulher e seus filhos, lançando os fundamentos da primeira povoação da sua colonia em Porto Seguro, e, segundo muitos, no mesmo sitio, onde Pedr'Alvares Cabral deixára plantadas as armas portuguezas.

A capitania de Porto Seguro entrou logo em uma época de prosperidade relativa encontrando nos gentios que á principio se mostrarão hostis, amigos aproveitaveis e mais devidos á moderação e benevolencia com que os tratou o donatario, do que ás derrotas que elles experimentarão nos combates. O trafico do pão brazil, a lavoura da canna, e fabricação do assucar, a agricultura nascente, e enfim a pêsca occupavão os colonos; com a mórte porém de Pero de Campos Tourinho tambem chegou ao seo termo a época de prosperidade da capitania, que começou a decair no governo de Fernão de Campos Tourinho, filho do donatario; e apenas, quando por mórte deste veio a herda-la D. Leonor de Campo, sua irmã, e esta por contracto de venda passou-a em 1556 ao duque de Aveiro, pareceo querer de novo florescer; mas no fim de alguns annos de todo foi desfallecendo.

6.º *Jorge de Figueiredo Corrêa* mereceo tambem a doação de cincoenta legoas que limitando-se ao sul com a capitania de Porto Seguro acabavão na

barra da bahia de Todos os Santos. Exercendo em Lisbôa o cargo de escrivam da fazenda, este donatario escolheo para seo logar tenente a um castelhano de nome Francisco Romero, que partindo de Portugal com bôa porção de colonos e alguns recursos assentou a colonia no morro de S. Paulo na ilha de Tinharé; mas logo depois mudou-a para o porto dos Ilhéos, nome que tambem tomou a capitania. Valente na guerra soube Romero bater por vezes os terriveis Aymorés; indispondo-se porém com os colonos, que mal governava, foi por elles prezo e mandado a Jorge de Figueiredo Corrêa que imprudentemente quiz de novo impô-lo restabelecendo-o na direcção da capitania, resultando d'ahi desunião, e desavenças entre os seos habitantes, e a destruição da colonia pelos Aymorés, quando pela fertilidade do sólo, e pelo esforço e trabalho dos colonos já ella hia produzindo não pequena quantidade de assucar.

1537
ou
1538.

7.º *Francisco Pereira Coitinho* recebeo, em premio de seos serviços, a doação de cincoenta legoas desde a barra da Bahia até a foz do rio de S. Francisco, e em 1537 ou 1538 veio com uma pequena armada e grande numero de aventureiros aportar á Bahia de Todos os Santos onde encontrou Diogo Alvares e alguns outros portuguezes, que certamente fôrão de bastante utilidade para o donatario, pois que elle fundou com promptidão e sem ter que destruir embarços o seo primeiro estabelecimento no mesmo sitio que era habitado

1537

pelo famoso Caramurú : construiu uma fortaleza sobre o mar, manteve em pacifica sujeição os Tupinambás, e durante alguns annos vio tão placidamente correrem as couzas, que os colonos contarão com sufficiente segurança para que alguns delles se espalhassem estabelecendo-se no reconcavo.

De subito porém rebentou a desharmonia entre os proprios colonos e o donatario, e a guerra dos selvagens contra este. Não se conhece bem o motivo que determinou a luta : ou fosse que alguns portuguezes matassem o filho de um dos principaes dos Tupinambás, ou que ciumento da influencia de Diogo Alvares, Coitinho tratando de persegui-lo provocasse o odio de Paraguassú, que tinha por si seos antigos irmãos das florestas, ou que o poder do governador contrariasse os habitos de predominio em que estavam os portuguezes que já de muito habitavão na Bahia, certo é que travou-se a guerra e que Coitinho velho e cansado não tinha mais a força e a actividade necessarias para abater tantos inimigos : no entanto elle soube resistir por muito tempo : quando não lhe foi possivel mais sustentar-se na povoação que occupava, retirou-se para o pontal da barra do Padrão, hoje de S. Antonio, e ali se deffendeo, até que enfim houve de fugir para a capitania dos Ilhéos ou de Porto Seguro.

No fim de um anno e attendendo ás sollicitações de Diogo Alvares, dos portuguezes que tinham ficado na Bahia, e do gentio que já sentia a falta dos pri-

1277

1547. meiros gozos da civilisação, Francisco Pereira Coitinho voltava em 1547 para a sua capitania, quando naufragou na ilha de Itaparica e escapando ás ondas, cahio nas mãos dos Tupinambás desse lugar, que o devorárão, assim como a quasi todos os seus companheiros.

1535. 8.º Duarte Coelho Pereira teve em doação sessenta legoas, cujo limite ao Sul era a fóz do S. Francisco, e ao Norte o rio Iguarassú. Como Pero de Campos Tourinho fez-se acompanhar de sua mulher e de alguns parentes, e dos colonos que conseguiu reunir, e em 1535 assentou o seo estabelecimento á uma legoa do porto do Recife no outeiro elevado e de encantadora vista, á que deo o nome de Olinda, que ainda hoje conserva. No empenho das primeiras construcções da povoação e deffezas o donatario aproveitou a boa disposiçáo dos indios Tabayrés ou Tabáyares, que ainda depois de muito auxilio lhe fôrão para rechaçar os *Cahetés*, que pelo seo proprio ardor e pelo impulso de alguns francezes fizerão guerra á colonia.

Duarte Coelho Pereira o mais feliz e o mais habil dos donatarios deo á sua capitania a ordem possivel na administração e elementos poderosos de prosperidade : organisou um livro do tombo das terras que dava, outro da matricula dos moradores da sua capitania; prommoveo os casamentos dos colonos com as indias; animou a agricultura e a industria; fez cultivar o algodão, a canna do assucar, e cereaes; estabelecer olarias, e tudo quanto era

licito exigir e esperar do trabalho do homem no tempo, nas circumstancias, e no lugar em que se achava.

9.º—10.º—e—11.º—*João de Barros*, o celebre historiador dos feitos dos portuguezes nas Indias, foi altamente favorecido com um territorio que se estendia da bahia da Traição, onde ao sul entestava com as trinta legoas de Pero Lopes, até a extrema da actual provincia do Rio Grande do Norte, mas sem um limite preciso: quarenta legoas vinhão além formar uma outra e extranha capitania: seguiam-se depois mais setenta e cinco desde o cabo de Todos os Santos á Leste do rio Maranhão até o rio da Cruz, que tinhão sido doadas á outro donatario; emfim contava-se mais cincoenta legoas desde a abra de Diogo Leite até o rio da Cruz, que completavão os dominios de João de Barros.

Fernando Alvares de Andrade foi o donatario, a quem coube as setenta e cinco legoas entre o rio da Cruz e o Cabo de Todos os Santos; como porém na qualidade de thesoureiro-mór do reino não devesse deixar Portugal, e por uma razão pouco mais ou menos semelhante o mesmo se observasse com João de Barros, assentárão ambos de associar-se com um outro companheiro, que fosse executar o que elles não podião.

Ayres da Cunha foi o socio de Barros e de Andrade: a elle se unirão dous filhos do primeiro, e um delegado do segundo, e com uma fróta de dez navios, perto de mil colonos, e até cem ca-

vallos partirão esses emprehendedores para o Brazil; infelizmente porém esta esquadra perdeu-se nos bancos do Maranhão, morrendo a maior parte da gente, e sendo uma das victimas o infeliz Ayres da Cunha. Menos de cem dos naufragos conseguirão salvar-se, acolhendo-se á uma ilha á entrada do Maranhão, onde não fôrão perseguidos pelos indios, que antes com elles se houverão amigavelmente; mas em breve acabados os mantimentos, começarão as mais dolorosas privações, e os miseros naufragos arrojárão-se de novo ao mar em trez caravellões, que aparelhárão, e forão dar ás Antilhas, onde ficárão retidos para augmento da colonia, custando muito a João de Barros reaver seos dous filhos.

Pouco mais ou menos dez annos depois do naufragio de Ayres da Cunha, Luiz de Mello da Silva tão infeliz como este, apenas conseguiu escapar com a vida de um outro naufragio em que se perdeu uma nova e desastrosa empreza que tinha igualmente por fim colonisar o Maranhão.

12.º *Antonio Cardoso de Barros* foi o donatario a quem D. João 3.º doou o quinhão de quarenta legoas que se limitavão ao Sul com as primeiras cem legoas de João de Barros e ao Norte com a extrema das setenta e cinco de Fernando Alvares de Andrade; como porém não consta que Antonio Cardoso empregasse meio algum para colonisar a sua capitania, serve a menção do seo nome unicamente para completar o quadro dos primeiros donatarios de capitancias hereditarias do Brazil.

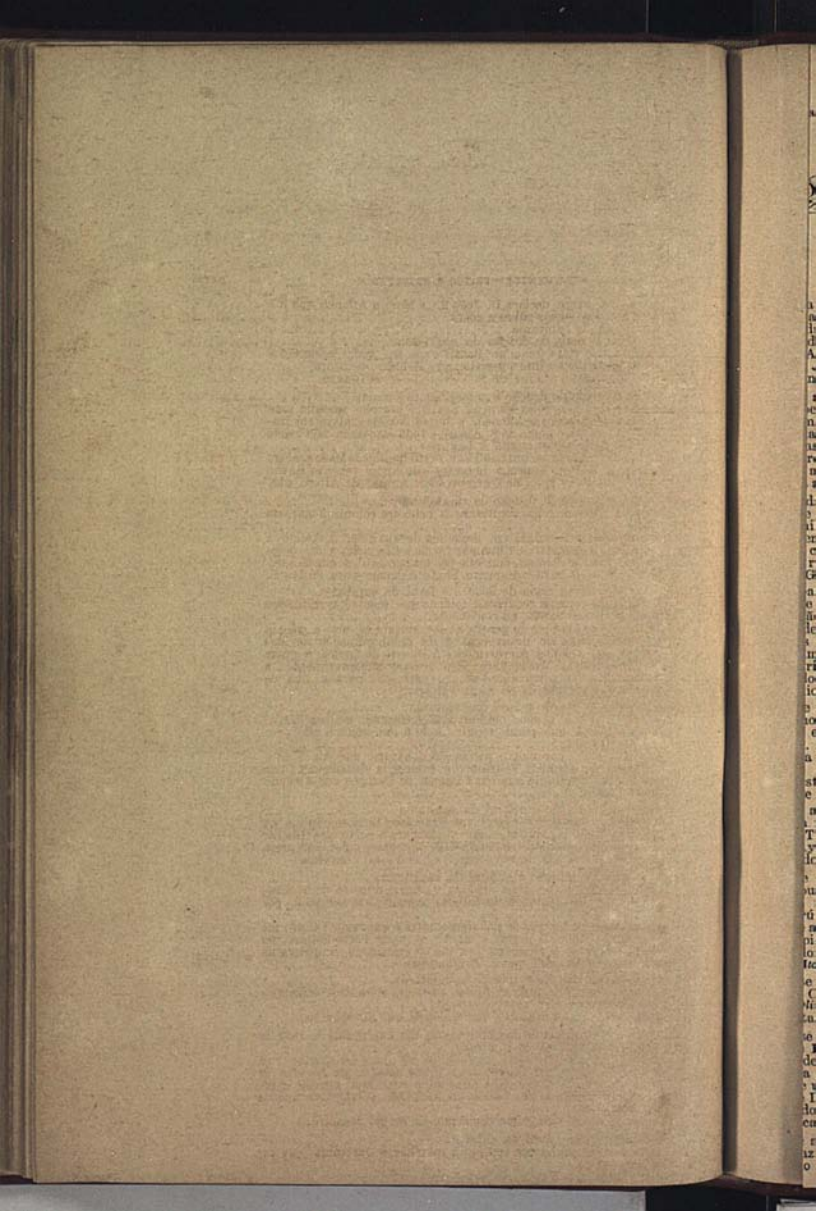
As cartas regias pelas quaes fez D. João 3.º doação de todas estas capitánias hereditarias tem em geral a data do anno de 1534, seguindo-se logo os foraes com differença de poucos mezes. Faz excepção a esta regra apenas a doação da capitania de S. Thomé ou Parahyba do Sul, que teve lugar em 1535 e o foral em 1536, e ainda notavelmente Martin Affonso de Souza, a quem a carta regia de doação foi passada aos 20 de Janeiro 1535, tendo o foral da sua capitania a data de 6 de Outubro de 1534; esta posposição porém explica-se pelo facto de ter já D. João 3.º desde 1532 declarado em carta que para o Brazil es:revêra á Martin Affonso, que lhe *mandára apartar cem legoas nos melhores limites da costa.*

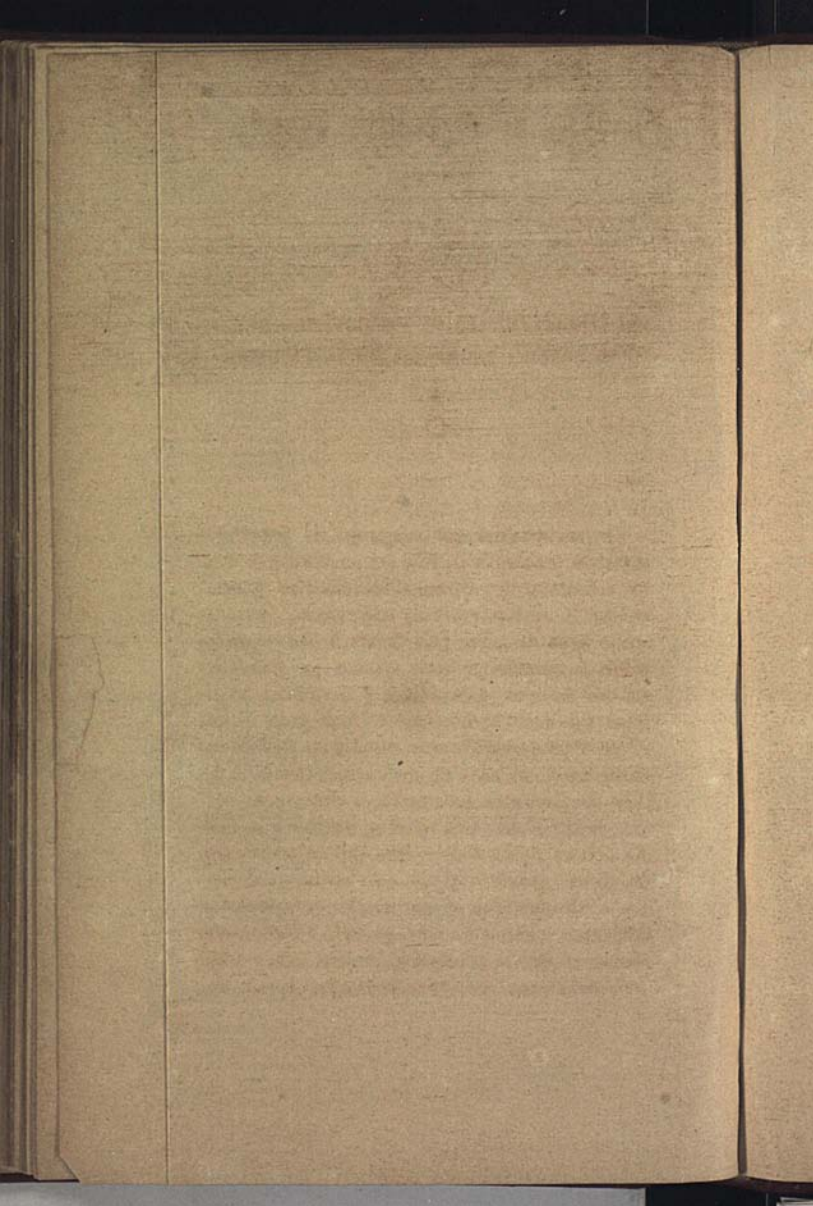
Temos pois que das doze capitánias concedidas tiverão exito mais ou menos esperançoso as de S. Amaro, S. Vicente, Espirito Santo, Porto Seguro, Ilhéos, e Pernambuco, malogrando-se as outras seis. Nas primeiras o braço do gentio auxiliou á Martin Affonso, e á Duarte Coelho; a politica de Vasco Fernandes Coutinho, e de Pero de Campos Tourinho transformou durante annos em amigos e auxiliares as hordas selvagens que tinham começado a hostiliza-los: nas ultimas Pero de Góes da Silveira e Francisco Pereira Coitinho recebêrão á principio bom acolhimento dos indios, e entre estes sómente os Aymorés fôrão sempre intrataveis, sempre constantes e pertinazes na guerra assoladora e fatal que sustentárão contra a capitania dos Ilhéos, e depois tambem contra as de Porto Seguro e do Espirito Santo.

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO VII.

Primeiros donatarios de capitancias hereditarias do Brazil.

| CAPITANIAS HEREDITARIAS : | SITUAÇÃO E EXTENSÃO DAS CAPITANIAS : | DONATARIOS : | ACONTECIMENTOS — FEITOS E RESULTADOS : | DATAS. |
|------------------------------|--|--|---|----------------------|
| DE S. VICENTE. | { O seo territorio comprehendia as terras que se estendem da barra de S. Vicente até 12 legoas mais ao sul da ilha da Cananã e para o lado opposto desde o rio de Curupacé até a barra de Macaé. Cem legoas. | MARTIN AFFONSO DE SOUZA do conselho do rei, e grande capitão. | { Em carta que lhe dirige, declara D. João 3.º a Martin Affonso, que lhe mandára apartar cem legoas sobre a costa. É passado o foral da capitania. É passada a carta regia de doação da capitania. A capitania soffre com o ataque de S. Vicente pelos de Iguaçu. | 1532 1534 1535 |
| DE S. AMARO. | { Oitenta legoas em 3 porções : cincoenta do Curupacé até a barra de S. Vicente, e para o sul, de Paranaçu até as immedições da Laguna. Trinta legoas do rio Iguaçu para o norte até a bahia da Traição comprehendida a ilha de Itamaracá. | PERO LOPES DE SOUZA irmão do precedent. | { Passa-se a carta regia de doação e o foral da capitania. Pero Lopes de Souza não volta mais ao Brazil, e por elle installa uma colonia em Guaimbé Gonçalo Affonso, e outra João Gonçalves em Itamaracá, dando-se depois o nome de S. Amaro á toda capitania, não sendo colonizadas as terras de Paranaçu e Laguna. Morre Pero Lopes de Souza em um naufragio perto da ilha de Madagascar. Assigna a viuva de Pero Lopes a nomeação do lugar tenente de seo filho para a capitania em favor de Christovão de Aguiar de Altero etc. | 1537 1534 |
| DA PARAHIBA DO SUL | { Estendia-se por trinta legoas desde o limite septentrional da capitania de S. Vicente até o baixo dos Fargos. | PERO DE GÓES DA SILVEIRA. | { É passada a carta regia de doação da capitania. Fundase com o nome de villa da Rainha a primeira colonia á margem do Parahiba. Volta Pero de Góes á Portugal em demanda de auxilios, deixando a frente da colonia Jorge Martins, e quando torna á ella, acha-a em decadencia e ruina, que de todo se completa pelos ataques dos goyacaes. Pero de Góes retira-se para o Espirito Santo e depois para Portugal. | 1542 1535 |
| DO ESPIRITO SANTO. | { Cincoenta legoas contadas do rio Itaipemirim ao rio Mucury. | VASCO FERNANDES COUTINHO fidalgo da casa real, e já notavel na Azia. | { Volta de Góes á Portugal em demanda de auxilios, deixando a frente da colonia Jorge Martins, e quando torna á ella, acha-a em decadencia e ruina, que de todo se completa pelos ataques dos goyacaes. Pero de Góes retira-se para o Espirito Santo e depois para Portugal. Fôroo passados a carta regia de doação e foral da capitania. Vindo de Portugal com os recursos e colonos que pode haver fundou a povoação do Espirito Santo no continente. | 1540 1534 |
| DE PORTO SEGURO. | { Comprehendia cincoenta legoas que corria do Mucury para o norte, não se tendo marcado precisamente o limite septentrional. | PERO DE CAMPOS TOURINHO proprietario em Portugal. | { Depois de repellar os ataques do gentio, soube attrahir-lo; mas a colonia soffreu as consequencias de desavenças e da insubordinação devidas principalmente aos colonos perversos, e á Duarte de Lemos, a quem o donatario beneficiára. Vasco Fernandes acabou miseravelmente; a capital do Espirito Santo transferio-se do continente para a ilha de S. Antonio com a invocação de N. S. da Victoria. Passa-se a carta de doação e foral da capitania. | 1535 1531 |
| DOS ILHÉOS. | { Comprehendia cincoenta legoas e limitava-se ao sul com a de Porto-Seguro, e acabava na barra da Bahia de Todos os Santos. | JORGE DE FIGUEIREDO CORRÊA fidalgo da casa real e escrivão da fazenda em Lisboa. | { Tourinho vende quanto possui em Portugal, e trazendo mulher, filhos, parentes e os colonos que pode reunir funda a sua colonia em Porto Seguro. Prospera a capitania; por morte porém do donatario succede á este seo filho Fernão de Campos Tourinho, e começa a decadencia; por morte deste herda a capitania sua irmã Leonor de Campos que a vende ao duque de Aveiro. | 1533 1550 |
| DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS. | { Comprehendia cincoenta legoas que corria desde a barra da Bahia até a foz do rio de S. Francisco. | FRANCISCO PEREIRA COUTINHO capitão portuguez que se extremára na India. | { Passa-se a carta de doação e o foral da capitania. Vem em nome do donatario o castelhanu Francisco Romero e funda na ilha de Tinhárã uma colonia que logo muda para o porto dos Ilhéos; baté os Amoyrés, manifestando-se porém com os colonos é por elles prezo e mandado no donatario que de novo impo o que é fatal á capitania. | 1534 |
| DE PERNAMBUCO. | { Comprehendia sessenta legoas desde a foz do rio de S. Francisco até o rio Iguaçu ao norte. | DUARTE COELHO PEREIRA notavel capitão portuguez. | { Passa-se a carta de doação e o foral da capitania. Vem Coutinho com uma pequena armada e grande numero de aventureiros e funda o seo estabelecimento no mesmo sitio occupado por Caramuru. Suocede aos primeiros tempos de paz uma guerra á que resiste Coutinho á principio, sendo obrigado depois a retirar-se para Porto-Seguro, ou Ilhéos, donde voltando á chamado dos indios e colonos, naufraga na ilha de <i>Taparica</i> e é devorado pelos Tupinambás. | 1537 ou 1538 |
| DO MARANHÃO. | { Comprehendia cento e cincoenta legoas da bahia da Traição até a extrema da actual provincia do Rio Grande do Norte; mas sem limite preciso — e depois desde a abra de Diogo Leite até o rio da Cruz. Setenta e cinco legoas entre o rio da Cruz e o Cabo de Todos os Santos. | JOÃO DE BARROS o célebre historiographo. FERNANDO ALVARES DE ANDRADE do conselho do rei. ALVARES DA CUNHA socio de BARROS e de ALVARES DE ANDRADE no empenho de installar as capitancias. | { Passa-se a carta de doação e o foral da capitania. Duarte Coelho vem com mulher, filhos, parentes e muitos colonos e funda Olinda, seo primeiro estabelecimento. A capitania prospera, a despeito dos Cahetés que são vencidos. Passa-se as cartas regias de doação e foras das capitancias de João de Barros e Fernando Alvares de Andrade. Não podendo sair de Portugal associou-se os dous donatarios com Alvares da Cunha, vindo por Barros dous filhos seus; e por Alvares de Andrade um delgado; Alvares da Cunha sahio com uma grande expedição de Lisboa e naufraga nos baixos do Maranhão, salvando-se apenas alguns dos naufragos. Estas capitancias não vingão em consequencia de tal desastre. | 1534 1535 |
| N | { Constava de quarenta legoas que se limitavão ao sul com as primeiras cem legoas de João de Barros, e ao norte com a extrema das setenta e cinco de Fernando Alvares de Andrade. | ANTONIO CARDOSO DE BARROS cavalleiro fidalgo. | { Recebe a carta regia e foral da capitania. Nada faz, nem se empenha por conseguir installar a capitania, que por isso não tem exito. | 1534 |





LIÇÃO VIII.^a

ESTABELECIMENTO DE UM GOVERNO GERAL NO BRAZIL: THOMÉ DE SOUZA PRIMEIRO GOVERNADOR GERAL.

(1549 — 1553)

Não era possível que o systema de colonisação posto em pratica por D. João 3.^o no Brazil por meio da concessão de capitánias hereditarias pudesse resistir ás condemnações da experiencia. Desesete annos fôrão de sobra para deixar á descoberto os graves inconvenientes desse systema que aliás tivera em seo favor as necessidades e circumstancias da época em que foi concebido e empregado, e que já havia produzido os seos resultados, creando no Brazil interesses mais ou menos importantes, e nucleos de população que tendião a desenvolver-se.

A arvore tinha dado os seos fructos: a instituição deixára colher todo o bem que se podia esperar d'ella; avultavão porém os defeitos profundos que a desabonavão, e que já se fazendo sentir fortemente, reclamavão uma prompta refôrma, que entretanto não se conseguiria realizar sem o sacrificio de alguns dos desmedidos privilegios dos

donatarios. Felizmente o governo portuguez achava-se no caso de despojar aquelles senhores feudaes de certos direitos, que lhes havia dado, sem temer grande opposição da sua parte, visto que o proprio interesse delles exigia o emprego de medidas que não terião jámais logar sem a perda de algumas das suas prerogativas.

Uma das primeiras e mais essenciaes falhas da instituição das capitánias hereditarias, era a independencia e isolamento de cada uma dellas, era a falta completa de um laço commum, que lhes assegurasse a garantia de um centro protector, de uma cabeça que pensasse nas providencias geraes, de um braço que por todos se armasse, e a cada uma dellas defendesse na hora do perigo. Esta falta as expunha aos mais sérios riscos tanto em relação ao exterior como ao interior. No proprio seio do paiz as sortidas e a guerra feitas pelos indios erão uma calamidade que ou se repetia ou podia-se repetir todos os dias: do exterior vinhão frequentemente os francezes, e quiçá alguma vez os castelhanos ameaçar os novos estabelecimentos, zombando dos fracos recursos dos donatarios, acrescendo ainda que os francezes contavão em diversos pontos do litoral com as sympathias do gentio.

Cada uma capitania isolada mal podia resistir aos ataques dos selvagens, e certamente cahiria ao impeto de alguma forte invasão de estrangeiros ambiciosos, e não esperaria auxilio de nenhuma das outras; porque fóra isso contar com a esmóla

de necessitadas, que também estavam nas circumstancias de pedi-la. O recurso pois era um centro protector, embora para que elle fosse instituido, devessem os donatarios soffrer quebra nos seus privilegios.

Outras considerações tornavão indispensaveis da parte do governo portuguez providencias instantes e vigorosas. Os donatarios não podião ter escolhido zelosamente os colonos que havião trazido para installar suas capitánias; em geral tinhão vindo com elles fidalgos desmoralisados, e gente de costumes desregrados: no Brazil essa reunião de elementos perigosos, e a communicacão com o gentio que a todos os respeitos tão selvagem era, não devião produzir senão a desmoralisacão e a desordem, tanto mais que os chefes das capitánias nem sempre estavam no caso de empregar meios seguros de coerção; além de que nem todos os donatarios se achavão á frente de seus estabelecimentos, e os delegados que os representavão nem ao menos tinhão a força moral que os delegadores terião para se fazer respeitar.

O proprio governo portuguez empeiorava essa triste situação, mandando degradados para o Brazil homens notaveis por seus vicios e crimes, e que ainda mais vinhão multiplicar as fontes de desmoralisacão.

E como se isto não bastasse, actuava ainda o direito de couto e homisio, conferido a cada uma das capitánias, para dar lugar a desintelligencias

demasiadamente repetidas, e resultantes da transmigração continua dos delinquentes de umas para outras colonias : pela necessidade de gente apadriñava-se esta importação perigosa e turbulenta, queixando-se os donatarios uns dos outros, e soffrendo todos as tristes consequencias de tão mal pensado e tão fatal privilegio.

7 de
Janeiro
de 1549.

Attendendo á estas considerações, ou d'ellas possuido deo D. João 3.^o a 7 de Janeiro de 1549 o golpe mortal no nascente feudalismo do Brazil, creando n'este vasto paiz um governo geral, centro do poder, que devia acudir a todos os pontos, onde se annunciasse perigo, mas tambem centro de poder que se eregia sobre todas as capitancias, e que arrancava aos donatarios algumas de suas principaes prerogativas, como a alçada no civil e no crime, a segurança de não poder entrar em suas terras nem corregedor, nem justiça alguma, e o privilegio que tinha cada governador de não ser suspenso da sua governança e jurisdições.

Não faltarão protestos dos interessados contra esta reforma capital ; mas nem por isso ella deixou de effectuar-se. É indubitavel que o rei despojára os donatarios, e sem o consento d'elles, de uma parte dos privilegios com que os tinha armado, e por amor dos quaes esses seos vassallos haviam feito enormes sacrificios, vindo ou mandando fundar colonias no Brazil ; mas grandes razões de Estado e de justiça determinarão aquella medida. Primeiramente estava provado que não era possivel aos

donatarios garantir a independencia e segurança das suas terras ; e em segundo logar a anarchia e a desordem que reinavão nas capitánias attestavão que os seus governadores não podião uzar proveitosamente das regalias que lhes erão tiradas. O Brazil, dividido embora em capitánias era sempre um dominio do reino de Portugal, que não devia expôr-se á perde-lo nem a abandoná-lo ao acazo. Os donatarios não se mostrãrão capazes de cumprir um verdadeiro contracto que tinhão feito com a corôa, e a corôa, attendendo ao proveito e ao bem do Estado, annullou em parte esse contracto.

D. João 3.^o instituiu pois um governo geral no Brazil, e n'elle creou a centralisação administrativa e politica : designou a Bahia de Todos os Santos como ponto mais central da costa, para ahi se fundar a cidade, capital da grande colonia; assentou o systema da administração nas bazes mais simples dando por principaes podêres — um governador geral, chefe do governo, e centro administrativo : — um ouvidor geral presidindo á justiça — um provedor-mór dirigindo a fazenda — um capitão mór da costa encarregado da deffeza do litoral — e, mais tarde, um alcaide-mór tendo o commando das armas na capital; e enfim marcou a esphera das attribuições daquelle chefe e de cada um d'esses directores dos ramos principaes da administração.

Para ser o fundador de um governo regular no Brazil e dar execussão á aquella série de providencias foi nomeado Thomé de Souza, homem notavel tanto pela prudencia como pela firmeza.

A expedição do governador geral do Brazil trouxe além do desembargador Pero Borges, ouvidor geral, Antonio Cardozo de Barros, provedor mór, e Pero de Góes, capitão mór da costa e afóra outras pessoas de distincção destinadas a occupar os cargos principaes da nova capital, seis jesuitas tendo por chefe o padre Manoel de Nobrega já vantajosamente conhecido na companhia de Jezus, muitas familias que devião no Brazil estabelecer-se, e emfim seiscentos homens d'armas e quatro centos degradados.

1519. A 2 de Fevereiro dê 1549 largou de Lisboa a esquadra e a 29 do mez seguinte aportou á Bahia de Todos os Santos, onde Thomé de Souza foi recebido pelo velho Diogo Alvares, por todos os portuguezes ali existentes, e pelos Tupinambás que se mostrarão promptos em prestar-lhe obediencia.

Thomé de Souza lançou os fundamentos da capital do Brazil em uma altura pouco distante da praia e não muito afastada do antigo estabelecimento que para o diante foi chamado Villa Velha; fez abrigar a sua gente em palhoças que de improviso se levantarão com o concurso dos Tupinambás, mandou logo abrir um caminho da praia para o sitio onde hia assentar a cidade, cujo plano marcou traçando as ruas e praças, dezignando os lugares para a igreja, e cazas do governo, dos contos e do conselho municipal, e de um collegio dos Jesuitas, distribuiu diversos solares, e attendendo á necessidade da deffeza cingio o leito da capital, que fazia erguer,

de uma muralha de taipa com duas torres para o lado do mar e quatro para o da terra; á cidade que chamou do *Salvador*, deo por armas uma pomba em campo azul e tendo no bico um ramo de oliveira com a divisa « *sic illa ad Arcam reversa est* ».

Activo e deligente mandou Thomé de Souza buscar ás ilhas de Cabo Verde gado para a Bahia, deo á lavoura o incremento possivel, e estabeleceu a ordem na marcha da administração: nos primeiros trabalhos que houve de vencer de grande proveito lhe fôrão os indios; em breve porém teve de ser com elles sevêro, e conseguiu aterra-los, mandando atar á boca de uma peça de artilharia e despedaçar ao tiro d'ella dous dos principaes de uma horda que tinha aprisionado e devorado quatro portuguezes; mas a sua severidade não era sentida sómente pelos gentios, e sim tambem pelos colonos pervertidos, que tiverão de soffrer o castigo dos roubos e outros crimes que perpetravão.

Ao mesmo tempo os Jesuitas encetavão a série dos seus admiraveis triumphos: com a affabilidade do trato, com a piedade, a paciencia e a dedicação attrahirão numerosos cathecumenos entre o gentio, a quem encantavão ainda com os cantos religiosos, apparatusas solemnidades, e com as procissões, em que apparecião os meninos indios ou *columins*, vestidos de acolytos. O padre João Aspilcueta Navarro estudou em pouco tempo a lingoa *tupy*, e em breve conseguiu entendê-la, fala-la, e fazê-la ouvir

do alto do pulpito. Outros destes padres vezitirão por vezes as capitánias dos Ilhéos, de Porto Seguro e do Espirito Santo, prestando serviços reaes e importantísimos.

Entretanto erão inumeraveis as difficuldades com que tinha de lutar o governador geral do Brazil : uma das primeiras consistia na desproporção do sexo masculino entre os colonos, o que occasionava uniões raramente legitimas entre estes e as mulheres indias : no anno de 1550 havião chegado á Bahia algumas orphãs muito recommendadas pela rainha para se casar com os colonos mais notaveis, conferindo-se a estes os officios de justiça e de fazenda que se houvesse de prover ; fraco porém foi um tal recurso , e o padre Nobrega escrevia para o reino , pedindo a remessa de mulheres e não dava muita importancia á escolha d'ellas.

Era outro e gravissimo embaraço a falta de direcção superior para o clero que no Brazil existia ; todos os ramos do governo e da administração tinhão seos chefes ; não o tinha porém o clero que mais que muito d'elle precisava. Os padres davão o exemplo da mais escandalosa perversão dos costumes : por certo que não terião sido nem os mais instruidos nem os mais moralizados aquelles que havião conseguido trazer consigo os donatarios, e esses padres sujeitos á mesma influencia que os outros colonos, livres de toda a disciplina entregárão-se aos maiores excessos e se fôrão assalvajando com os selvagens.

À esta ponderosa necessidade attendêrão o rei e o santo-padre, creando o bispado do Brazil que se separou do do Funchal, e nomeando bispo da nova diocese Pero Fernandes Sardinha, que chegou à cidade do Salvador no fim do anno de 1551 tendo sido em 1550 promulgada a bulla da criação do bispado. 1550.

Em 1552 visitou o governador geral as diversas capitánias, levando comsigo o padre Nobrega : havia na sua visita não só o empenho de apreciar o estado das diversas povoações; mas ainda a satisfação dos cuidados do rei, que se abalâra com a noticia de que os francezes começavão a infestar frequentemente a bahia do Rio de Janeiro, e que por certo folgaria sabendo que se havia procedido à fortificação d'esse ponto; por falta de recursos porém não conseguiu Thomé de Souza realisar os seos dezejios; e não podendo fortificar essa bahia admiravel, escreveu ao menos à ElRei avantajando a sua situação. 1552.

Percorrendo as diversas capitánias do sul Thomé de Souza providenciou sobre a segurança e deffeza das povoações, mandou levantar cazas de audiencia cadêas, e pelourinhos : em S. Vicente approvou a fundação da villa de Santos, onde já se achava a alfandega; creou as villas da Conceição de Itanhaem e de S. André, nomeando João Ramalho capitão d'esta povoação, que podia ser de muita utilidade servindo para estorvar o commercio já frequente que por ali se fazia para o Paraguay, o que prova

que desde esse tempo acendião-se os ciúmes entre Portugal e a Hespanha por amor de suas possessões da America no ponto em que se ellas encontravão ao occidente e ao sul do Brazil.

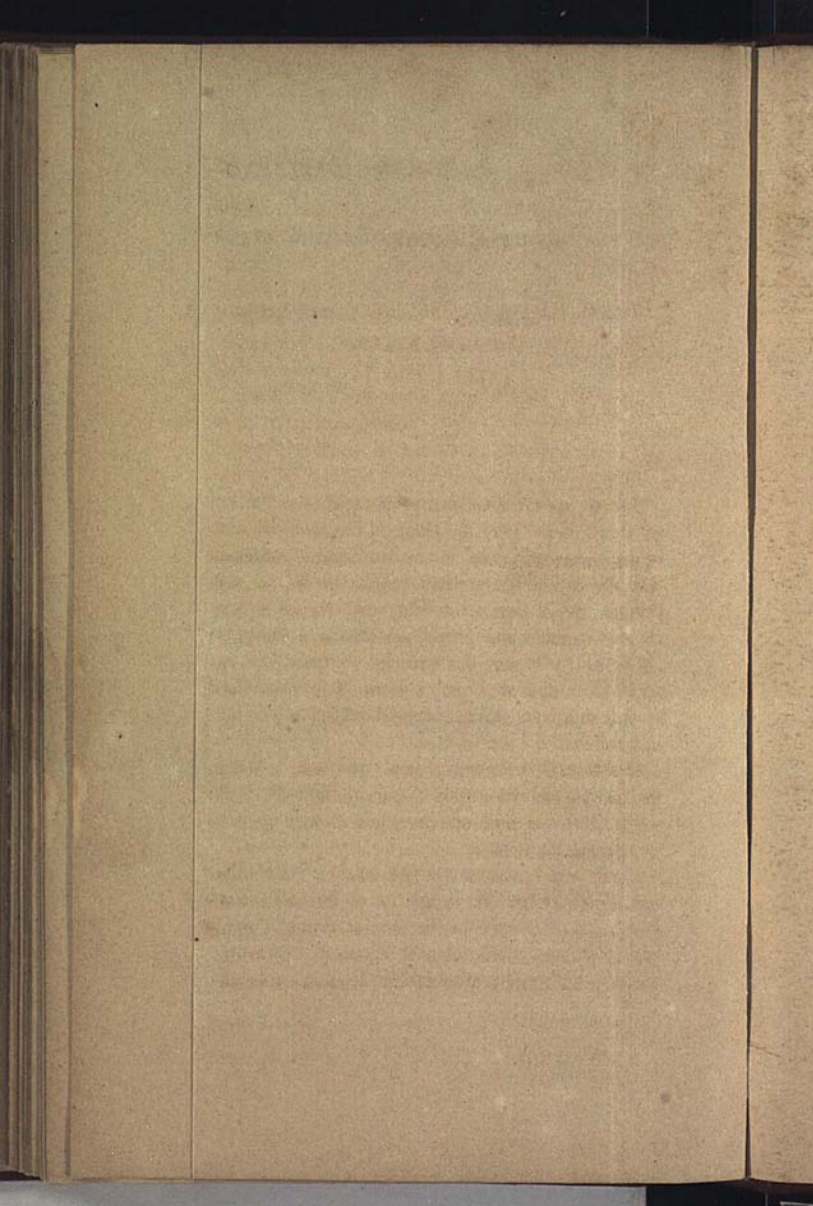
1553. Aos 15 de Julho de 1553 entregou Thomé de Souza o governo do Brazil á Duarte da Costa, tendo excedido, não por culpa sua, nem por proprio gosto, anno e meio ao tempo que fôra marcado para a laboriosa administração que tão dignamente soube dirigir.

Thomé de Souza desempenhou com o maior zelo a tarefa de que o incumbira o soberano: foi justo sempre, muitas vezes sevêro; nunca porém cruel: creou o governo e a administração na America portugueza; empenhou todos os seus esforços para extirpar a desmoralisação que maculava todas as capitánias, sendo n'isso auxiliado pelos Jesuitas e depois ainda pelo bispo; fez acatar e respeitar a autoridade de que fôra investido; e conhecedor das circumstancias em que se achava o Brazil, e de todas as suas necessidades, depois de tornado á Portugal continuou ali a aconselhar quanto bem poudé para a interessante colonia, que muito lhe devêo, e á que ficou perpetua e nobremente ligado o seu nome.

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO VIII.^a

Estabelecimento de um governo geral no Brazil : Thomé de Souza governador geral.

| PERSONAGENS : | ATTRIBUTOS : | FEITOS E ACONTECIMENTOS : | DATAS. |
|---------------------------------------|---|--|---|
| D. JOÃO III. ^o —O Piedoso. | Rei de Portugal. | Manda estabelecer no Brazil um governo geral, e fundar na Bahia uma cidade para capital, e tira aos donatarios a alçada no civil e no crime, e os privilegios de não entrar em suas terras justiça alguma, e de não poderem ser suspensos de suas jurisdicções. | 7 de Janeiro de . . . 1549 |
| THOMÉ DE SOUZA. | Notavel administrador, e bom capitão portuguez. | É nomeado governador geral do Brazil. Larga a sua esquadra de Lisboa. Chega á Bahia de Todos os Santos. Funda e fortifica a cidade do Salvador com o concurso de Caramurú e dos Tupinambás. Faz-se notavel por sua severa justiça com os colonos e os indios; faz vir gado de Cabo-Verde; dá incremento á lavoura; visita as diversas capitancias, e dá uteis providencias; vai ao Rio de Janeiro; mas não pôde fortificar esta bahia por falta de meios. Cria as villas da Conceição de Itanhaem e de S. André, em S. Vicente. Entrega o governo-geral á Duarte da Costa, seu successor. | 1549 2 de Fevereiro de . . . 1549 29 de Março de 1549 1549 1549 a 1553 15 de Julho de 1553 |
| PERO FERNANDES SARDINIA. | Tinha sido vigario geral de Goa. | É nomeado bispo do Brazil, (que fica assim separado da diocese do Funchal). | 1550 |
| MANOEL DE NOBREGA. | Jezuita de grande piedade e muito mercimento. | Vem com Thomé de Souza trazendo mais seis Jezuitas de que é o chefe. Funda um collegio na Bahia, catechisa os selvagens e visita as capitancias coadjuvado pelos outros Jesuitas. | 1549 1549— 1553 |
| PERO BORGES. | Magistrado portuguez. | Vem com Thomé de Souza na qualidade de Ouvidor-geral. | 1549 |
| ANTONIO CARDOSO DE BARROS. | Um dos donatarios de capitancias. | Vem com Thomé de Souza na qualidade de provedor-mor. | 1549 |
| PERO DE GO'ES. | O infeliz donatario da Parahyba do sul. | Vem com Thomé de Souza na qualidade de capitão-mór da costa. | 1549 |
| JOÃO DE AZPILCUETA NAVARRO. | Jezuita e um dos que vierão com Nobrega. | Estuda a lingua tupy, e fa-la ouvir do alto do pulpito pregando ao gentio. | 1549— 1553 |
| DIOGO ALVARES. | O célebre Caramurú. | Recebe Thomé de Souza e muito o auxilia. | 1549 |
| JOÃO RAMALHO. | O chefe da colonia de Piratininga. | É nomeado capitão da villa de S. André por Thomé de Souza. | 1552 |



LIÇÃO IX.^a

DUARTE DA COSTA, SEGUNDO GOVERNADOR
GERAL DO BRAZIL.
(1555 — 1558.)

Em sua governação Duarte da Costa nem foi tão bem succedido, nem se mostrou tão merecedor de justos louvores, como o seu antecessor: animado sem duvida de boa vontade, zeloso porém de suas prerogativas, e menos reflectido que Thomé de Souza vio d'entro em pouco perturbada a harmonia entre elle e alguns dos principaes chefes das repartições administrativas, e cauza foi, posto que involuntaria, da morte horrivel padecida pelo primeiro bispo do Brazil.

Circumstancias diversas, umas pessoas, e outras que se podem dizer geraes determinarão as desintelligencias e a discordia que annuearão o governo de Duarte da Costa.

Tinha o governador trazido em sua companhia um filho, Alvaro da Costa, joven intrepido e valente, mas descomedido em seus costumes; e tendo este praticado actos menos regulares, entendeu o bispo que lhe cumpria ao mesmo tempo reprehender

o filho e advertir o pay. O extremo paternal cegou Duarte da Costa que se indispoz com o bispo, resultando d'ahi uma desavença que em breve dividio a capital em dous partidos, notando-se que o governador teve contra si o capitão-mór da costa, a camara da cidade, e Antonio Cardozo, o primeiro provedor-mór.

Não é facilmente explicavel que uma desharmonia toda particular creasse uma tal opposição, antes parece que uma extrema severidade do governador provocou inimisades, como a do provedor-mór, á quem suspendera os ordenados : acresce que Duarte da Costa não julgou dever sujeitar-se á influencia dos Jezuitas, contra os quaes aliás começavão já a bradar os colonos portuguezes feridos em seos interesses, porque aquelles padres angariando um crescido numero de cathecumenos nas tabas dos gentios, escaceavão por isso mesmo a colheita dos trabalhadores ou antes escravos indios.

É muito provavel que a não submissão de Duarte da Costa aos Jezuitas descontentasse profundamente a esta companhia, que principiára já a firmar o seo poder em Portugal, e que no Brazil plantava os elementos de sua grandeza futura.

Acontecimentos de mais ou menos importancia vierão excitar ainda mais os animos já encandecidos contra Duarte da Costa, e perturbar infelizmente a sua administração.

1553. Achava-se Nobrega de vezita no collegio de S. Vicente em 1553, quando recebeu a noticia da chega-

da do novo governador, e de um poderoso reforço de padres da companhia, entre os quaes se achava o irmão Jozé de Anchieta que tão celebre devia tornar-se; e além dessa tambem a da instituição no Brazil de uma provincia da companhia de Jezus, e a patente que o nomeava provincial: ainda mais estimulado o seo zelo, Nobrega emprehendeo novos trabalhos, e determinou transferir o collegio da villa de S. Vicente para o interior, ficando aquella caza para darem os religiosos que nella habitassem o elemento espiritual aos christãos das visinhanças.

Entrarão logo os padres a tratar da escolha do sitio em que convinha fundar o novo collegio, e não lhes agradando a villa de S. André, nem Piratininga, escolhêrão um logar imminente entre o rio Tamandoatay e o ribeiro Anhamgabaú, trez legoas afastado daquella ultima povoação. Para mais commodamente instruir os neophytos ou para attrahir desde logo grande cópia delles, aconselhárão a Martin Affonso Tebyreçá, e a Cay-uby, senhor de Geribatyba (já bastante velho e que no baptismo recebeu o nome de João) que transferissem suas residencias para junto do collegio futuro; desertarão pois estes dous chefes com os seos sequazes de Piratininga, e vierão estabellecer-se no sitio determinado que é o mesmo da actual cidade de S. Paulo.

Com um soccorro tão efficaz o padre Manoel de Paiva e mais alguns Jezuítas levantarão a sua caza e uma Igreja, tomando para orágo desta e da nova aldèa o apostolo S. Paulo pela razão de se ter ca-

25 de
Janeiro de
1554.

sualmente offerecido ali a primeira missa no dia 25 de Janeiro de 1554 : ao mesmo tempo fôrão os Jezuitas cercando-se de numerosos indios com desfalque da população das duas povoações visinhas, o que contrariou a João Ramalho e a seos filhos e a outros colonos portuguezes á ponto de acender-se entre os estabelecimentos de S. André e S. Paulo um ciume ardente, que se desmandou em hostilidades e ataques vigorosos, que os padres conseguirão repellir com o concurso dos seos indios, mas não sem derramamento de muito sangue.

Naturalmente os Jezuitas reclamárão justiça contra os agravos de João Ramalho e dos seos, sendo nesse empenho ajudados pelo bispo, e não se mostrando o governador tão sevêro, como o querião os queixosos, a luta entre as duas authoridades tornou-se mais viva, fazendo Duarte da Costa por um lado e pelo outro o bispo e os seos partidistas chegar á Lisbôa protestos e queixas repetidas, do que resultou ser chamado á côrte o primeiro chefe da dioceze do Brazil.

1556. O bispo embarcou para Lisbôa no dia 2 de Junho de 1556, e a 16 do mesmo mez o navio que o levava deo á costa nos baixos chamados de D. Rodrigo quasi á fôz do rio Cururipe, e o mizero prelado, salvando-se das ondas, cahio nas mãos dos terriveis cahetés que no furor do cannibalismo e da antropophagia o devorárão, assim como a todos os seos companheiros de viagem e de infortunio.

Tão horrivel calamidade não foi ainda a ultima

que deo testemunho da má fortuna da governação de Duarte da Costa. Os francezes continuavão a apparecer na costa do Brazil e mais audaciosos que nunca. No Espirito Santo o gentio ameaçava sevêramente a capitania. Em Pernambuco aproveitavão-se os selvagens da mórte do velho donatario, que teve logar em 1554 para encetar novas guerras em que fôrão vencidos por Jeronymo de Albuquerque. Desde Cabo-Frio até Bertióga todos os maiores dos indios unidos e obedecendo ao terrivel Cunhambebe, que se gabava de já haver provado a carne de alguns mil inimigos, zombavão mesmo no mar do poder dos portuguezes. Até na propria Bahía, e bem perto da cidade do Salvador o gentio se mostrava insolente e altanado, e atrevia-se por vezes a apresentar-se para combater, embora soffresse constantes derrotas e fosse perseguido e castigado por Alvaro da Costa que nesse empenho soube prestar serviços relevantes.

O mais grave acontecimento porém do tempo de Duarte da Costa no Brazil foi sem a menor duvida o estabelecimento dos francezes no Rio de Janeiro sob a direcção de Nicoláo Durand Villegagnon. Este habil maritimo, cavalleiro de Malta e vice-Almirante da Bretanha, conhecido já por sua audacia, deliberou fundar na bahia do Rio de Janeiro, de que tinha noticias as mais vantajosas, uma colonia franceza e consideravel. Calvinista, como era, aproveitou o ardor das lutas religiosas em França para angariar protectores, e entendendo-se com o al-

mirante Coligny, que era notavel influencia na cõrte do rei, e um dos chefes na grei dos calvinistas, fê-lo acreditar que tinha por fim preparar no Brazil um azilo para os sectarios de Calvino, e o moveo a fallar em nome da França á Henrique 2.º, que concedeo um auxilio de dous navios, em quanto elle fallava em nome da religião aos huguenotes muitos dos quaes corrêrão a tomar parte na sua empreza.

1555. Villegagnon sahio do Havre com a expedição que preparára e depois de muito soffrer no mar, entrou a Bahia do Rio de Janeiro em Novembro de 1555, : desembarcou primeiramente em um ilhéu quasi razo com o mar e que demora no meio da barra; mas bem depressa reconhecendo que as marés de enchente inundavão aquella posição, desprezou o ilhéu ou lage em que saltára, e foi tomar um outro mais para dentro da barra, á que chamavão *Serigipe*, e que delle recebeu o nome de *Coligny*, sendo depois e até agora conhecido pelo de *Villegagnon*. Premeditando a fundação de uma cidade, já o ouzado invasor lhe destinava o nome de *Henryville*, em honra do rei Henrique 2.º, assim como o de França-Antartica á nova colonia franceza, que se devia estender pelas terras da America-portugueza.

Os gentios desde Cabo-Frio até o Rio de Janeiro erão amigos dos francezes, que os frequentavão desde muito, respeitando sempre seos costumes rudissimos, e sua independencia, e liberdade; não admira pois que elles os recebessem alegres no seio de Nictheroy.

Villegagnon quiz governar os seus companheiros com a severidade calvinista levada ao extremo : obrigou-os á todas as práticas da sua religião, não calculou com as saudades do mundo civilizado e dos seus gozos, nem com o contraste de um paiz inteiramente novo, e onde os dias erão marcados por privações : mostrou-se exigente na disciplina e nos costumes dos seus, ao tempo que tolerava, e permittia aos indios todas as suas uzanças selvagens; commetteo a imprudencia de abrir espaço á questões religiosas, que se suscitirão e dividirão os colonos; e fazendo assim nascer entre elles o descontentamento, sem o pensar preparou a ruina do seu estabelecimento, ou pelo menos facilitou as victorias que os portuguezes tinhão de vir alcançar sobre os intruzos dominadores da bahia do Rio de Janeiro.

Dentro em pouco uma conjuração foi tramada no seio da colonia contra Villegagnon, que a provocára pelo facto de querer obrigar um normando, grande lingoa dos indios, a cazar-se com uma selvagem, com quem vivia em illicita união : este homem preparou uma revolta, que ainda a tempo foi descoberta, e para castigo da qual Villegagnon mandou, dicerão alguns, negando-o elle, enforcar o cabecilha, e pôr em ferros a outros dous mais compromettidos, afogando-se um destes no mar, á que se deitou para fugir.

Entretanto Villegagnon tinha escrito a Coligny para a França dando conta da sua situação, e das

1557. suas esperanças, e pedindo soccorros. Em 1557 chegarão-lhe de reforço trezentos homens, o seu sobrinho Bois-le-Comte, e dous theologos calvinistas, um dos quaes foi D. João de Lery, que escreveu uma obra interessante sobre esta empreza, e onde se encontram muitas e curiosas noticias relativas á ethnographia dos indios.

As expedições e os progressos dos francezes não passavão despercebidos aos olhos do governador geral do Brazil; faltávão porém, como no tempo de Thomé de Souza, os meios para occupar o Rio de Janeiro, e ainda mais para desalojar d'ali os francezes já fortificados, e tendo por elles a alliança dos *Tamoyos*. Em 1557 a camara da Bahia se apresentava a pedir em altos brados providencias instantes; Duarte da Costa reclamava forças e recursos para atacar aquelles temiveis inimigos invazores; os Jesuítas fazião ouvir suas vozes no mesmo sentido; mas a côrte de Lisboa ou não despertava nem mesmo com o annuncio de tão grave perigo, ou não tinha sempre meios sufficientes para acudir ás necessidades de todos os vastos dominios portuguezes.

Esta situação embora não desesperada, mas sobremaneira embaraçosa, em que se apresentava o Brazil prôva sómente que além dos erros commettidos por Duarte da Costa, e além das culpas infundadas que lhe imputavão, acontecimentos, que não estava em suas faculdades prevenir ou remover, occorrerão durante a sua administração, fazendo-a parecer á uns desastrosa, a outros infeliz.

E ainda no ultimo anno do governo de Duarte da Costa chegou ao Brazil a noticia da morte de D. João 3.º, que fallecêra a 11 de Junho de 1557, ficando rei de Portugal D. Sebastião, que apenas contava trez annos de idade, e regente do reino sua avó a rainha D. Catharina d'Austria.

11 de
Junho de
1557.

E tambem nesse mesmo anno á 5 de Outubro morreo, na cidade do Salvador, Diogo Alvares, o celebre Caramurú, e foi enterrado no mosteiro de Jezus.

5 de
Outubro
de 1557.

Se foi D. João 3.º um bom e *piadoso* rei para Portugal, ou pelo contrario de perniciosa influencia para elle, é questão á parte; cumpre aqui sómente reconhecer que foi elle, quem encetou a obra da colonisação do Brazil, e quem plantou neste paiz um governo regular, e os germens da civilização, e lhe abriu a estrada do progresso. Em desessete annos emprehendeo e consummou duas emprezas difficilimas: o estabelecimento de capitancias hereditarias no Brazil com o fim de colonisa-lo, e a reforma desse systema para dar ordem, administração, segurança e futuro aos dominios de Portugal na America.

Em 1558 entregou Duarte da Costa o governo do Brazil ao seo successor.

1558.

Graves accusações tem feito alguns apezar sobre este governador: é incontestavel que no seo tempo as mais lamentaveis desavenças puzerão em luta as principaes autoridades da capital do Brazil, e que elle evidentemente concorreo tambem para isso; e se a imparcialidade não encontra factos documen-

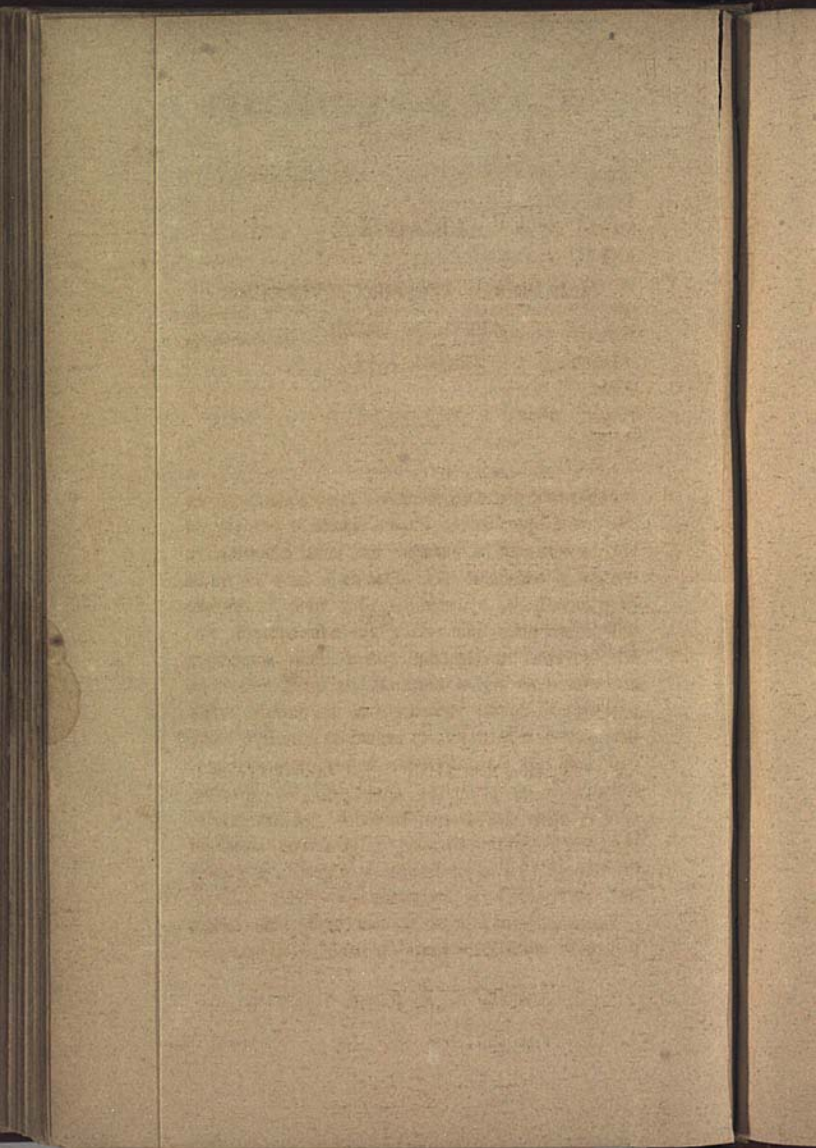
tados para admittir como verdades as imputações de que elle foi victima, se enxerga homens suspeitos em alguns dos seos accusadores, tambem acha razões para lastima-lo pela sua pouca prudencia, pela infelicidade do seo governo, e pelo facto menos airoso de ter reservado para si e para seos successores uma sesmaria das terras que ficão entre o Paraguassú e o Jaguaripe. O desinteresse que é uma das grandes virtudes do homem que governa, não póde por tanto ser lembrado em honra da memoria de Duarte da Costa.



QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO IX.^o

Duarte da Costa - Segundo governador-geral do Brazil.

| PERSONAGENS : | ATTRIBUTOS : | FEITOS E ACONTECIMENTOS : | DATAS. |
|--|--|--|---|
| D. JOAO III. ^o — O Piedoso. | Rei de Portugal. | Morre. | 11 de Junho de 1557 |
| D. SEBASTIÃO — O Dezejado. | Rei de Portugal. | Succede com trez annos de idade a seo avô D. João III. ^o | 1557 |
| D. CATHARINA d'Austria. | Rainha de Portugal—avô de D. Sebastião. | } Fica regente de Portugal pela morte de D. João III. ^o e menoridade de D. Sebastião. | 1557 |
| | | | Succede a Thomé de Souza no governo geral do Brazil. |
| DUARTE DA COSTA. | Filho de um diplomata portuguez. | } Vê o seo governo perturbado em consequencia da suas desavenças com o bispo. Dezagrada aos Jezuitas, e á alguns dos principaes colonos. Vê-se em luta com o gentio e não pôde oppôr-se aos francezes que occupão a bahia do Rio de Janeiro. | 1553 — 1558 |
| PERO FERNANDES SARDINHA. | Primeiro bispo do Brazil | | Entrega o governo do Brazil a Mem de Sá |
| MANOEL DA NOBREGA. | Célebre Jezuita. | } Indispõe-se com o governador geral por ter chamado sua attenção sobre o procedimento do filho, e reprehendido á este. | 1553 — 1555 |
| | | | Pede e não obtem quanto deseja, o castigo dos colonos e indios que tinham atacado o collegio de S. Paulo. |
| JOZÉ DE ANCHIETA. | Chamado depois o Apostolo do Novo Mundo. | } É chamado á Lisboa e parte. | 2 de Julho de 1556 |
| | | | Naufraga nos baixos chamados de D. Rodrigo e é devorado pelos Cahetés |
| ALVARO DA COSTA. | Filho do governador Duarte da Costa. | } Reccebe a noticia da sua nomeação para Provincial dos Jezuitas no Brazil. | 1553 |
| DIOGO ALVARES. | O Caramuri. | | } Transfere o collegio dos Jezuitas de S. Vicente para o interior, onde se funda o que teve o nome de S. Paulo pelo dia em que nelle se celebrou a primeira missa. |
| NICOLÃO DURAND VILLEGAGNON. | Cavalleiro de Malia e Almirante da Bretanha. | } Chega ao Brazil, assim como outros Jezuitas, com Duarte da Costa. | |
| | | | } Bate por vezes os indios no territorio da Bahia. |
| JERONYMO DE ALBUQUERQUE. | Irmão da viuva do 1. ^o donatario de Pernambuco. | } Morre na cidade do Salvador. | |
| JOAO RAMALHO. | Capitão ou Alcaide de S. André. | | } Auxiliado pelo rei de França e pelo almirante Coligny, N. D. Villegagnon vem com uma expedição ao Rio de Janeiro, chega, desembarca na <i>Lage</i> , que logo abandona para ir assentar seo primeiro estabelecimento na ilha á que deo o nome de Coligny e que tomou o seo. |
| | | } Tem lugar uma conspiração de alguns dos seos, que elle soffoca, punindo os chefes. | |
| | | | } Chega Bois-le-Conte, seo sobrinho com um reforço de calvinistas, e dous theologos, da mesma seita, um dos quaes João de Lery. |
| | | } Bate os selvagens que tentavão destruir a capitania de Pernambuco. | |
| | | | } Com seos filhos e amigos ataca o collegio de S. Paulo e é repellido. |



LIÇÃO X.^a

MEM DE SÁ — TERCEIRO GOVERNADOR
 GERAL DO BRAZIL.
 (1558 — 1573.)

Diferente dos dous primeiros governadores geraes do Brazil, que havião trazido fixado o periodo de trez annos para a duração dos seus governos, e que só o excedêrão pela demora e falta de quem lhes succedesse, o dezembargador Mem de Sá não trouxe um prazo marcado á sua administração que elle deveria exercer em quanto bem servisse e aprovesse ao rei, e entrando na qual, teve logo a satisfação de ver serenarem-se os animos, e restabelecer-se a harmonia na capital da grande colonia; mas nem por isso deixárão de ser immensamente trabalhosos os primeiros annos do seo governo, porque além de outros cuidados, foi-lhe preciso combater o gentio altanado e formidavel, desalojar do Rio de Janeiro os francezes, e resistir á calamidade da peste e ás consequencias d'ella.

Logo ao tomar posse do seo importante cargo, e quando atacava de frente e bania os abuzos dos

empregados de justiça, e daquelles que della vivião e que por vistas de sordido interesse excitavão demandas e questões judiciaes, Mem de Sá teve de socorrer com alguma força a capitania do Espirito Santo terrivelmente ameaçada pelos goytacazes; mandou pois o necessario auxilio e como chefe seo proprio filho Fernando de Sá, que lá morreo de uma flexada, sellando com o seo sangue a victoria dos portuguezes.

Emquanto esperava refórços de Portugal para atacar os francezes, occupou-se muito sériamente do gentio amigo, reunindo-o em aldêas, subordinando-o aos seos proprios maioraes sob a direcção dos padres da companhia de Jezus. Condemnou ás mais graves penas a antropophagia, e com a sua vontade fórte conseguiu bani-la das hordas sujeitas ao seo poder.

Vendo que a capitania dos Ilhéos corria os mesmos perigos que a do Espirito Santo, partio Mem de Sá em pessoa á deffende-la, levando consigo Vasco Rodrigues de Caldas já conhecido pelo seo valôr, e que ali conquistou novos titulos de bravura, vencendo e destroçando os selvagens, que pedirão e obtiverão paz.

Vio emfim o governador chegar de Portugal o reforço esperado, e com este e os valentes que pôde reunir na Bahia, e os que foi buscar o padre Nobrega á S. Vicente, entrou a barra do Rio de Janeiro em Março de 1560.

1560.

Já então não se achava no Rio de Janeiro o

célebre Villegagnon. Depois da conjuração dos normandos sentira crescer-lhe o desgosto de um viver atormentado pela desconfiança; reconhecêra que a dissidencia em grande parte por elle mesmo provocada diminuía as forças de sua colônia; tornára-se oppressôr desde que não pôde mais conservar no rosto a mascara da hypocrizia, e enfim tendo abjurado o calvinismo, e vendo-se cercado de inimigos e de perigos comprehendêra que lhe não convinha ficar por mais tempo no estabelecimento que fundára, e á pretexto de ir buscar novos auxilios, retirou-se para a Europa, onde o perseguido a alcunha de *Caim da America*. com que o marcáráo os calvinistas ressentidos.

As forças dos francezes que se reduzião á cem homens deixados no fôrte Coligny por Villegagnon, e á aquelles que se havião retirado para o continente, e enfim aos tamoyos alliados intimou Mem de Sá por escripto que se rendessem á 15 de Março de 1560, e como não fosse obedecido, desembarcou na ilha e a tomou depois de um combate porfiado que durou dous dias e duas noutes, laborando a artilharia em terra e no mar, e ficando prizioneiros mais de cem francezes.

Entretanto esta victoria não foi decisiva nem pagou com resultados seguros o sangue derramado, porque não dispondo Mem de Sá de recursos sufficientes para deixar no Rio de Janeiro guarnecendo o fôrte a gente indispensavel, e receiando talvez algum ataque dos francezes, que pudessem chegar

da Europa ou mesmo dos que tinham-se acolhido ao continente, mandou demolir a fortaleza e recolher a artilharia, e abandonou o Rio de Janeiro, voltando de novo os francezes ás suas posições, e nellas outra vez se fortalecendo sem difficuldade nem opposição.

De volta do Rio de Janeiro dirigio-se Mem de Sá a S. Vicente antes de tornar á Bahia, e ali determinou a transferencia da villa de Piratininga para a povoação de S. Paulo, onde estava o collegio dos Jesuitas, que fórao naturalmente os propugnadores desta medida, e a conseguirão pela grande influencia, de que se achavão armados. De S. Vicente passou o governador ao Espirito Santo, e attedendo ás supplicas do povo tomou conta d'essa capitania, renunciada á corôa pelo seo donatario velho e doente, e nomeou a Belchior de Azevedo para o cargo de capitam-mór.

1561. No anno seguinte, 1561, os aymorés, indios de costumes diversos dos tupys, e mais barbaros que estes, selvagens que não tinham nem rêdes, nem tujupares, nem tabas, e em quem a antropophagia era não só um requinte de feróz vingança, mas ainda uma satisfação da mais repugnante e horrivel gula, assolavão as capitancias dos Ilhéos e de Porto Seguro e embora lhes opuzesse o governador geral forças efficazes, sustentárão uma guerra sanguinolenta e terrivel, e, se fórao desbaratados, ainda assim voltárão á carga annos depois para marcar a época da decadencia e da ruina das duas capitancias.

Mal começava Mem de Sá a descansar destas

fadigas, quando ao sul do Brazil colonizado se annunciou a mais tremenda tempestade. As numerosas hordas dos tamoyos se haviam ligado e jurado derrocar o poder portuguez. A capitania de S. Vicente foi o theatro de uma guerra terrivel. Em 1562 a villa de S. Paulo atacada desabridamente deveo a sua ^{1562.}salvação em maxima parte ao velho Tabyreçá, a quem aliás Jagoanharo, seo sobrinho, movido sem duvida pelos laços de parentesco, e pelo desejo de arrancar aos portuguezes tão denodado defensor, tentara debalde chama-lo á alliança e conjuração dos tamoyos. Mas embora repellidos no ataque de S. Paulo os selvagens colligados crecião em numero, e devastavão fazendas, e ameaçavão povoações. O perigo era immenso.

Foi então que Nobrega e Anchieta pela sua piedade e dedicação salvárão as capitánias do sul do Brazil, pelo menos conseguirão poupa-las á uma guerra assoladora e desesperada. Os dous missionarios corrêrão ao seio dos selvagens, e na ilha de Iperoyg, onde se tinham reunido os morubixabas, apresentarão proposições de paz : em quanto Nobrega, depois de vencer uma opposição pertinaz dos gentios, voltava a dar conta dos seus trabalhos, e a pedir a entrega dos tamoyos prisioneiros, como principal condição da paz, ficou Anchieta em refem na ilha, onde se fez notavel pela sua paciencia, e por sua virtude e castidade, e pela promessa á Virgem immaculada de compôr um poema a ella consagrado, promessa que começou logo a cumprir, improvisando os versos

à passear pelas praias, e escrevendo-os na arêa para mais imprimi-los na memoria. Emfim Nobrega voltou, e os dous Jesuitas conseguirão restabelecer a paz entre os tamoyos e os portuguezes.

Mas ao tempo que se dissipava esta tormenta, principiava já a sentir-se uma calamidade não menos fatal. A peste das bexigas desenvolveo-se na ilha de Itaparica, e della passou á cidade do Salvador, e ás aldêas e fazendas visinhas, dizimando a população e fazendo principalmente horriveis estragos nos indios, que em grande numero fugirão para o interior e para ás florestas. Á peste seguiu a fôrme, e a capital do Brazil, como outras povoações, apresentou o quadro da mais lamentavel miseria.

O governador geral acabava apenas de triumphar de todas estas provações, e já a guerra outra vez prendia sua attenção, e reclamava os seos cuidados no Rio de Janeiro, onde os francezes se mostravão altivos e dominadores.

Attendendo a côrte de Lisbôa ás instancias de Mem de Sá, dos Jesuitas, e de quantos puderão fazer-se ouvir, d'ali partio Estacio de Sá, sobrinho do governador geral, com uma expedição, e chegou á Bahia, trazendo ordem de expulsar de uma vez para sempre os francezes do Rio de Janeiro, e fundar uma cidade naquelle immenso golfo, que tão recommendado fôra por Thomé de Souza e o era por Mem de Sá.

Estacio de Sá recebeu do governador geral o reforço possivel, e a coadjuvação do ouvidor Braz Fragozo, que foi mandado ao Espirito Santo e á S. Vicen-

te, levantar os auxiliares que pudesse, e navegando logo para o Rio de Janeiro, penetrou na bahia, suppondo que só por si poderia levar ao cabo a empreza, de que vinha encarregado; reconhecendo porém o seo erro, foi para S. Vicente, e tendo ali reunido quantos combatentes apparecêrão para segui-lo, tornou ao ponto do seo destino, e em fins de Fevereiro de 1565 desembarcou junto do Pão d'Assucar, onde se fortaleceo, e lançou os fundamentos da nova cidade á que chamou de S. Sebastião em lembrança do nome do rei, chegando mesmo a nomear um juiz ordinario, e a dar pösse ao alcaide-mór designado para ella, e a outros officiaes. 1565.

Todo o anno de 1565 e o seguinte fôrão occupados em ataques e combates dos francezes e tamoyos contra a nascente cidade, repellindo-os sempre Estacio de Sá; mas uma tal situação era intoleravel: inimigos que se conservavão á vista, que quase se podião fallar, sustentando-se cada qual em seo campo, e cada qual sem meios sufficientes para triumphar decisivamente do outro, sómente barateavão sem proveito o sangue e as vidas dos combatentes.

Finalmente Mem de Sá informado das circunstancias em que se achava seo sobrinho por Anchieta, que tinha ido receber ordens sacras do segundo bispo do Brazil D. Pedro Leitão, chegado em 1559, resolveose a ir soccorre-lo, e embarcando-se em uma expedição commandada por Christovão de Barros, depois de chamar ás armas novos bravos no Espirito Santo, onde alistou-se em suas bandeiras Martin Affonso

Ararigboya, e ainda tambem em S. Vicente, foi chegar ao Rio de Janeiro no dia 19 de Janeiro de 1567. 1567, e como o seguinte era consagrado á S. Sebastião, padroeiro da cidade, determinou aproveitá-lo para atacar os francezes e de feito investio a posição de *Uruçu-mirim* (talvez junto do rio Carioca no Flamengo) venceu ahi os francezes, e de novo os derrotou completamente na ilha de *Paranápuam* (ilha do mar) *Maracaiá* (ilha do gato) que vem a ser a *ilha do Governador*, para onde se tinham retirado os inimigos.

A victoria foi d'essa vez completa pelas suas consequencias; mas custou a vida á um avultado numero de bravos, e entre elles á Estacio de Sá, que ferido por uma fléxa no rosto, falleceo pouco depois.

Mem de Sá com razão julgou acertado mudar o assento da cidade, e escolheu para ella o morro que hoje se chama do Castello, e que então foi convenientemente fortalecido, e onde começou a medrar a povoação; e depois de tantos trabalhos e fadigas, enfim voltou para a Bahia, deixando por governador do Rio de Janeiro a Salvador Corrêa de Sá, outro sobrinho seo.

A expulsão dos francezes do Rio de Janeiro foi um acontecimento feliz e de maxima importancia. O dominio da França em uma parte do Brazil importava uma divisão do paiz nessa época, bem como no futuro, e portanto a quebra desse todo immenso e prodigioso que fórma hoje o vasto impe-

rio do Brazil, grande pela extensão e pelas riquezas e não menos grande pela identidade da religião, dos costumes, da lingua, e das tendencias do seo povo, identidade que não existiria, se mais de uma nação o tivesse colonisado.

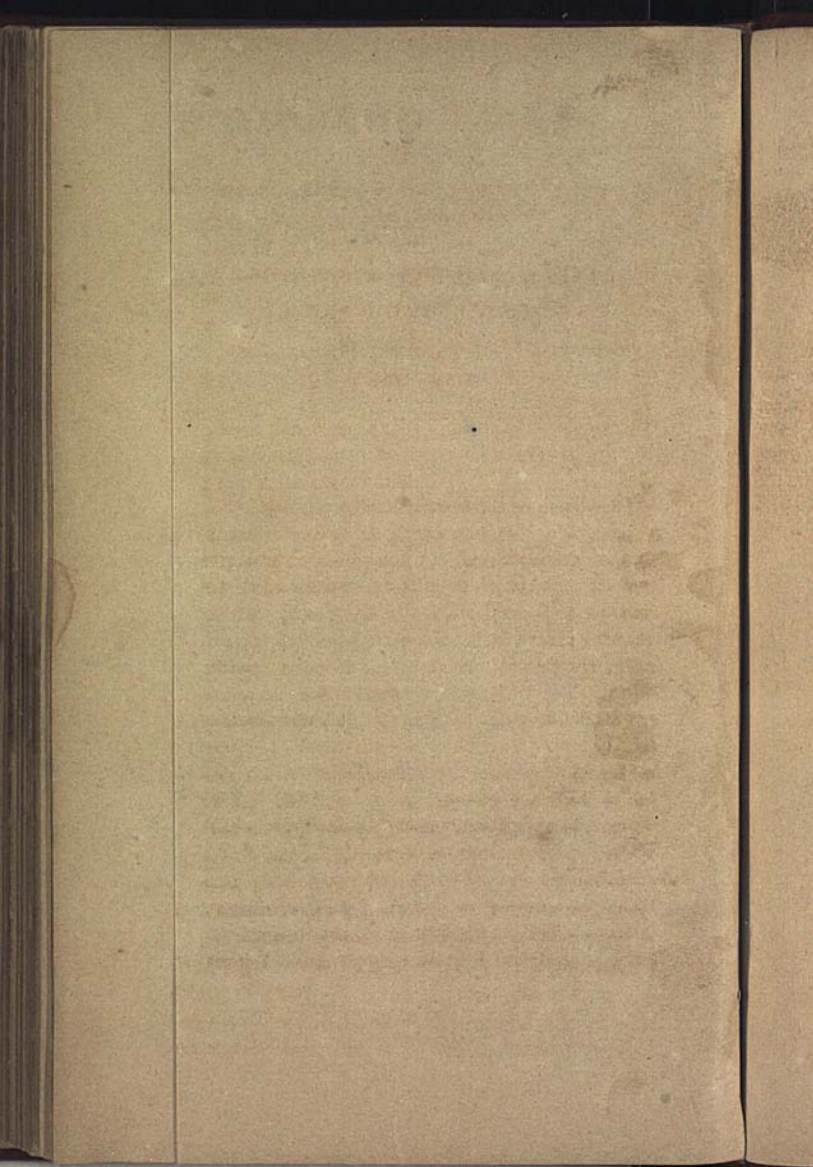
Longa e laboriosissima tinha sido a governação de Mem de Sá, e elle instava fôrtemente por sua demissão que emfim conseguiu obter em 1573, em que entregou a suprema administração do Brazil; não teve porém a consolação que tanto dezejava, de voltar para Portugal e morrer no seio de sua familia, porque logo depois e no mesmo anno falleceo na cidade do Salvador.

A magnitude dos perigos e difficuldades que em seo governo teve Mem de Sá de vencer, os abuzos e vicios que soube atacar e corrigir, a importancia da victoria que alcansou sobre os francezes, as derrotas que fez provar aos aymorés, e outros selvagens, as aldêas em que reunio os indios amigos, e as providencias que tomou a respeito das diversas capitancias, são serviços que não pôdem ser esquecidos, e que dão á Mem de Sá um logar honroso e distincto na historia do Brazil colonial.

É bem certo que no tempo da sua administração foi tendo sensivel desenvolvimento um germen de futuras inconveniencias para o Estado. A companhia dos Jesuitas plantava o seo poder na America portugueza, sendo n'esse empenho ajudada pelo proprio governo, que não se descuidava de engrandecer a influencia daquelles padres; mas é preciso

não esquecer que Mem de Sá obedecia na tolerancia desse facto ás idéas que predominavão na Côrte de Lisbôa, e, por outro lado, que essa influencia dos Jesuitas era benefica e salutar para os indios, era o verdadeiro escudo que os deffendia n'essa época, e ainda o foi longos annos depois, em que os abuzos e a prepotencia dos colonisadores tanto fizerão soffrer a aquelles infelizes,





QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO X.^a

Mem de Sá-Terceiro governador-geral do Brazil.

| PERSONAGENS : | ATTRIBUTOS : | FEITOS E ACONTECIMENTOS : | DATAS. |
|---|---|---|-----------------------|
| MEM DE SÁ. | Dezembargador e 5.º governador geral do Brazil. | Succede no governo geral do Brazil á Duarte da Costa, sendo nomeado para exercer esse cargo em quanto bem servisse. | 1558 |
| | | Restabelece a harmonia na capital, corrige os abuzos dos empregados de justiça, e manda seu filho com alguma força em soccorro da capitania do Espírito Santo atacaada pelos Goytacazes. | 1558 |
| | | Reune em aldeas os indios amigos sob a direcção dos Jezuítas : vai em pessoa soccorrer a capitania dos Ilhéos ameaçada pelos selvagens. | 1559 |
| | | Ataca e bate os francezes no Rio de Janeiro. | 15 de Março de 1560 |
| | | Em S. Vicente muda a villa de Piratininga para a povoação de S. Paulo, e no Espírito Santo toma conta da capitania em nome do rei. | 1560 |
| | | Faz bater os Aymorés em Porto Seguro e nos Ilhéos. | 1561 |
| | | Vai em soccorro de Estacio de Sá e entra no Rio de Janeiro. | 19 de Janeiro de 1567 |
| | | Derrota e desaloja os francezes. | 20 de Janeiro de 1567 |
| | | Muda o assento da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro para o alto do morro do castello—deixa como governador della a Salvador Corrêa de Sá. | 1567 |
| | | Obtem enfim á sua demissão e morre na Bahia. | 1575 |
| FERNANDO DE SÁ. D. PEDRO LEITÃO. | Filho do 5.º governador geral do Brazil. 2.º bispo do Brazil. | Morre combatendo os Goytacazes no Espírito Santo | 1558 |
| | | Chega á cidade do Salvador. | 1559 |
| ESTACIO DE SÁ. | Sobrinho de Mem de Sá—capitão portuguez. | Chega de Portugal com uma expedição para lançar fóra do Rio de Janeiro os francezes eahi fundar uma cidade: recebe auxilios do governador geral e das capitánias do Espírito Santo e S. Vicente, e entra na bahia do Rio de Janeiro, e desembarca junto do Pão d'Assucar, e ahi funda a cidade, nomeando e empossando diversas autoridades. | 1565 |
| | | Morre de uma flexada recebida no dia 20 de Janeiro. | 1567 |
| SALVADOR CORRÊA DE SÁ. NICOLÃO DURAND VILLEGAGNON. | Ontro sobrinho de Mem de Sá. Almirante da Bretanha. | É nomeado governador do Rio de Janeiro e entra no exercicio do cargo. | 1567 |
| | | Retira-se do Rio de Janeiro sob pretexto de ir buscar soccorros á França. | 1559 |
| MANOEL DE NOBREGA. | Provincial dos Jezuítas no Brazil. | Consegue desfazer a conjuração dos tamoyos e obtem a paz para os portuguezes com o concurso de Anchieta. | 1562 |
| | | Toma ordens sacras na Bahia, e pede a Mem de Sá que vá em soccorro de Estacio de Sá contra os francezes do Rio de Janeiro. | 1566 |
| JOZÉ DE ANCHIETA. MARTIN AFFONSO ARARIGBOYA. | O célebre missionario Jezuíta. Indio convertido. | Vai do Espírito Santo acompanhando Mem de Sá contra os francezes. | 1566 ou 1567 |
| | | Ataca com muitos outros gentios a povoação de S. Paulo. | 1562 |
| JAGOANHARO. MARTIN AFFONSO TEBYREÇÁ. | Terrivel chefe de uma horda selvagem. Indio convertido e já célebre. | Defende a povoação de S. Paulo que em grande parte lhe deve ter escapado ao furor dos tamoyos confederados. | 1562 |
| | | É nomeado capitão-mór da capitania do Espírito Santo. | 1560 |
| BELCHIOR DE AZEVEDO. VASCO RODRIGUES CALDAS. | Colono portuguez de muito merecimento. Valente caudilho portuguez. | Acompanha o governador á capitania dos Ilhéos e com elle bate o gentio. | 1559 |

LIÇÃO XI.^a

DIVIZÃO DO BRAZIL EM DOUS GOVERNOS E SUBSEQUENTE REUNIÃO EM UM SÓ.

DOMINIO ESPANHOL.

(1573 — 1584.)

Attendendo ás supplicas reiteradas de Mem de Sá já em 1569 o governo portuguez lhe tinha manda-^{1569.}do um successor em D. Luiz de Vasconcellos, e com este um reforço de mais de setenta Jezuitas em uma frota de seis navios e uma caravella; atacada porém a expedição por navios huguenotes commandados por Jacques Sore e João Capdeville, morreo Vasconcellos no combate, e mortos fôrão, ou prisioneiros ficarão todos os que com elle demandvão o Brazil.

Em 1573 pareceo demaziadamente oneroso para^{1573.} um só homem o governo de todo o Brazil, que no ultimo decennio tivera um rapido desenvolvimento; resolveo pois o rei D. Sebastião dividir em duas a administração superior deste paiz, designando para capital do novo governo geral a cidade recentemente fundada do Rio de Janeiro, ficando-lhe sujeitas todas as capitancias do sul á começar da do Espirito

Santo, e continuando sob a jurisdição da antiga capital todas as outras capitanias de Porto-Seguro para o norte; e nomeou governador-geral da primeira o Dr. Antonio Salema, magistrado que já se achava no Brazil, e da segunda o conselheiro Luiz de Brito e Almeida.

Pouco mais ou menos por este tempo morreo o bispo D. Pedro Leitão, a quem veio depois succeder em 1586 D. Fr. Antonio Barreiros, sendo neste mesmo anno creada uma prelazia para as capitanias do sul com jurisdição ordinaria e independente do bispo diocesano do Brazil.

Embora a grande colonia de Portugal na America houvesse realmente augmentado em população, e attingido a um certo grão de desenvolvimento no correr da governação de Mem de Sá, nem por isso foi bem aconselhada a sua divisão em dous governos geraes. A acção governamental e administrativa tinha de ressentir-se de alguma fraqueza desde que em vez de um, fossem dous os centros, donde ella partisse; nem era de prudente calculo politico em relação ao futuro quebrar em duas porções um todo unico e homogeneo. Dous governadores geraes não seriam sufficientes, se os chefes das capitanias fossem fracos, negligentes e desmoralizados; um só continuaria a ser bastante, se aquelles chefes se mostrassem justos, energeticos e dedicados. Emfim os recursos e meios que a Côte de Lisbôa devia pôr á disposição de cada um dos dous governadores geraes, actuando assim separadamente, em certas circumstan-

cias e nos casos mais graves não chegarião a produzir os mesmos resultados, que produzirião partindo de um só ponto, onde um só poder, e uma só providencia os tivesse reunidos, e de todos elles se pudesse servir opportunamente.

O tempo hia com a lição da mais breve experiencia fazer o governo do rei D. Sebastião corrigir um erro, cujas consequencias fôrão apenas sentidas no que aliás poderião ellas ter de menos grave e pernicioso.

Os dous novos governadores geraes reunirãose na cidade do Salvador e com o ouvidor geral e com os padres da companhia de Jezus discutirão o importante assumpto da liberdade ou antes do captiveiro dos indios, e a 6 de Janeiro de 1574 assentãrão em um accordo constante de dez artigos que por isso mesmo que parecêrão indicar algum favor aos indios, não pôdem ser excusados senão pelo atrazo daquella época, e pela especie de direito que a prepotencia inventára para legalizar a oppressão, visto como aquelle favor ainda era o captiveiro com algumas excepções, que não tinham de ser attendidas nem respeitadas.

. Separando-se os dous governadores-geraes, foi cada um delles exercer a sua administração, deixando-se no entanto ambos guiar pelo mesmo pensamento : — a dilatação das conquistas e o abatimento do gentio.

Luiz de Brito e Almeida preparou a futura capitania de Sergipe, atacando e submettendo o gentio

6 de
Janeiro
de 1574

do Rio Real ao norte da Bahia, e ainda, em uma empreza menos bem succedida, abriu caminho para a conquista da Parahyba.

Ao sul o doutor Antonio Salema desenvolvia o mesmo systema; com dobrado vigor porém. Vendo que os tamoyos e outros selvagens excitados por alguns francezes que com elles tinham ficado, e por outros que continuavão a fazer o contrabando do pão brazil, satisfazião o odio que tinham aos portuguezes assaltando e destruindo os seus estabelecimentos agricolas, e ameaçando talvez os colonos com uma nova guerra, resolveo pôr um termo a esta situação insuportavel, e reunindo uma força de trezentos portuguezes e setecentos indios alliados, para a qual concorrerão as capitancias do Espirito Santo e de S. Vicente, movêo tão energica, e despiada perseguição aos selvagens, atacando-os em todas as suas aldeas desde as visinhanças da cidade até Cabo-Frio, levando aos proprios desertos o terror e a morte, destruindo cabildas inteiras, e matando ou reduzindo á escravidão a tão subido numero de gentios, que obrigou enfim as hordas restantes a realisar a emigração, de que fallão muitos historiadores e chronistas, emigração que, dizem, sómente parou diante das agoas immensas do Amazonas, ficando em poder dos portuguezes no Rio de Janeiro não menos de oito á dez mil prisioneiros.

Mas nem mesmo estas victorias, e as de Luiz de Brito, nem mesmo a unidade de pensamento

que estreitava os dous governadores-geraes puderão disfarçar a inconveniencia da divizão do Brazil em duas grandes administrações : os dous altos funcionarios que á frente dellas estavam, fôrão os primeiros a offerecer observações contra aquella medida, e a côrte de Lisbóa determinou á final em 1577 reunir 1577. de novo nas mãos de um só o governo de todo o Brazil, que ou Luiz de Brito conservou ainda durante um anno, ou immediatamente foi delle impossado Lourenço da Veiga em principios de 1578, anno de luto para a monarchia portugueza e precursor de males e de calamidades para o Brazil.

Em 1569 tinha o rei D. Sebastião tocado aos quatorze annos de idade e tomado em suas mãos ainda fracas e inexperientes as rédeas do governo; e impellido pela educação funesta, que recebêra, pela lembrança dos feitos brilhantes dos portuguezes, pelo desejo impetuoso e fatal, que em seo espirito talvez malignamente havião acendido, de estremar-se em guerras contra os mouros tanto ou mais do que os seos antepassados, e emfim tambem por conselhos que bem puderão ter sido comprados pelo ouro de Filippe 2.^o de Hespanha, o mais astuto e o menos escrupuloso dos reis, arrojou-se o joven monarcha portuguez á uma empreza imprudente e arriscadissima, que custou ao Estado enormes sommas de dinheiro, e á nação além de um horrivel tributo de sangue, a sua independencia e liberdade.

Em 1578 morreo em Africa D. Sebastião com a 1578.

flôr da nobreza luzitana. Em Alcacerquibir abriose a sepultura do famoso Portugal de dous séculos de gloria. O cardeal D. Henrique, velho e proximo do eterno descanso, empunhou o leme do Estado para morrer pouco mais de um anno depois. Ao annuncio do seo passamento a aguia da Hespanha em vôo sinistro lançou-se sobre Portugal. Pretendentes ao throno que vago ficára, a duqueza de Bragança e D. Antonio, Prior do Crato, tiverão de ceder o campo a Filippe 2.º, que, novo Breno, atirou sua poderosa espada na balança, fazendo entrar no reino, que cubiçava, o duque d'Alba com um exercito de vinte e cinco mil homens; e com argumento tão decisivo fez-se aclamar rei de Portugal pelas côrtes de Thomar.

Facil em prometter quando tratava de chegar aos fins que visava, Felippe 2.º confirmou as leis e privilegios da nação portugueza; assegurou que nem levantaria novos impostos nem augmentaria os antigos, e que não daria os cargos e empregos em Portugal e nas suas respectivas possessões senão á portuguezes. Como cumprio elle essas promessas cabe dize-lo á historia de Portugal, e diloha a do Brazil no que a este paiz se reffere.

Semelhante revolução affectou profundamente á população européa do Brazil que era toda portugueza e natural odienta á Hespanha; nesses tempos porém era a obediencia a primeira virtude do vassallo e o governo legal de Filippe 2.º foi aclamado e reconhecido em toda a America portugueza.

O Prior do Crato mal podendo disputar a corôa de Portugal com o apoio, aliás insufficiente, que lhe prestava a França, vio vencida perto dos Açôres uma expedição franceza que deffendia a sua cauza e teve ainda de saber, que trez navios da mesma nacionalidade mandados ao Brazil com a intenção de fazer valer seos direitos, nem mesmo entrando no porto do Rio de Janeiro, poderão communicar com a cidade, porque Salvador Corrêa de Sá que ahi governava, e que tinha já aclamado Philippe 2.^o, os repellira mandando sobre elles fazer fogo.

Passou portanto o Brazil para o dominio hespanhol, e no governo de Lourenço da Veiga, em que teve lugar esse acontecimento, apenas se encontra dignos de menção os factos da exploração do rio S. Francisco por João Coelho de Souza, e do interior pelo sertão até Minas por Antonio Dias Adorno, além de uma nova tentativa para a colonisação da Parahyba.

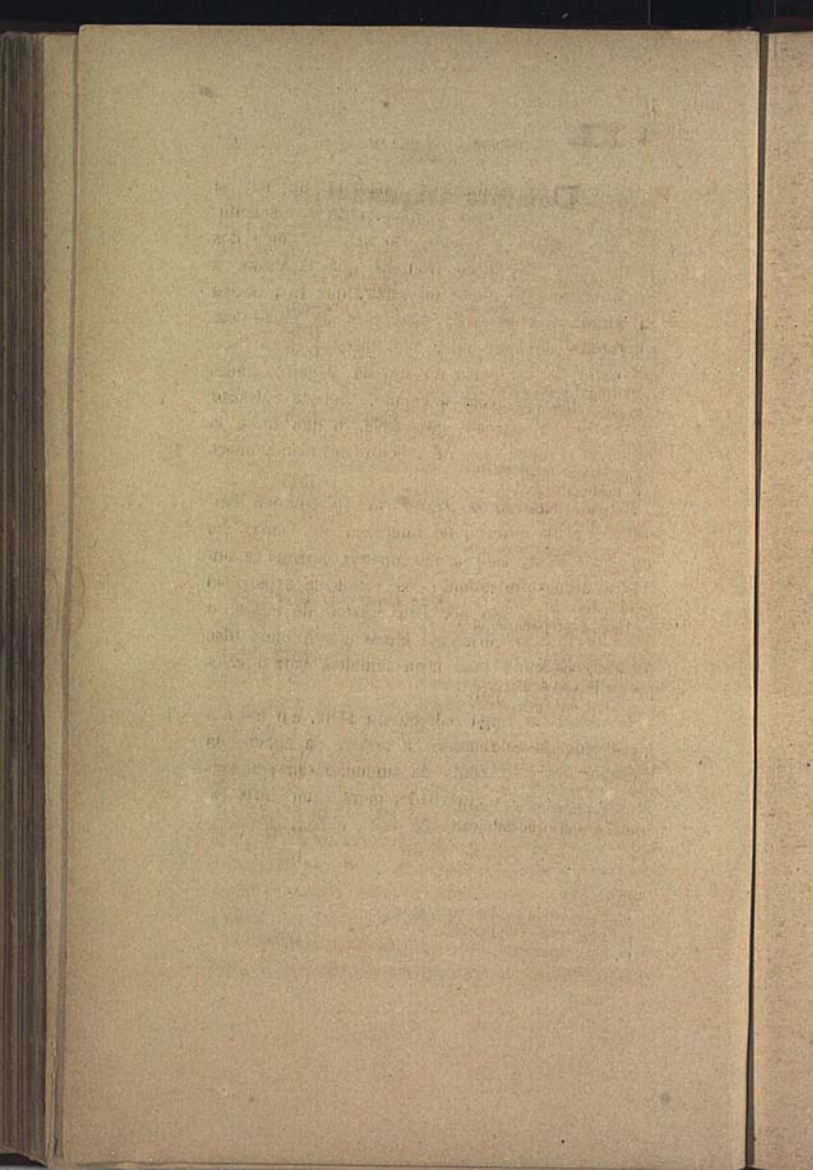
Lourenço da Veiga fallecêo em 1581, e o bispo e ^{1581.} o ouvidor geral reunidos á camara da cidade do Salvador tomárão conta da administração emquanto não chegava o governador-geral, que devia estrear na época inteiramente nova e bem distincta, que começava para o Brazil.

F I M .

QUADRO SYNOPTICO DA LIÇÃO XI.^a

Divisão do Brazil em dous governos e subsequente reunião em um só. — Dominio hespanhol.

| PERSONAGENS : | ATTRIBUTOS : | FEITOS E ACONTECIMENTOS : | DATAS. |
|-------------------------------|--|--|------------------------------|
| D. SEBASTIÃO—O Dezejado. | Rei de Portugal. | Morre na batalha de Alcacerquibir na Africa. | 1578 |
| D. HENRIQUE—O Casto. | { Cardeal—III.º filho d'ElRei D. Manoel—0 } Afortunado. | Succede a D. Sebastião no throno de Portugal. | 1578 |
| FILIPPE II.º—1.º DE PORTUGAL— | Rei de Hespanha. | Morre. | 1580 |
| D. ANTONIO. | { Prior do Crato—era filho natural do infante } D. Luiz o segundo filho de D. Manoel o Afor- tunado. | { Faz-se reconhecer e aclamar rei de Portugal pelas côrtes de Thomar, fazendo entrar o duque d'Alha com vinte e cinco mil homens em Portugal. } É aclamado em todo o Brazil. | 1580—a—1584 |
| LUIZ DE BRITO E ALMEIDA. | Conselheiro. | { É vencida perto dos Açores uma expedição franceza que defendia suas pretensões ao throno de Portugal. } São repellidos do Rio de Janeiro alguns navios francezes que vem com a intenção de fazer valer os seus direitos. | 1581 |
| DOUTOR ANTONIO SALEMA. | Magistrado portuguez e já empregado no Brazil. | { Tendo-se dividido o Brazil em dous governos geraes, é nomeado governador geral das capitancias do norte. } Reune-se com o Dr. Antonio Salema na Bahia e assentão em um accordo de dez artigos sobre os indios. } Ataca e submette o gentio do rio Real, e prepara assim a futura capitania de Sergipe. | 1573 6 de Janeiro de 1574 |
| DIOGO LOURENÇO DA VEIGA. | 5.º governador geral do Brazil. | { É nomeado governador geral das capitancias do Sul. } Persegue desapiadadamente o gentio no Rio de Janeiro, destruindo hordas inteiras, faz de oito a dez mil prizioneiros, e obriga as cabildas restantes a emigrar. | 1573 |
| D. FR. ANTONIO BARREIROS. | 5.º bispo do Brazil. | { É nomeado governador geral do Brazil reunindo-se de novo em um só os dous governos. } Morre na cidade do Salvador. | 1578 1581 |
| JOÃO COELHO DE SOUZA. | Colono portuguez. | { Succede ao finado D. Pedro Leitão no hispado do Brazil, creando-se ao mesmo tempo uma prelazia independente para as capitancias do Sul. } Explora o rio de S. Francisco. | 1576 1579 |
| ANTONIO DIAS ADORNO. | Colono portuguez. | Explora o interior e vai até Minas. | |
| D. LUIZ DE VASCONCELLOS. | Fidalgo portuguez. | { É nomeado governador geral do Brazil e vindo para o seo destino é atacado por navios de huguenotes, sendo elle morto, e mortos e prizioneiros muitos Jezuitas, } | 1560 |



CONTENTS

PART I

1. Introduction 1

2. The History of the Republic 15

3. The Constitution 35

4. The Executive Power 55

5. The Legislative Power 75

6. The Judiciary Power 95

7. The Local Government 115

8. The Social and Economic Conditions 135

9. The Education System 155

10. The Health and Welfare Services 175

11. The Foreign Relations 195

12. The Defense Forces 215

13. The Cultural Heritage 235

14. The Environmental Issues 255

15. The Future Prospects 275

INDICE.

| | PAGINAS |
|---|---------|
| PREFACIO | 5 |
| LIÇÃO I. ^a — <i>Considerações Preliminares.</i> | 7 |
| LIÇÃO II. ^a — <i>Descobrimto do Brazil.</i> | 23 |
| LIÇÃO III. ^a — <i>Primeiras Explorações.</i> | 33 |
| LIÇÃO IV. ^a — <i>Christovão Jacques e Martin Affonso de Souza</i> | 43 |
| LIÇÃO V. ^a — <i>O Brazil em geral — Povos que o habi- tavão na época do seo descobrimto.</i> | 55 |
| LIÇÃO VI. ^a — <i>Systema de colonização do Brazil empregado por D. João III.^o</i> | 83 |
| LIÇÃO VII. ^a — <i>Primeiros Donatarios de Capitánias Hereditárias no Brazil.</i> | 93 |
| LIÇÃO VIII. ^a — <i>Estabelecimto de um governo geral no Brazil : Thomé de Souza — Primeiro Governador Geral.</i> | 107 |
| LIÇÃO IX. ^a — <i>Duarte da Costa — Segundo Governador Geral do Brazil.</i> | 117 |
| LIÇÃO X. ^a — <i>Mem de Sá — Terceiro Governador Ge- ral do Brazil.</i> | 127 |
| LIÇÃO XI. ^a — <i>Divizão do Brazil em dous Governos, subsequente reunião em um só. — Dominio Hespanhol.</i> 137 | |